



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

HISTORIA

de

UM VOLUNTARIO PAULISTA

POR

Vicente Felício de Castro.

BANANAL

—**Echo Bananalense**—DE J. A.
BITTENCOURT. —Rua da Misericórdia, n. 13.

1871

HIISTORIA

de

UM VOLUNTARIO DA PATRIA

POR

Vicente Felix de Castro.

TYP. BANANAENSE.

1869;

Dedicatória á S. Alteza, Marechal de Exercito, o Sr. Conde d'Eu.

Permitta que offereça á V. Alteza esta insignificante mas sincera prova de profunda gratidão e respeito que tributa á V. Alteza o obscuro escriptor, que acoroçoado pelas animadoras palavras e nimia bondade de V. Alteza, teve a ousadia de pedir á um Principe Magnanimo, dotado dos mais elevados dotes d'alma e illustração incontestavel, permissão para collocar seu alto nome na primeira pagina de um tósoco livro, que não tem outra recommendação senão o ser simples e singelamente—**HISTORIA DE UM VOLUNTARIÓ DA PATRIA.**

O AUTOR.

Cidade de Silveiras,—Março de 1869.

PROLOGO

HISTORIA DE UM VOLUNTARIO DA PATRIA

I

Nos suburbios da cidade de * * * do norte desta provincia de S. Paulo, existe uma pequena chacara embellezada por virentes arvoredos fructiferos, sobresahindo a linda casinha branca do sitio qual uma pombinha candida pousada em ninho de verdura. Brisas fagueiras por ahi adejão mansinhas brincando nas ramagens das arvres. Os passarinhos esvoação por aqui e acolá entoando sonoros gorgeados.

Nesse lugar, onde reina a poesia, reside uma pequena familia pobre, mas de uma honradez illibada, compondo-se ella de dois respeitaveis velhos, um joven de 20 annos e uma menina de 15.

João de Andrade, chefe dessa familia, é natural de S. Paulo, e, consequentemente, sendo um verdadeiro—Paulista—basta para patentear a todos que é um homem brioso e fiel cumpridor de sua palavra. Contando já os seus janeiros, mostra ainda vigor de saude e robustez de semblante, tendo uma estatura regular porém grave.

Nobres sentimentos se alimentão n'alma grande do nosso Paulista; a flamma santa do amor da patria incendeia-lhe o peito e deixa transparecer os seus luminosos reflexos na phisionomia sympathica de Andrade, cujos traços denotão intelligencia.

D. Luiza, a esposa do nosso honrado patricio, rastejando pela idade do marido, é igualmente

grave e digna de acatamento. Seu lugar natal é a illustrada e muito importante cidade do Taubaté, de nossa provincia.

Ernesto de Andrade, excellente joven de idéas nobres e elevadas, tem um semblante expressivo e gracioso. Educado nos principios da sã moral, é o idolo de seus paes, fazendo assim a felicidade de ambos.

Emilia, a menina de tres lustros, é um anjo formoso, esbelto e cheio de sympathia. Em seu rosto moreno de cutis assetinada e de traços mui correctos e delicados, se espelha a alma pura e terna da donzella, denunciando pelas pupillas scintillantes de seus lindos olhos pardos a existencia de um coração ardente e apaixonado.

Esta menina tem os cabellos louros, porém abundantes e naturalmente ondulados e tão finos como fios de seda. N'uma palavra emfim, Emilia é o anjo da poesia.

E' sobrinha de João de Andrade, e para cuja companhia se destinou desde que fallecêra sua mãe, irmã do nosso honrado patricio, não tendo conhecido a seu pae por ter ficado orphã no berço.

Emilia e Ernesto se amavão.

João de Andrade não se olvidára da educação de sua sobrinha; mandára-lhe ensinar a lêr, escrever e contar na escola publica da cidade; e D. Luiza, que é uma senhora toda prestimosa, aproveitando a intelligencia de Emilia, fizera-lhe comprehender tambem os thezouros de suas prendas.

Para esta pobre, mas interessante familia, o

tempo se escôava sem que em sua passagem trouxesse-lhe o menor desgosto; e dest'arte vivião no seio da felicidade fruindo as delicias dessa pittoresca e poetica situação, d'onde tiravão o fructo abençoado do trabalho, em completa tranquillidade.

O nosso Paulista vem á cidade todos os domingos, trazendo sempre a sua familia para ouvir missa. Cumprido o santo preceito da religião, volta logo para a sua chacara. Quem quer que ahi o vae procurar para alguma negociõ ou visita, Andrade o recebe com urbanidade, e então sabe desenvolver a sua palavra, conversando acertadamente sobre qualquer questã politica ou negocios de interesse geral de seu paiz, transluzindo em suas ideias as convicções liberaes que professa.

Ernesto, seguindo o exemplo de seu pae, communga os mesmos principios, almejando o progresso de sua patria, esperando, cheio de patriotismo, vel-a um dia nivelada com as mais cultas nações do velho mundo.

O joven tinha muita sympathia na cidade, e assim captava geral estima, devida á sua boa indole e educação que tivera.

Andrade possui uma casal de escravos velhos que o ajudão a lavar as terras de sua chacara.

Nessa mansão de paz, como já dissemos, reinava, pois, a felicidade.

II

Os annos passarão, e a era de 1865 bateu á porta da habitação de João de Andrade,

O dia de—Anno Bom—foi festejado alegremente pela familia do nosso patricio.

A' tarde, ella punha-se á mesa para gosar de um modesto, mas succulento jantar em honra do dia que parecia annunciar para essa gente mais uma época de ventura.

A' principio a conversação entre o nosso Paulista e sua familia estava fria e desanimada; porém quando Ernesto fallou nas graves questões da nação brasileira com os Estados do Sul, o velho encarando a seu filho com toda a dignidade, entumecendo-lhe as veias da frente alta e nobre, tomando a expressão de um sentimento profundo, murmurou, largando da faca e garfo:

—Meu filho, a alma sé me parte ao pensar no ultraje feito por essa corja de vandalos ao nosso imperio; se não estivesse hoje nesta idade, por certo que correria a acudir ao reclamo de nossa mãe commum para desaggraval-a...

Ernesto um instante olhou para seu pae como perturbado; depois mirou o semblante doce de sua prima; e como experimentando uma repentina sensação no peito, balbuciou:

—Meu pae, apezar do amor que lhe consagro,[†] e não obstante os carinhos de minha boa mãe e os encantados sorrisos de minha querida prima, com a alma cheia de saudades, partirei para o campo da batalha: não importa que grande distancia me separe de entes para mim tão sagrados; embora lembranças doridas me mortifiquem o espirito, mas terei sempre uma recompensa nas

poucas horas que sejam-me permissidas para o repouso—as imagens daquelles que me são caros virão conversar com a minh'alma recordando todas as nossas passadas felicidades... E pois os deixarei em breve...

A esposa de Andrade e Emilia fixarão a Ernesto com dolorosa expressão, articulando cada uma por seu turno :

—Quereis me deixar então, filho de meu coração ?

—Tem animo para tanto, primo ?

O velho Paulista encarando tambem o joven, em attitude mui respeitavel, disse com solemne tranquillidade :

—Meu bom filho, sinto neste instante um orgulho immenso scientificando-me que em nada desmentes o sangue puro e nobre dos Paulistas; és um bravo; o coração despedaçar-se-ha ao apartar-me de ti, e quem sabe se...

E Andrade não completou a phrase, porque a voz morreu-lhe de repente nos labios; dir-se-hia que uma como emoção de sua alma viera-lhe trazer uma idéa sinistra.

Duas lagrimas que rebentarão de seus olhos patentearão logo quaes erão os sentimentos do nosso honrado patricio.

Uma scena silenciosa, mas de uma eloquencia muito pungente se passou então entre os quatro personagens.

Houverão lagrimas paternaes e abafados suspiros de amor...

III

A esposa de João de Andrade tendo sido atacada de uma enfermidade de caracter grave a levou para a cama aonde vira-se forçada a estar por mais de vinte dias, adquirindo depois pouco e pouco as forças que havia perdido com os estragos da molestia.

O nosso Paulista, deixando de recorrer á um medico, por si proprio applicára os remedios que julgára convenientes para debellar o mal de sua respeitavel esposa.

Elle era entendido curandeiro, pois sabia consultar com proveito os livros de medicina, estudo á que se votava ha muitos annos, porém a sua habilidade não era prodigalisada senão aos membros de sua familia. O publico não ignorava que João de Andrade era um charlatão, todavia jamais havia sido elle importunado com consultas e pedidos sobre doenças, porque bellamente comprehendia-se a sua palavra de Paulista.

Tal emergencia, pois, retardou a sahida de Ernesto para S. Paulo, onde pretendia assentar praça como voluntario.

Estava-se em principios de Fevereiro.

A mãe do nosso joven patricio restabelecêra-se. Uma tarde em que se achavão a sós os dois venerandos esposos, Andrade disse sorrindo bondoso para sua mulher :

—O dia da partida do nosso bom Ernesto é sabbado. Hoje é quarta-feira, e, por consequente

só nos restão tres dias para apreciarmos a companhia de nosso filho...

E o velho deixou um profundo suspiro rasgar o seu peito, dando ao semblante uma expressão sentimental.

Pois deverás, sr. João, tem vontade que o nosso caro Ernesto parta para a guerra? não é elle o nosso unico bem, o nosso idolo, por assim dizer? Uma pobre mãe apartar-se do filho de suas entranhas e talvez para sempre! oh! isto não pôde ser! não pôde ser!

E a triste consorte de João de Andrade desatou em prantos e soluços.

O velho paulista não pôde ser insensivel á dôr de D. Luiza e contemplando-a com merencoria attitude.

—Tenho uma prensa aqui, respondeu elle levando a mão direita ao coração; minha estimavel mulher, o paulista não pôde ver com indiferença os soffrimentos de sua patria; o paulista jamais deve olvidar as glorias que em partida de honra couberão aos seus antepassados. Ernesto é um bravo rapaz, cuja nobreza d'alma reconheço; é preciso, pois, buscar uma posição na sociedade; a fortuna pôde ajudal-o lá na campanha do sul, e...

—Ajudal-o entre as balas dos inimigos, balbuciou D. Luiza limpando as lagrimas que inundavão seus olhos.

—Se o destino tem marcado um fim proximo a nosso filho, aqui, ou em qualquer outra parte, elle o encontrará inevitavelmente...

—Mas, senhor João, para que procurar-se o precipicio quando...

—Espere, minha querida mulher, atalhou Andrade com gravidade; vou convencel-a em poucas palavras quaes são os males que affligem a nossa patria, e que nós temos um dever muito religioso de defendel-a, derramando o nosso sangue por ella. Escute-me, tenha paciencia; vou fazer uma simples comparação sobre a guerra que nos flagella. Um homem tem uma propriedade agricola; vê cohortes de vandalos e selvagens invadir as suas terras e commetter toda a casta do roubos e barbarismo; qual é o seu dever n'este caso? — não é a vingança?

A boa esposa parecia dar todo peso ás observações patrioticas de seu marido; e, sacudindo a cabeça em signal affirmativo, respondeu :

—Esse homem não teria honra e seria indigno de toda a sociedade se deixasse os malvados sem punição...

—Folgo de ouvil-a assim... Pois bem, a honra do Imperio de Santa Cruz exige de seus filhos um sacrificio; não o poupemos; morra-se pelo paiz se assim fôr mister; n'estas occasiões é que se conhecem os verdadeiros brásileiros, é que se admirão as almas grandes; o sangue que corre pelas veias do nosso filho ainda não está degenerado; é o sangue do paulista, e pois elle o irá sacrificar no altar da patria. Não ha fadigas e trabalhos que não sejam recompensados. A nação será reconhecida á nosso filho.

Estas palavras sendo proferidas com intuição profunda, forão tocar todas as fibras do coração da extremosa mãe de Ernesto, que, como em delirio, apertando contra o peito o seu marido, balbuciou:

Embora a minh'alma se retalhe, embora meu coração se torture pela dôr, eu abençoarei a Ernesto; elle partirá para a guerra; possa o seu sangue lavar a mancha negra lançada em nossa patria pelos inimigos que martyrisarão os nossos irmãos do sul!

—Bravo! bravo! minha cara esposa! o seu heroismo é digno da admiração publica! murmurou João de Andrade transportado de enthusiasmo.

IV

Emquanto esta scena se dava entre o nosso paulista e D. Luiza, outra igual se representava no pomar da sua chucara.

—Então, primo, vae mesmo partir para o sul? disse Emilia, que se achava sentada embaixo d'uma lorangeira, olhando entristecida para Ernesto, que a contemplava amoroso.

—Vejo-me forçado a isso... a patria me chama; bem sabe que ella é nossa mãe...

—E deixa o meu amor? o meu amor que é tão puro e que hoje o sinto immenso?

A sua imagem, prima, irá comigo; ella encorajar-me-ha na batalha; e dest'arte voltarei cheio de gloria para fruir as delicias do hymineo no descanso de nosso sagrado lar...

—Oh! não! não quero que parta; o inimigo

póde mata-lo... meu Deos! o coração me estremece todo ao pensar na morte... eu o amo tanto!

E mudando de tom, e em voz repassada de agonia, com os bellos olhos mergulhados em lagrimas, Emilia pegando as mãos de Ernesto, articulou soluçando :

— Não, não o deixarei seguir; ha de ter compaixão de minha fraqueza... não tenho forças para dominal-a... eu morrerei se o primo ausentar-se de mim...

O mancebo se via n'uma situação melindrosa; sentia pouco e pouco a sua coragem arrefecer-se ante essa barreira que o amor lhe levantava; nunca achára Emilia tão bella, tão cheia de attractivos, como n'esse momento em que a mirava no extase d'esse amor profundo; porém, de repente, como se ouvisse um brado pungente partido d'um dos angulos da terra, abraçou freneticamente a sua amorosa prima, articulando :

— Vou acudir a patria que me chama; por ella farei todos os sacrificios; quando livral-a da oppressão d'esses barbaros selvagens, virei então correndo atirar-me anhelante e cheio de ternas saudades nos braços d'aquella a quem voto puro e santo amor!

-

V

O dia da partida de nossos bravos voluntarios para S. Paulo havia chegado.

O povo da cidade de*** apinhava-se em frente ao paço da municipalidade, em cujo largo se

achava uma soffrivel banda de musica executando pedaços das melhores peças.

O delegado de policia ahi se apresentava com magistral respeito.

As familias mais grãdas da cidade animavão esse lugar como um incentivo de enthusiasmo para os jovens que ainda esperavão occasião opportuna para irem acudir ao reclamo do paiz como voluntarios.

As senhoras que ahi se vião, estavão munidas de cestinhas de flores.

O instante da despedida dos nossos valentes defensores foi annunciado pelo delegado, que, proferindo um breve porém eloquente discurso, patenteou os males da patria, e, invocando o nunca desmentido patriotismo brasileiro, finalisou dando vivas a S. M. o Imperador, á nação brasileira, ao gabinete Furtado, aos bravos do nosso exercito, e á todos os voluntarios da patria, que forão correspondidos freneticamente pelo povo.

Muitos foguetes subirão ao ar, ouvindo-se o hymno nacional executado habilmente pela musica.

Logo o delegado abraçando um a um os voluntarios, despedio-se commovido e com os olhos em lagrimas.

Esta pathetica scena foi repetida pelos mais cidadãos grados.

Porém de repente ella tocou ao bello, ao sublime mesmo! Um joven voluntario, destacando-se das alas dos valentes da patria, correu á um dos

lados do largo e ahí ajoelhou-se aos pés d'um venerando velho, pedio-lhe a sua benção.

João de Andrade, que o leitor já terá reconhecido, abençoou ao seu caro filho, e o estreitou depois nos braços; e soluçando proferio estas palavras ungidas pelo santo amor da patria.

—Filho de minh'alma! sê fiel ao teu paiz; defende com denodo os seus brios ultrajados, o pendão auriverde seja o teu escudo no campo da batalha; morrer com elle ou vencer os nossos barbaros inimigos!

Houverão então muitas lagrimas...

Flores perfumosas choverão sobre os voluntarios da patria.

Povo e musica os acompanharão até um quarto de legua da cidade.

Supplica á Santissima Virgem.

E' uma noite muito escura. Faz um calor abrasador. Está-se em principio de Novembro de 1866.

Longinquos trovões como que ameação em breve uma borrasca.

A zoadá confusa dos insectos e animalejos, que povoão a terra, como que cortejavão o aspecto lugubre d'essa noite. »

De espaço a espaço um relampago riscando a abobada celeste vinha illuminar repentinamente o rosto de uma mulher, desenhado entre o quadro de uma janella e o escuro do vacuo, como denunciando a existencia de algum drama da vida intima, ou pagina de historia de dôr ou saudade, por isso que a attitude de tal imagem era lacrimosa e digna de attenção.

Vejamos o lugar aonde estamos, e favorecido pelos fuzilos, investiguemos esse merancorio quadro.

Pisamos o solo de uma cha cara, ao pé da cidade de***

Essa situação pertence a um nosso conhecido, João de Andrade, o Paulista honrado e que ainda vive, e de cuja familia vamos occupar o leitor, continuando a nossa — *historia de um voluntario da patria.*

Mas, em primeiro lugar, examinemos attentosamente a janella de que vimos de fallar.

Um grande relampago clareou a terra. Em seguida ribombou o trovão echoando pelas montá-

nhas ao longe. Uma voz doce, porém tremula, se ouviu.

O retrato meigo, puro e bello de uma joven oscillou n'essa janella.

Era a phisionomia amavel da sympathica Emilia, a donzella do nosso romance e sobrinha de João de Andrade, a amante fida d'aquelle que partio para as plagas paraguayas para vingar os insultos atirados por essas cohortes de vandalos, que tão grandes males hão feito ao nosso imperio.

—Minha Virgem Santa! repetio a voz de Emilia ouvindo o estrondo do trovão.

Passarão alguns minutos.

A donzella não se tinha retirado do seu lugar.

O que fazia ella ahi? A noite negra e tempestucosa não lhe incutia receios? ou idearia ella alguns pensamentos ternos do seu querido Ernesto, cuja separação lhe custára tão crueis soffrimentos?

Mas sua voz se ouve de novo.

—Oh! lembranças saudosas de meu amado Ernesto! vinde, vinde acalentar esta minha alma, que supporta o martyrio do coração, tendo em mente luctuosas imagens d'essa guerra que...

E, interrompeu-se.

Depois continuou:

—Guerra... guerra... triste destino era o da patria... ver a morte de seus queridos filhos, e ainda para cumulo de infelicidades sacrificar o seu futuro onerando-se de um peso enormissimo, e que com grandes trabalhos poderá descarregar-se d'elle! Eu te lastimo pela affronta que recebesto do

tyranno da terra guarani, e que te empenhou n'essa luta terrivel de vida e morte. Corra pois todo o precioso sangue brasileiro, fação-se todos os sacrificios humanamente possiveis para debellar-se a guerra de honra para o paiz, mas Virgem Santa! livrai, livrai o meu querido Ernesto, escudai-o com o raio de vossa divina bondade; eu vos supplico com submissão; deixai-o incolume entre as metralhas inimigas, e que o seu corpo, que me pertence, não seja ferido por esses amaldiçoados paraguayos. Oh! Virgem e Excelsa Soberana! amparaí o jóven do meu pensamento, o senhor de meu coração, e que o tortura com os espinhos da saudade... Minha rogativa é sincera, Santissima Mãe de Deos... a voz me estala em dôr... as lagrimas me alagão os olhos... prostro-me á vossas plantas sagradas implorando por aquelle a quem tanto amo!

Ouvio-se então o soluçar da donzella contrastando com o ronco da tempestade que se avizinava.

Quando outro fuzilo serpeou pela athmosphera ennegrecida, o doce semblante de Emilia já não se via na janella.

II

A carta de Ernesto.

Transportemos agora o leitor para a sala do interior da chacara de João de Andrade.

Ahi vamos encontrar o nosso respeitavel Paulista sentado n'uma cadeira lendo uma carta.

D. Luiza e Emilia o escutão com profunda atenção.

A carta era concebida assim :

« Acampamento junto as trincheiras de Curusú, 23 de Setembro de 1866.

« Meu querido pae. E' com o coração impressionado que pego na penna para fazer-lhe esta, e ás pressas, scientificando-lhe que, graças á Divina Providencia, até hoje não tenho sofrido em minha saude, e nem as balas e as metralhas horriveis dos nossos inimigos me têm feito o menor damno.

« Vmc. diga á minha saudosa e extremosa mãe, que continue a orar a Deos por mim para livrar-me, como até agora, das garras sangrentas dos paraguayos. Igualmente peço a minha estremecida e amada prima Emilia, que as orações dos anjos vão parar no seio de Deos : com ellas serei escudado affrontando os maiores perigos.

« Como lhe disse, meu pai, tristemente impressionado, não acho expressões para pintar-lhe a amargura que experimentarão todos no malogrado ataque de Curupaity. Das correspondencias officiaes terá vmc. sabido o que se ha passado. Falla-se muita cousa a respeito d'essa infeliz batalha. Uns censurão o general Mitre, outros o conselheiro Polydoro, e outros emfim o denodado visconde de Porto-Alegre; mas a realidade de tudo virão os heroicos e valentes batalhões 11.º e 12.º de voluntarios defronte os fossos e trincheiras d'aquelle forte. Era uma chuva de balas e de metralhas tão horrivel, como se fôra um fogo infer-

nal! Os bravos soldados vão morrer as dezenas de seus irmãos de armas, porém avançavam como se uma força immensa os impellisse para as trincheiras dos encarniçados inimigos; davão tiros á torto e á direito; mas quando suppunhão que n'essa tarde serião senhores da fortaleza, ouvirão o toque de retirada ordenado pelo general Porto-Alegre.

« N'esse momento, meu pai, um pesar profundo vasou no coração dos destemidos voluntarios, e constrangidos fizerão a sua retirada. Terião preferido avançar do que recuar. Mas os soldados são obrigados á obedecer as leis da guerra, e, assim, mau grado seu, deixarão de pelejar.

« Houve muita bravura, muito patriotismo da parte de nossos irmãos brasileiros. Elles não temião a morte, e a cada momento gritavão, dando vivas entusiasticos ao Imperador, e guerra de exterminio ao tyranno Lopez.

« O nosso sabio monarcha, meu pai, deve ser muito reconhecido aos seus soldados, tanto de linha, como voluntarios. Se elle estivesse á frente de seu exercito ha muito que a guerra estaria terminada. Porém, infelizmente, S. Magestade não póde sahir do seu Imperio, e assim a guerra sujeita-se ao capricho de nossos generaes, entre os quaes parece haver algum mysterio muito occulto, e que só a luz do tempo nos patenteará no futuro. Muita gente tem enriquecido por estes lugares... Mas, meu pai, será mais conveniente passar um véo por esses arcanos. D'uma ou d'outra maneira a victo-

ria será nossa. Humaytá cahirá em breve em nosso poder embora corra um rio de sangue; mas ao menos os destroços d'essa temível fortaleza attestarão ao mundo civilisado, que o Brazil, nação ainda no berço, sabe pugnar pelos seus direitos.

« Sinto o sangue affluir-me ao cerebro vendo a valentia e denodo dos brasileiros, e porque tambem, com enthusiasmo o digo, sou brasileiro e pela patria derramarei o meu sangue; e, d'est'arte, vê vmc., que não deixarei a campanha senão depois de findar a guerra.

« Espero na Divina Providencia que o dia em que conto apertar-lhe commovido ao coração, não estará longe.

« Neste instante vejo-me obrigado a finalizar esta, que já vae extensa, mas que não leva tudo quanto tinha a dizer-lhe. O commandante de meu batalhão mandou-me chamar. Talvez algum negocio de meu interesse. Todos os mais officiaes me tratão com deferencia. Sou feliz por este lado. Porém torturão-me as saudades de Vmc.", e:... Emilia, o anjo que não me tem deixado durante os meus sonhos... elle é o pharol de minha vida... por elle quero obter uma posição na sociedade; e, á custo de minhas acções a conquistarei...

« Adeos, meu bom pae, adeos minha extremosa mãe, adeos, oh! imagem doce do meu futuro... meu coração seja repartido entre ti e aquelles que me derão o ser. »—*E. de Andrade.*—P. S. Não se esqueção de escrever-me.

Ao findar a leitura da carta, João de Andrade

olhando para sua sobrinha a vio soluçando, e não podendo conter os extases do amor que vota a Ernesto, também limpou com as palmas das mãos as lagrimas que rebentaram-lhe dos olhos ao saber das verdades que acabava de ler.

D. Luiza da mesma sorte mostrou seu respeitavel semblante cheio de commoção e lacrimoso.

—O que é isto, minha gente? murmurou o velho Paulista. esforçando para dominar o seu pezar. Deos sempre bom e grande, ha de guardar o nosso Ernesto. Em breve o teremos junto de nós... oh! que tantas façanhas não nos contará elle? Anceio por esse momento...

—Ah! quando será esse dia! disse D. Luiza dando um suspiro.

—A Virgem Santa, minha tia, ha de livrar o primo do fogo do inimigo... tenho uma viva fé n alma que elle ha de voltar para ser feliz...

E, assim fallando, Emilia limpou de novo as bagas de crystal que lhe cahião pelas faces; e tomando de seu tio a carta que segurava, leu-a como querendo mitigar nas letras de seu terno amante as saudades que então lhe ralavão o peito.

Esta scena se tinha dado na mesma noite em que vimos Emilia á janella espreitando a tempestade.

Porém um forte suduésté tinha atirado para longe as nuvens percursoras da tormenta.

A borrasca, pois, foi passageira indo para o lado da Mantequeira, e não intimidando os habitantes da chacara do nosso velho Andrade.

III

A condecoração.

No dia seguinte, serão nove horas da manhã, quando á porta da chacara do Paulista apparece, inopidamente, o delegado de policia da cidade, e cujos serviços prestados á guerra já são conhecidos.

—Oh! sr. capitão! V. S. por cá? folgo de o ver...

E apertando a mão da autoridade João de Andrade o conduzio para a sala.

Ahi offereceu-lhe uma cadeira.

—Obrigado, sr. Andrade, disse o capitão Paulino de Barros, sentando-se. Então já teve noticias do seu bom filho?

—Hontem a noite, sr. capitão, tive a satisfação de receber uma carta delle. Disse-me tantas cousas, que, a meu pezar, fiquei contrariado...

—E porque, sr. Andrade?

—Aquelles negocios lá pelo sul não caminão em bom pé., ha um mysterio que só o tempo nos poderá romper...

—Tem razão, meu amigo, observou o delegado com gravidade; as cousas vão mal... o sangue brasileiro tem corrido profusamente, e, no entanto, grandes obstaculos temos ainda a superar... Porém tenho uma como certeza agora, com a presença do valente Caxias na campanha, que o inimigo baqueará.

—O Caxias, sr. capitão, tem uma estrella feliz que o guia. Não digo que o inimigo vendo-o se intimide, mas é um grande general, tão geitoso, tem tanto tino, que até o suponho capaz de fazer uma surpresa no acampamento paraguayo, pilhando de chofre a esses miseraveis...

—*Vox populi vox Dei*, murmurou o delegado sentenciosamente, tirando a sua charuteira. Corre como probabilidade, que a guerra não vai longe, e até mesmo já designão a epocha em que terminará.

—Assim permitisse Deos, respondeu Andrade, mandando trazer fogo para o capitão:

—Mas, meu amigo, a guerra traz a infelicidade de uns e a ventura de outros, observou Paulino de Barros acendendo o charuto, tendo antes offerecido ao digno Paulista que lh'o tomasse um da charuteira.

E agradecendo o obsequio do delegado, Andrade ajuntou peremptoriamente:

—E' o destino quem regula estas cousas de felicidade e infelicidade...

—Venho, sr. Andrade, noticiar-lhe que seu digno filho acha-se condecorado com o habito da Imperial Ordem da Roza por seu merecimento...

—Muito estimo...

—Hontem não tive tempo de mandar-lhe contar esta novidade porque tendo chegado muito tarde o correio, aguardei o dia de hoje para pessoalmente dar-lhe esta grata noticia...

—Sou reconhecido á V. S. por esta prova de

sua bondade, sr. capitão, respondeu o ancião com uma profunda inclinação de cabeça.

—Como sabe, sr. Andrade, tive sempre sympathias por seu bom filho. Esse joven, quando partio para onde seu destino o chamava, deixou-me por algum tempo uma triste impressão, que só agora, em confidencia, a communico-lhe...

—Eu o ouço com attenção, senhor...

Paulino de Barros tirando uma fumaça de seu charuto, murmurou como pesaroso:

—Um filho deixar o lar de seus paes, o amor que com ternura lhe sorria, os commodos de uma vida placida e suave, para arriscal-a aos vandaes da guerra... oh! foi muito patriotismo da parte desse mancebo, que valeroso, nos deu prova que o sangue de suas veias é sangue do paulista ainda não degenerado pela corrupção do tempo. Porém, como lhe ia dizendo: meu coração magoou-se quando ao estreitar o bravo joven ao peito, assaltou-me uma idéa sinistra...

—Já o comprehendí, sr. capitão... atalhou Andrade, como se nesse momento uma lembrança amarga lhe atravessasse a mente.

—Mas os meus presentimentos espero não serão realicados, e Ernesto de Andrade ha de voltar para fazer o orgulho de sua familia...

—Oxalá, sr., murmurou o respeitavel ancião entre a duvida e a esperanza. Porém como a satisfação de ver meu filho distinguido pelo Monarcha não cabe só á mim, vou chamar mais al-

guma gente que deve ter parte n'essa partilha tão honrosa...

E Andrade, pedindo licença ao delegado, dirigio-se para o interior, voltando d'ahi a pouco em companhia de D. Luiza e Emilia.

Ellas cumprimentarão urbanamente a Paulino de Barros.

Este, com o maior respeito e polidez, as saudou com sincero affecto.

—Minha estimavel esposa, minha querida sobrinha, escutem o que nos veio asseverar o sr. capitão Paulino ácerca de nosso saudoso filho...

—Então, sr. capitão, há alguma novidade além da que elle já nos communicou em sua carta? inquirio D. Luiza sorprendida como se julgasse ter Paulino sabido do conteúdo dessa carta.

—E' boa ou ruim a nova senhor? ajuntou Emilia tambem atarentada.

—Soceguem... ponderou Andrade tranquillamente.

O nosso delegado olhou para as duas mulheres com profunda attenção; e investigando o que em realidade se passava no coração da tia e da sobrinha, para logo fez desaparecer as nuvens da desconfiança que toldavão o pensamento dessa gente, fallando-lhe assim:

—Uma importante distincção acaba de ser conferida ao sr. Ernesto de Andrade...

—Oh! senhor!... fez D. Luiza como se duvidasse do que ouvia.

—Será possível, senhor! articulou Emilia em voz tremula de emoção.

—Cavalleiro da Imperial Ordem da Roza, minhas senhoras... respondeu Paulino de Barros com satisfação.

—Elle o merece, senhor... sei que commetto uma indiscrição, mas V. S. revelar-me-ha porque avalia o que é um filho que se ama... e, além de que Ernesto...

—Oh! minha senhora, o seu orgulho é muito natural e digno de um tal filho, observou o capitão apertando cordialmente a mão da boa senhora em signal de suas sympathias.

—Então minha mulher, não somos felizes?

E o velho esforçou-se a dar ao semblante um riso que afugentasse para longe qualquer presagio que por ventura viesse incommodar a sua esposa.

—Feliz! feliz, meu caro esposo! exclamou D. Luiza deixando escapar de seu coração um suspiro abafado; essa felicidade só a presença de nosso filho nos daria!

—Minha tia, ajuntou Emilia com intuição profunda, o pensamento m'o diz que em breve o primo Ernesto voltará da guerra. E de mais, esta noite tive um sonho bem singular...

—Gosto destas cousas, minha sobrinha... vamos a ver isso...

—Sonhos de anjo devem ser de bom agouro, disse Paulino de Barros com um riso bondoso.

A donzella fixou um momento o semblante do

capitão, e ficou como perturbada; mas este tranquillizando-a, acrescentou:

—Não se contrarie, D. Emilia, minha observação é justa. Deos ama a seus anjos tanto os celestes como os terrestres. Os sonhos embora a mór parte delles sejam esquisitos e extravagantes, no entanto são sempre um aviso do céo quando dado a creaturas de corações puros e virtuosos... as donzellas estão neste caso... Eis, pois, a razão pela qual agouro já esse sonho como o prenuncio de uma proxima ventura.

João de Andrade applaudio a idéa do capitão; e voltando-se para a sobrinha disse:

—Vamos lá, Emilia, conta-hos o teu sonho... desejo ouvil-o porque sou curioso...

—Se elle trazer o nosso regozijo., como não daria graças a Providencia! murmurou D. Luiza afagando uma terna esperança.

—Anceio por ouvil-a, disse o delegado em tom bondoso.

—Eu o satisfaço, senhor, uma vez deseja isso.

E a joven proseguio assim:

—Sonhei que me achava no Rio de Janeiro em companhia de meu tio e de minha tia. Parecia-me ser um dia de grande festa porque havia um immenso povo tanto nas ruas como nos largos. Tudo era alegria e satisfação. Os tiros das peças se ouvião a cada instante como signal de uma grande noticia. O lugar onde estavamos era o largo do Paço. Derepente avisto o Imperador levado em triumpho pelo povo no maior auge de enthusi-

asmo. Meu tio vendo esta scena tão bella, correr junto de um velho que ali se mostrava e exigio saber o que significava tanta alegria. O homem lhe respondeu que admirava que se ignorasse tão grande nova, que sorprendia a cidade do Rio de Janeiro; mas como meu tio ficasse perplexo e não quizesse insistir em sua pergunta, o mesmo velho então lhe satisfez o desejo. A guerra está terminada, e Humaitá cahio pelo valor de nossa esquadra e heroismo do exercito alliado. Já não temos mais obstaculo para libertar o infeliz Paraguay, cujo tyranno fugio cobardemente não dando tempo de se o prender.

Mas quando meu tio nos contava tão esplendida noticia, um mancebo surgiu de entre as ondas do povo e apresentou-se á minha frente. Meu coração quiz saltar fóra do peito, e, anhelante e embriagada da maior emoção da alma, saltei aos braços do primo Ernesto apertando-lhe saudosa ao coração... meu prazer não teve então limites, porém elle se esvaeceu logo com o meu despertar...

A donzella suspirou ao terminar a narração d'essa bella illusão.

—O sonho é bem importante, ponderou gravemente Paulino de Barros. Sua realisação será breve...

—Quem dera, sr. capitão, balbuciou D. Luiza ajuntando as mãos como se implorasse o auxilio do céu.

—Ah! meu caro capitão, sinto, ao pensar nisto, a alma se me expandir e o coração dilatar-se em

regozijo... quando se tem um unico filho e que já se tem attingido ao ultimo quartel da vida, o amor paternal augmenta, e maxime quando esse filho se acha ausente e distante de sua patria querida á centenaes de leguas combatendo por seus direitos sagrados, vem depois repousar tranquillo nos lares patornaes, abençoado por seu Monarcha e tendo a estinação publica...

È o respeitavel Paulista experimentando as cordas de seu nobre coração vibrarem ao toque da sensibilidade, não a pôde supportar a olhos enxutos; e duas lagrimas de uma saudade immensa e concentrada vierão traduzir todo o poema dessa alma grande, que sabia soffrer, mas que com resignação e tendo fé na Providencia, esperou o seu auxilio.

Paulino de Barros ao presenciar as lagrimas rolarem pelas venerandas faces de Andrade, havia bem aquilatado as virtudes do velho Paulista; e apertando com ambas as mãos as de Andrade, articulou com transporte:

—Meu hom amigo, sinto neste instante augmentar o meu affecto por sua pessoa... aprecio o seu bello character, e de hoje em diante, lhe peço, me honre sempre com sua sincera amizade, e espero que ella se estreitará no futuro...

A resposta eloquente do velho Andrade foi um complexo solemne entre os dois amigos.

D. Luiza e Emilia não tinham sido indifferentes ao colloquio dos dois personagens; cada uma, por

seu turno, havia limpado as lágrimas que do coração lhe arrancara a sensibilidade.

Momentos depois, Paulino de Barros almoçava com o seu amigo Andrade e em companhia das duas mulheres, á cujo convite o capitão tinha annuido do melhor grado.

D'ahi a uma hora, elle voltava para a cidade.

IV

Sombrias preferções.

Habitava na cidade um certo individuo, de pessimo comportamento, e que aborrecendo do nosso distincto patricio Ernesto buscava occasião de uma vingança contra o joven.

Essa vingança elle a meditava quando o nosso denodado voluntario partio para S. Paulo. Não a pôde conseguir mas como o instincto do mal imperava sobre esse individuo, aguardou para mais tarde pôr em pratica uma diabolica trama.

E para pôrmos o leitor ao par dos episodios desta simples narração, é conveniente traçarmos a chronica de tal individuo, não omitindo nada de seu malevolo character.

Filho de uma familia importante de uma cidade de Minas, veio, com o fito de um bom negocio, a cidade de *** para ahi estabelocer-se e obter assim uma posição invejavel na sociedade.

Com effeito estabeleceu-se. Porém, no correr do tempo, Ezequiel da Motta, que assim se chamava o inimigo de Ernesto de Andrade, patenteou amar o vicio, e as más paixões, que levão sempre o homem a degradação e a execração publica. Met-

teu-se nas companhias de máos cidadãos, que o perverterão.

E pois Ezequiel da Motta não vendo no horoscopo de sua vida senão que o seu futuro o apresentaria como um homem funesto á sociedade, não quizera arripiar carreira pretendendo celebrar-se de uma ou de outra maneira.

Primeiro que tudo atirou-se á escola maldita do jogo: ahí tornou-se em pouco tempo um *casquinha* importante entre os freguezes do *lansquenate*.

Entregou-se depois ás orgias e aos libidinosos carinhos das mulheres publicas. O velho caminhava a passos lentos para o seu apogeu.

Ezequiel, apenas contádo 25 annos, achava-se no entanto velho e com a saude toda arruinada pela sua reprovada corrupção!

Aborrecendo a todos os homens sensatos que lhe davão salutaes conselhos, acabou pôr furtar-se ás suas vistas buscando aquelles que enxafurdavão a sua alma criminosa na lama do peccado.

De entre os jovens que conhecia contava o nossó saudoso patricio Ernesto de Andrade.

Uma vez Ezequiel convidara a este para tomar parte n'um jogo e depois o terminaria com uma orgia.

O intelligente joven recusara-se a tão depravado convite, e tivera occasião asada para chamar a Ezequiel ao caminho da honra.

Em um pequeno discurso claro e assás conveniente, mostrara ao corrupto moço os males a que

se expunha se continuasse no seu proposito, e que quando o quizesse remediar a occasião seria tarde e sua consequencia funesta e inevitavel o arrastaria para o abysmo.

Porém taes pensamentos não acharão o menor echo no coração de Ezequiel, já cheio de veneno.

Elle, empertigando-se dissera-lhe que fosse pregar o seu sermão aos carólas; que a sua escola tinha sido outra. E querendo provar que era superior em forças ao seu antagonista, que pela idéa buscava convence-lo da verdade, chasqueando do seu bom costume, tomara-o pelo braço e quizera levar-o ao lodaçal do vicio. Mas Ernesto, apesar de ser um joven de delicada estatura, soubera repellir-o com energia.

Então, não podendo Ezequiel conter a sua má indole, tentara conduzir o joven para provar-lhe que não temia a sua repulsa.

D'ahi originara-se uma luta. Interviera a policia. Porém como não tivesse um resultado sinistro, da contenda só originara-se um odio entrañavel votado por Ezequiel a Ernesto.

Este evitava sempre o encontro d'aquelle não por cobardia mas para não dar desgostos a seus bons paes.

Ezequiel, como dissemos, pretendia uma posição invejavel na sociedade; porém o seu destino tinha-lhe ordenado outra mui diversa. O povo mirava o asqueroso moço predestinando-lhe um máo fim...

Vio-se em breve reduzido á miseria. O jogo e

os deboches tinham consumido os seus haveres, e já não encontrava um meio para tornal-os a adquirir.

Durante alguns mezes havia elle desaparecido da cidade de*** e muitas pessoas ignoravão o motivo de tal ausencia.

No cabo de seis mezes Ezequiel da Motta mostrou-se aos olhos de todos, ostentando então uma posição importante. Logo comprara na cidade um bonito predio, dois robustos escravos e uma mucama, patenteando assim aos seus convivas do jogo e orgia, que a sua mysteriosa ausencia havia-lhe sido proficua.

Um *zum-zum* se levantava entre os habitantes da cidade de ***. Uns apostavão que Ezequiel havia recebido uma boa herança; outros que tinha elle tirado a sorte grande em bilhete inteiro; outros emfim, mais cordatos e conhecedores do seu depravado viver, attestavão que tal ostentação provinha de um crime e quicá importante.

Mas os seus falsos amigos estranhavão-lhe o semblante. Um olhar sinistro, como o do abutre, uma desconfiança da policia e de todos os homens com quem não convivia, taes erão os motivos que o fazião suspeito aos mesmos individuos que prestavão-lhe a sua confiança.

As autoridades do lugar não buscavão indagar a razão desta mudança de estado. Um homem que ha pouco tempo se mostrara indigente, patenteava agora uma felicidade toda mysteriosa, erá cousa natural para uma censura dirigida aos senhores.

executores da lei. Porém esta como outras passavam desapercibidas, e Ezequiel continuava em sua perversão.

Um dia elle viu a sobrinha de João de Andrade, e logo uma criminosa paixão assaltou-lhe ao máo espirito.

Lembron-se que Ernesto votaria amor a sua prima; mas com isso não se importou; o joven não podia, em cousa alguma, obstar-lhe as suas pretenções quaesquer que ellas fossem.

E pois no firme proposito de pedir a mão de Emilia, dirigio-se á chacara de João de Andrade.

Encontrando o nosso respeitavel Paulista, este o recebera cortezmente embora soubesse ser Ezequiel um pessimo moço.

João de Andrade não aceitara a proposta, que julgara indigna de si, e cuja vida não havia ainda sido turbada por qualquer acção que a infamasse.

O inimigo de Ernesto, então despeitado e cheio de rancor, protestara uma vingança; e, occultando-a em sua alma perversa, retirara-se para a cidade.

Sabendo depois de um mancebo, com quem se relacionava, que o filho de João de Andrade amava em extremo a sua linda prima, Ezequiel expumou raivoso; e, cheio de ciumes, premeditou então uma cilada a Ernesto, mas que não surtiu o seu endemoninhado effeito porque o dedo da Providencia lhe frustrara o intento.

Vamos dar ao leitor conhecimento deste facto.

Uns dias antes do nosso bravo voluntario partir

para a capital da provincia, em uma tarde que elle se retirava da cidade para a chacara de seu pae, n'uma capoeira que fica á margem do caminho, Ernesto ouvira um tiro sahido do matto, e como que tambem uma bala passara-lhe sibilando rente a sua cabeça.

Não pôde na occasião fazer uma idéa o que isso significava; porém tal acontecimento não lhe incommodara o espirito.

O tiro dado pelo proprio Ezequiel no seu rival não havia sido certo.

O malvado vendo assim contrariada a sua intenção, raivoso, voltara para a cidade, occultando o seu revolver.

A idéa de um novo attentado não o deixava. Tentara vingar-se do nosso voluntario para assim chegar, por via ainda do crime, a obter a posse da bella Emilia, cujo retrato amavel não lhe sahia do pensamento negro...

Mas acontecendo cahir enfermo de um ataque de febre, que o prostrou na cama por muitos dias, não pôde realisar a sua sinistra pretensão.

E tendo chegado o dia da partida de Ernesto para S. Paulo, elle, sem nenhum tropeço, foi para onde seu destino o chamava.

Depois d'essa partida ainda a molestia de Ezequiel da Motta continuara por alguns dias, dando-se elle ao diabo pela emergencia que lhe transformava os planos que anteriormente combinara.

A pesar disso não desistira da idéa terrivel que o accommettia.

Vendo de novo a sobrinha de João de Andrade, em um domingo, e que em companhia de seus bons tios tinha vindo a missa, Ezequiel ficou hallucinado mirando a doçura desse semblante, que parecia um anjo do céu, de roupagem branca e adejando sobre a terra. Mas o saudoso sentimento que a donzella albergava em seu puro seio, era facil de penetral-o.

Todos, na cidade, sabião dos amores de Ernesto e Emilia. Não era mysterio para ninguem^o que quando o nosso heróe voltasse da guerra tomaria a sua prima para consorte; e, por consequencia, era mais um motivo para augmentar o odio que o malvado votava a Ernesto, e mais uma firme tenção para apertar em seus braços sacrilegos aquella fada de encantos.

Cada dia que se escoava era um protesto que Ezequiel lavrava no canhenho de sua lembrança, forçando-lhe o máo coração a commetter toda e qualquer acção com tanto que se realisasse o seu infernal desejo.

Buscou todos os meios possiveis de obter a amizade franca e sincera do nosso digno João de Andrade. Contrafez o seu pessimo character; e, para cujo trabalho lutara com muitas difficuldades.

Depois de ter parafuzado o modo pelo qual chegaria a seus fins, descobrira um meio, que lhe parecera excellente.

Prevalecendo-se do próprio nome do seu rival, isto é do nosso joven voluntario, chamou toda attenção do respeitavel João de Andrade, e cuja

alma nobre não pôde ser indifferente á invocação que em nome de seu caro filho fazia-lhe o perverso moço.

Um dia, exaltando as bellas qualidades de seu rival, e fazendo ao pae elogios do filho, Andrade, por um orgulho muito natural, agradeceu com cordialidade as falsas expressões que lhe erão dirigidas pelo astuto Ezequiel.

Estas fermentidas palavras, ainda forão repetidas por mais de uma vez, obtendo ellas assim a primeira parte do plano que em mente traçava o malvado.

Em trez mezes de constantes vizitas que a chacara de João de Andrade fazia Ezequiel da Motta, fôra tempo mais que sufficiente para desvanecer todas as suspeitas que o honrado Paulista tinha desse moço.

D. Luiza, não podia por modo algum sympathisar-se com Ezequiel embora lhe tocasse elle na corda sensivel do coração, elogiando os merecimentos de Ernesto e se mostrasse muito seu amigo.

Um como presentimento secreto vinha fechar a alma da boa senhora sempre que olhava para o indigno moço. Não fiava de suas palavras.

Quanto a Emilia, esta então não podia fixar essa phisionomia, que se desenhava sinistra e patibular, sem sentir um tremor convulsivo como se um phantasma horrivel a assombrasse.

Em balde buscava o maldito captar as sympathias da tia e da sobrinha desfazendo-se em cumprimentos e expressões sentimentaes tendo por

base as lembranças saudosas do nosso heróe voluntario. Tndo era um discurso sem echo e sem resultado.

Só o bom do nosso Paulista mostrava ouvir as perfidas demonstrações patênteadas por Ezequiel, sem perscrutar o intimo d'ellas, e, conseguintemente illudia-se julgando o viciado moço emendado de seus desvarios e regenerando-se perante a sociedade.

Quanto é bom o coração de João de Andrade, quanta generosidade ahí se abriga, e quanta nobreza se encerra em sua grande alma!

O-leitor por certo terá aquilatado o merecimento deste digno Paulista, que embora vivendo n'uma pequena chacara, e, em sua obscuridade, não tendo relações com as summiidades da sua politica (João de Andrade professa as idéas liberaes moderadas, é amigo da monarchia, e jamais toléra os exaltamentos dos partidos, que, em seu pensar, considera ser um mal para o paiz, e não uma conveniencia para os fins a que se propõem,) passa no entanto o nosso honrado homem sem soffrer o flagello das decepções, como naturalmente acontece a todos que fanaticos se entregão á politica aspirando um futuro brilhante...

Ezequiel da Motta ruminando sempre em seu negro espirito a realisação de um acto criminoso aguardava tempo opportuno para isso. Conhecia bellamente as antipathias que lhe mostrvão D. Luiza e Emilia, porém tal contrariedade não lhe dava motivos para desanimar do seu proposito,

Tinha já alguma estima do sincero João de Andrade, e esta lhe parecera um bom auxiliar para consummar os seus malevolos desejos.

Agora que o leitor já conhece o caracter do perverso Ezequiel, convém lhe darmos o seu retrato.

Sua estatura é regular; magro; o rosto comprido, côr macilenta; olhos pequenos e gateados, porém penetrantes e patenteando no espelho delles sua alma corrupta e venenosa. Usa de barba no queixo e trazendo um longo e grosso bigode, parece, á primeira vista, um Italiano ou Hespanhol, accrescendo-lhe uma enorme cabelleira negra, corredia e toda engraxada, que lhe cobre a gola do palitot.

Traja-se bem, e gosta de apresentar-se sempre limpo, trazendo uma corrente com relógio de ouro no bolso do collete.

Sua instrução é limitada, apenas sabendo ler e escrever mal.

E' audaz quando falla com os pobres, mas também é orgulhoso para com os ricos.

Apezar de andar Ezequiel da Motta preocupado na lembrança da sobrinha de João de Andrade, todavia, como já dissemos, mais alguma coisa parecia incommodal-o, por que as suas manciras isso denunciavão. Sua consciencia era talvez espinhada por algum crime que se occultava nas trevas e temia-se da luz da verdade.

Agora que o leitor conhece este typo do vicio e da perversão, conduzamol-o de novo á chacara do

nosso amigo Andrade para apreciarmos factos que se ligão á esta narração, historia, ou romance.

V

Confidencias intimas.

Quando João de Andrade recebera a carta do nosso saudoso Ernesto, o agente do correio da cidade descuidara-se de enviar-lhe uma outra carta volumosa, ignorando-se o motivo de tal descuido; mas fosse lá porque fosse, ella n'outro dia cedo veio parar ás mãos do honrado Paulista.

Este ao tomal-a ficou sorpreso não sabendo o que significava tão volumosa carta.

Porém ao abril-a encontrou algumas folhas de papel paquete escriptas em letras miudas e como em fórma de um romance ou historia.

A curiosidade de Andrade o levou logo a investigar o contido de tão longo escripto. Pôz os seus oculos e logo vendo a epigrapha, deu um suspiro concentrado e murmurou gravemente :

—Temos aqui uma historia fiel do nosso voluntario. São por certo as suas necessidades, suas queixas e seus amores... Vejamos.

O bom do Paulista leu para si por alguns minutos as primeiras paginas do escripto. Seu semblante tomou logo uma expressão sentimental, parecendo que sua alma repassada de dôr e saudade vinha reflectir no espelho de seus olhos melancolicos.

E, em voz commovida articulou alto :

—Esta historia não deve ser lida por mim só.

Convém que Emilia, para quem foi ella escripta, a leia em presença tambem de sua tia. Pobre filho, o que será feito de ti neste momento em que as tuas saudades vêm cravar os seus espinhos em minha alma extremosa ?

E'o velho, máo grado seu, limpou duas lagrimas, que rebentando-lhe do coração grande e generoso vterão humedecer seus olhos.

E chamando alto a sua boa esposa e Emilia, estas apparecerão logo á sala de fóra, aonde Andrade havia recebido a carta enviada pelo agente do correio.

—Temos uma bella novidade ainda, minha mulher... E' a ti, Emilia, que te pertence isto...

E Andrade assim expressando, tomou o seu costume jovial, mas respeitoso.

—O que é então, senhor João? interrogou D. Luiza cheia de interesse.

—O que é isto que me pertence, meu tio? inquire tambem a amante de Ernesto com sorpresa.

—Escutem, respondeu o Paulista gravemente.

E leu pausadamente o que se segue :

« A' minha saudosa prima do coração.

« A' ti, vão estas minhas intimas confidencias.

« Não devo merecer as censuras de meus queridos extremosos paes, por que não commetto uma indignidade, mas sim allivio de algum modo os pezares que me devorão o triste coração nestas lugares tão longinquos d'aquelle aonde se prende a minha alma e para o qual nas azas dos zephiros

que por aqui paixão lhe envio estas saudosas reminiscencias. »

Andrade não proseguio a sua leitura, porque olhando para sua cara esposa vio-a lacrimosa e cheia de agua; e, tambem Emilia suspirava por autever que o escripto de seu terno amante seria todo unguido de sentimento e amarguras.

—Deste modo, murmurou o honrado Paulista, deixo a leitura, minha mulher. Não enxergo motivos para essas lagrimas. O nosso filho, necessariamente, faz uma historia de sua vida. Seu fundo deve ser o amor que vota a sua prima, e misturando-lhe os episodios da guerra fará por certo um verdadeiro e interessante romance. E, pois, Emilia, lê tu a historia do nosso voluntario. Eu te escuto, mas com tanto que a minha mulher não te interrompas com os seus soluços...

—Lê, Emilia, eu te ouvirei attentosamente, disse a bôa senhora do Paulista, esforçando-se para sorrir.

Emilia tomando o escripto da mão de seu tio, principiou a ler do lugar onde Andrade tinha parado.

« Não te posso explicar, minha terna Emilia, não acho expressões mesmo para pintar-te o que soffri nos primeiros dias da tua ausencia. Pareci-me existir em um outro mundo, onde tudo me era estranho, tal como se um sonho, d'esses que algumas vezes nos assalta a mente enfraquecida pelos cuidados e sentimentos, me tomasse o espirito não adormecido. Deste modo pois cheguei a S. Paulo,

Meu coração estava fechado de tristeza; e, pelo contrario, meus companheiros de armas parecião todos satisfeitos: bebião, comião, cantavão, como se encaminhassem para um lugar onde fossem encontrar um *Potosi* ou *Eldorado*.

« Elles não podião ver-me pesaroso e buscavão alegrar-me.

« Censuravão a fraqueza de minha alma e sorrião mofando de mim.

« A tudo isto eu não tinha uma resposta. Só pensava em ti e em meus queridos paes.

« Uma occasião em que o meu soffrimento era immenso, uma idéa baixa, vil e degradante, veio toldar o meu espirito. Tenho vergonha de dizer-te, minha cara prima... lembrei-me de uma deserção... Isso quasi que me dominou. Mas, o meu destino fê-la depois repellil-a de mim, como indigna do filho de um Paulista, cujo sangue, ainda não degenerado, e que presando a honra mais que tudo, se consumiria em torturas moraes, acabando por amaldiçoar a áquelle que lhe dera o ser. São-lo nome de Deos ! livrai-me de pensamentos máos como este ! tal foi a exclamação que sahio de minha alma quando tornei a mim dessa degradante idéa.

« D'ahi em diante esforcei-me por acostumar na rude vida militar. Superei as contradicções do meu espirito.

« Durante a estada do nosso batalhão em S: Paulo, buscava sempre por disfarçar as minhas agras saudades. Eu mesmo procurava a palestra

de meus companheiros e elles então me divertião; e um dos quaes, com as suas canções amorosas, e com a verdadeira côr do seu lugar natal, me fazia estalar o coração. Mas, cousa incomprehensivel ! Ao mesmo tempo que isso experimentava sentia depois um como lenitivo ir adoçando pouco e pouco as amarguras da alma, e com o que abrindo-me as idéas me preparava para supportar a contrariedade da sorte, a que todos se achão sujeitos.

« Esse homem que diariamente cantava foi-me acostumando ao soffrimento.

« A pureza do clima, a lindeza da cidade, a belleza de suas filhas, tudo me era indifferente. Lugar aprazivel, risonho e bello, só me parecia esse aonde estaes, e que por este tempo, o gorgoeio embriagador e mellifluo do sabiá, o encanta tanto...

« Ah ! doce sitio aonde soltei os primeiros vagidos, aonde vi o esplendor da natureza maravilhada, aonde tudo erão seducções, sorrisos e poesias... ahi envio uma immensa saudade, e... um longo suspiro...

Emilia interrompeu por um momento a sua leitura para dar lugar tambem a um suspiro partido do intimo de seu peito, dando igualmente os dois velhos um ai repassado de terna lembrança.

E ficarão silenciosos, continuando a donzella a narração de seu querido Ernesto, por este modo:

« Chegando o dia da partida do nosso batalhão, dirigimos nossos passos para Santos.

« Ahi demoramos pouco.

« E' uma bonita cidade o lugar natal dos An-

gradas, desses venerandos patriarchas da independencia, e cuja memoria gloriosa é tão estimada e respeitada em todo paiz.

« Santos sustenta um bom commercio e grandes casas de negocios exportão todos os seus generos para o sul de nossa provincia. A estrada de ferro veio lhe dar ultimamente um grande interesse. Ligada como se acha a capital com essa importante cidade, promette ella um grande progresso, que caminhará lentamente.

« Parte dos navios da Europa vêm em direitura á esse porto trazendo-lhe as suas mercadorias.

« Em seu porto vê-se constantemente embarcações, umas que entrão, e outras que sahem.

« D'ahi partimos para Santa-Catharina. Deixo, cara prima, de fallar-te desta viagem, porque ella não encerra interesse que mereça apenas patentear-te. E' verdade que nunca tendo-me embarcado, e, demais viajando sobre um vapor, poderia ser uma novidade para mim; mas o meu espirito com isso não se importava: outra cousa o preocupava. Meu sentido não se retirava de ti e de meus paes, e as saudades me atormentavão.

« Chegando sem novidade a cidade do Desterro, meu coração se contristou infinitamente vendo ahi tantos irmãos (a maior parte dos quaes não existem hoje) e que nos receberão fraternalmente: Uma idéa toda negra viera então confranger-me a alma. Quiz expulsal-a de mim, mas não tive forças. Parecia-me que não mais te veria, minha

para Emilia, e nem a meus bons paes. Considerava-me já victima das balas paraguayas...

« Um dia entabolei relações com um joven, natural de Coritiba, que me pareceu digno de minha estima.

« Este mancebo patenteou-me toda a sua vida não esquecendo tambem os seus amores.

« E' poeta, intelligente e teve educação.

« Americo, chama-se elle. Todas as suas maneiras são agradaveis, com o semblante pallido, porém sympathico.

« Sempre juntos, eu não tinha motivo para arrepende-me d'essa amizade. Cada dia que se escoava era mais um motivo para eu apreciar as boas qualidades do joven.

« Elle, igualmente, padecia no coração esse mal que tu, minha Emilia, conheces e não preciso contar-te.

« Emfim, d'ahi em diante, já os meus pezares achavão allivio quando ouvia a Americo. A noite em nosso quartel, desenhava-me elle em côres tão fieis as paisagens pittorescas da sua Coritiba e recitava alguma poesia com saudade tão repassada de sentimento, que, máo grado meu, fazia-me viver lagrimas aos olhos...

« Ducidamente, dizia de mim para mim, Americo é um poeta, é um diamante bruto ainda não lapidado. Que pena não tivesse elle cultivado os estudos! Isto dava-me motivo para lastimar o meu paiz. Tantas vocações bellas, tantos talentos importantes se perdem por falta de quem os aco-

roçõe, e quem os encaminhe para o seu progresso. Mas o Brazil hade ser sempre assim. O dinheiro; só o dinheiro impera hoje e hade imperar ainda por longo tempò... O indifferentismo para aquelles que se dedição as lettras é digno de maior censura.

« Americo tinha muita vocação para os estudos, mas sendo filho de familia pobre, esta não tivera meios para satisfazer os desejos do joven.

« Sendo um moço de talento, quiz apparecer na sociedade, mas não tinha recursos; porém um impulso muito natural, o levou á carreira das armas com o fito de obter um nome.

« E' pois a conquista de tal fim que o filho de Curitiba, o poeta natural e facil, se mostra hoje nestas fileiras de bravos, que sabem combater pela patria amada para laval-a da mancha negra, essa baba peçonhenta e immunda, que a féra paraguaya arrojou em nossas plagas.

« A minha amizade por esse maucebo estreitou-se: era-mos dois irmãos d'armas e de pensamentos. Nossas almas tinhão o mesmo sentimento e assim se colligavão na mais perfeita harmonia.

« Deste modo partimos do Desterro para Montevideo.

« Esqueceu-me informar-te, minha terua Emilia, que a capital de Santa Catharina, é pequena, porém bonita. Seus habitantes parecem sinceros e são mui hospitaleiros. Sympathisei-me com elles.

« Chegando á capital do Estado Oriental, logo a primeira vista, senti uma grande impressão verdo os seus lindos arrabaldes e as suas casas de

soteias, ella como que me representou logo a capital do Paraguay, esse lugar que tanto almejamos para descaço de nossas fadigas e trabalhos; porém isto foi uma illusão passageira que não deu-me tempo para reflexões apezar daquella impressão que me abalou.

« Desembarcamos. Afianço-te, minha cara Emilia, que a cidade encerra em si um encanto indifinível. Suas ruas são todas em symetrias; limpas e arejadas por um zephiro fagueiro que constantemente reina. Seus quartoirões são importantes, e os largos quadrejados com igualdade.

« Há bastante civilização em Montevideo. O povo é sympathico, hospitaleiro e intelligente. As senhoritas... oh! minha saudosa prima... não se escandelise commigo... Mas são bem formosas, elegantes e espirituosas... suas sympathias fazem attrahir os corações... porém o amor que te votó, não precisas pôr em duvida... acredita...

Emilia olhando um momento para seus tios, sorrio-se com tristeza. Depois continuou a leitura.

« Apreciamos sobremaneira a cidade que nós hospedava.

« Americo tinha campo vasto para estender o seu pensamento pelo mundo da poesia. Não espediçou o seu tempo. Sempre que os seus deveres lhe davão lugar escrevia as bellezas de Montevideo.

Uma preta appareceu na sala e chamou por sua senhora.

—Suspende, Emilia, a tua leitura para almo-

çarmos, disse D. Luiza tocando no hombro da sobrinha. Esta narração é extensa, e tu a continuarás depois da nossa refeição.

— Sim, é bom isso, Emilia, ajuntou João de Andrade levantando-se da cadeira.

E dirigirão-se para o interior, levando a joven a volumosa carta, que lhe era tão preciosa.

VI

Continuação das confidencias.

Depois de terem almoçado, e que tomarão o seu café, João de Andrade sentando-se á sua rede para estar mais a commodo, Emilia e D. Luiza se sentarão tambem em cadeiras de palhinhas perto do respeitavel ancião.

A donzella tendo a carta de seu primo na mão, continuou a sua leitura deste modo :

« Poucos dias demoramos na seductora cidade e tivemos de nos transportar para Buenos Ayres.

« Passo em silencio o nosso trajecto para a capital Argentina.

« Admirei a cidade por sua grande população; tem tres tantos mais de predios que Montevideo. As ruas são tiradas a linha e não são estreitas.

« E' tambem muito importante pelo seu commercio e industria, e os habitantes são caracterizados pela urbanidade, civilisação e hospitalidade.

« As Argentinas são tambem bellas e amaveis. Aqui o povo anda sempre acavallo.

« O estrangeiro que aporta a capital da Republica de Buenos Ayres é sempre recebido com prazer por seus habitantes.

« Depois de passados os dias de hospedagem, o viajante, tornando-se então conhecido, tem plena liberdade entre os habitantes. Esta liberdade confirma-se ainda pela delicadeza de um pai confiar a sua filha querida, ente bello, porém fragil, ao braço do estrangeiro, em passeio, cujos sentimentos muitas vezes se ignora.

« Porém, ai d'elle se por' acaso atreve-se commetter uma falta com palavras desrespeitosas! A *senhorita* o abandona logo; não lhe diz a menor cousa e dentro em pouco tempo toda a cidade de Buenos Ayres não dá-lhe a menor attenção: votão-lhe o maior desprezo...

« O estrangeiro que tem feito um tal delicto, vê-se forçado a retirar-se apressado, para occultar em outra parte a sua vergonha.

« E' o que se pôde chamar civilização, minha amada Emilia, e por consequencia fico estimando as bellas Portenhas como se fossem minhas proprias patricias.

« O meu amigo Americo continuava a ter campo para espraiair-se no cultivo das musas sempre que suas occupações de soldado davão-lhe tempo.

« Relacionamos com uma boa familia Argentina, a quem somos e seremos sempre gratos. Ella nos prestou muitos obsequios proprios de sua nobreza de character. Era um velho empregado publico e cuja familia constava de sua mulher de mais de 50 annos e de duas jovens formosas, uma de 15 annos e outra de 20.

« A educação fina desta familia não tinha sido olvidada.

« Apesar de vivér o velho empregado do seu trabalho quotidiano em uma das publicas repartições, todavia passavão com honestidade e sem privações uma existencia placida e feliz.

« As duas donzellas tocavão mui bem piano; e algumas vezes fazião augmentar as nossas maguas nos cantos de sua lingua hespanhola, doce e cheia de suavidade, transportando-nos ás regiões da sensibilidade.

« Nessas occasiões, as saudades ralhando o intimo de nossas almas como que nos parecia terem já decorridos longos annos depois de nossa sahida dos lugares que nos são tão caros...

« Essa bôa familia virão com pezar ir approximando o dia em que tinhamos de deixar Buenos Ayres.

« Uma noite eu tive um bello sonho contigo, minha querida prima, e te conto em duas linhas. Tinha voltado das fadigas e incommodos da guerra para o lugar que havia deixado com tanto pezar. Ahi logo desposara aquella a quem este escripto é dirigido. Tudo era festa em casa. A felicidade collocava ahi o seu throno.

« Em seu altar era adorada pelos risos, prazeres e alegrias. Meus bons paes, de continuo louvavão á bondade immensa de Deos por ter-me livrado das garras dos inimigos... Mas despertei-me com um sôm melodioso aos ouvidos.

« Era uma musica suavissima, unvida de re-

passado sentimento, que me fez estalar uma a uma todas as cordas do coração.

« Emilia, o que te posso afirmar é que estorci nas agonias de uma saudade infunda... Como se fôra um hallucinado, levantei-me tateando nas trevas. Meu amigo Americo, que repousava perto de mim, acordou sobresaltado. Compreendeu logo que o motivo de tal incommodo era aquella terna serenata, que ainda tocava.

« Ah! ouvimos por mais alguns minutos a musica saudosa, cujos sons se vão morrendo ao longe.

« Então contei a Americo o sonho que tivera. Sentia o coração tomado de dor e saudades...

« Teu rosto bello estava gravado em meu espirito, e pensava no casamento que tivera contigo.

« A vida, minha cara e terna Emilia, a vida tendo muitas vezes espinhos para atormental-a, dizia-me Americo, Deos, o supremo Architecto do mundo, em sua sabedoria immensa, dando o sofrimento ao genero humano, faz ao mesmo tempo despertar-lhe a fé da sua bondade infinita e misericordiosa. E assim consolava-me com essa doce esperança, filha querida do céo, que fazia-me pôr toda sorte do meu futuro nas mãos do Creador.

« Recitava-me depois trechos de Lamartine, de Victor Hugo, Chateaubriand, Petrarcha, Ossiam e tantos outros grandes poetas, e distrahindo-me afinal pelos contos delirantes e horribeis de Hoffmann.

« Chegando pois o dia de nossa partida para

Corrientes, gratos nos despedimos da boa e respeitavel familia. Protestamos-lhe então o nosso eterno reconhecimento.

« O adeos d'essa despedida foi cheio de pesar pela duvida de nosso regresso.

« Não te contriste isto, minha Emilia, porque quem vai para uma guerra de homens como os Paraguayos, sem lei, sem costumes e sem honra, é muito natural um daquelles sombrios pensamentos assaltar a idéa.

« Embarcamos e sahimos para o Paraná, pequena cidade entre Buenos Ayres e Corrientes, aonde a nossa demora foi pequena.

« D'ahi partimos pelo magestoso rio do mesmo nome e chegamos a Corrientes.

« A cidade era uma forte praça d'armas. Os soldados formigavão por todos os lados.

« A povoação, como todas as que margeão o Uruguay e Paraná, é quadrejada com symetria e seus predios são lindos e parte delles com sotéa. Os arrabaldes da cidade são mui poeticqs e pittorescos. O Paraná banhando a mesma cidade a torna muito interessante aos olhos do estrangeiro. Muitas vezes admirava esse immenso rio, rolando as volumosas massas d'aguas lentamente, vendo ahí a nossa bonita esquadra, a mór parte de cujos navios é de moderna construcção.

« Quando o acaso me deparava alguns pequenos botes e nos quaes se recreavão as jóvens Corrientinas, meu coração se despedaçava: a lembrança de ti, minha Emilia, tocava-me no intimo d'alma.

« Americo, que era o meu companheiro inseparavel, tambem se entregava ás tristes saudades da sua Coritiba e... do sua amada.

« Em Corrientes ha os mesmos usos de Buenos Ayres. O povo é bom e hospitaleiro.

« Nessa cidade nos demoramos alguns mezes. Ahi fazia o meu batalhão exercicio quotidiano.

« Eu e Americo tinhamos a estima de nossos officiaes.

« A esse tempo tive occasiões de apreciar as excellentes qualidades do nosso sympathico ministro plenipotenciario conselheiro Octaviano.

« E' um homem grande, como se costuma dizer.

« Não tem a menor sombra de impostura. Suas maneiras são cheias de benevolencia. Sua palavra é fluente e o recurso de sua intelligencia mui abundante. Faz gosto ouvir-se este notavel brasileiro, já tão conhecido pelo paiz e pelo estrangeiro.

« Americo buscou apresentar-se ao conselheiro e para isso pedio o auxilio de um official seu amigo, que tomando n'isso o maior prazer satisfez os desejos do meu companheiro. Elle porém quiz que esse favor fosse-me tambem concedido, porque em verdade me causava muita satisfação ouvindo o nosso illustrado e talentoso ministro. Fui servido.

« Summamente penhorado pelas delicadezas e bondade do conselheiro, é que te faço aqui conhecer esta particularidade.

« O ministro offereceu-me o seu prestimo para tudo quanto d'elle precisasse, e eu lh'o agradeçi

cordialmente aguardando-me para occasião opportuna autorisar-me de sua voliosissima offerta.

« Quanto a Americo, sabendo o conselheiro Octaviano que elle se entregava ao cultivo da poesia, e conhecendo pessoalmente a sua intelligencia, lhe fizera comprehender, que se chegasse a voltar da guerra, o empregaria no Rio de Janeiro em um lugar que além de honroso seu trabalho lhe daria luto.

« Americo não achou phrases para formular o seu sincero agradecimento ao ministro.

« Este sendo um talentoso poeta, como todos sabem, e publicista notavel, logo tivera a curiosidade de ver algumas das poesias do meu inseparavel amigo.

« Americo; tomado de vexame, e todo receioso, pedio de atemão desculpa ao nosso conselheiro; porém elle serenou o espirito do Coritibano, e promettendo-lhe que seria indulgente com as faltas que encontrasse em suas poesias.

« O resultado de tudo foi muito favoravel ao poeta de natureza, e cuja alma se regozijava.

« Em sua mente como que a guerra já se tinha terminado, porque aquellas sombras de tristezas e saudades que pairavão em seu semblante, já se tinham desaparecido.

« Dizia-me elle assim: meu amigo Ernesto, se a guerra não dér cabo de mim, quando ella se findar, parto sem detença para Coritiba, caso-me com aquella a quem amo, e sigo a fixar a minha residencia no Rio de Janeiro, sob os auspicios valiosos

do nosso illustrado e bom conselheiro Octaviano, por quem peço a Providencia a conservação de seus dias para utilidade de nosso amado paiz.

« Não obstante isso, se conquistar um nome no Paraguay, tanto melhor será para mim. O destino que me ajude no pensamento. Agora, mais que nunca, tenho fé no meu futuro.

« Assim é o mundo, minha terna Emilia! Quanta mudança em Americo em tão poucos dias! já não parece o mesmo. Hoje é alegre. Recita a cada passo as suas poesias, e murmura que ellas são a causa de sua satisfação: á ellas deverá o seu futuro propicio... já não suspira por sua Coritiba, e só deseja com enthusiasmo bater-se nas plagas paraguayas para chegar ao que pretende.

« Agora, Emilia do coração, quanto á mim, queres saber o que ideava eu com o offercimento tão generoso do conselheiro Octaviano? Uma cousa simples. Bater-me com ardor nas batalhas; não pensar senão na patria amada, em nosso grande Monarcha, e... em ti, Emilia, que és o anjo dos meus sonhos, e que has de entrincheirar-me das ballas e metralhas inimigas. Achas pouco, não? Pois são estas minhas ambições. Porém os combates parecem-me ainda longe, porque os negocios bellicosos caminão mui vagarosos... é uma demora que me impacienta.

« No exercito ha grande enthusiasmo e muito patriotismo. Todos os brasileiros, á porfia, estão anciosos por mostrar o valor de seus braços no manejo das armas contra os terriveis Paraguayos.

« Na nossa esquadra reina igual enthusiasmo. O chefe Barroso, heróe do Riachuelo, o Tamandaré, heróe de Paysandú, o general Osorio e toda essa fileira de bravos, dignos officiaes do exercito e armada, composta de jovens illustrados e de importantes familias, são, sem distincção, amados pelos soldados.

« Com a estada do conselheiro Octaviano em Corrientes, o exercito muito lucrara; o seu fornecimento era feito com regularidade; os queixumes haviam cessado; e os doentes nos hospitaes erão tratados com disvelo. O nosso ministro não se poupava para tudo quanto tendesse melhorar a sorte dos pobres soldados.

« Elle corria pelos hospitaes, confortava os enfermos com a sua palavra insinuante e patriótica e como que fazia os tristes soldados reanimarem de suas forças perdidas para pelejar contra o ferós inimigo.

« Por essa occasião preparava-se o exercito a fim de transportar-se para o Passo da Patria, transporte que se effectuara com morosidade, e de cujo lugar te escrevo estas confidencias, passando em silencio algumas particularidades que se derão até aqui no Passo da Patria. Ellas não te interessão.

« Devo ainda informar-te, minha Emilia, que tenho apreciado as boas qualidades e illustrações dos generaes Mitre e Flóres. Seus officiaes e soldados se relacionão pela amizade com os nossos irmãos brasileiros. O exercito alliado mostra-se

garboso e em perfeita harmonia, e ardente espera o momento da batalha.

« Tenho tantas cousas a dizer-te, Emilia, porém nem todas acodem-me á mente, sempre presa das doridas saudades de ti e de meus queridos paes; e, por isso, paro aqui nestas confidencias, prometendo-te que continuarei a escrevel-as logo que me seja permittido.

« Os nossos generaes pretendem pôr em pratica serias operações, e tudo o que se passar comunicar-te-hei.

« Estas linhas, receio, te fatigarão, como a mim mesmo; mas releva-me, minha querida do coração. Pede á Deos que me ampare sempre.

« Passo da Patria, Março de 1866.—*Ernesto de Andrade.* »

Novo suspiro veio rasgar os corações de João de Andrade e de D. Luiza; e Emilia, a furto beijou estremecida a volumosa carta dobrando-a com profunda saudade.

—Minha bôa mulher, murmurou o Paulista gravemente; as confidencias do nosso filho parecem escriptas por uma penna de romancista e não de um soldado. Seu estylo é simples, porém fluente e cheio de sentimento. Mas uma rasão tenho para estimar a esse bom filho.

E ainda suspirou tomado de terna lembrança.

—Coitado de Ernesto, disse D. Luiza com melancolia; não sei como teve elle idéa para escrever tanta cousa!

—Minha tia, objectou Emilia, quando se tem

intelligencia, e querendo-se patentear o pensamento, nada é impossível, tudo se faz com pouco trabalho.

—Muito bem, minha sobrinha, muito bem respondido.

Mas, nesse instante batião palmas á porta de João de Andrade. Este sahio a ver quem era.

VII

● desconhecido.

O nosso Paulista sahindo encontrou quem lhe batia á porta, e vio um personagem, que lhe era desconhecido.

Elle parecia um homem de 45 para 50 annos. Alto, magro, porém sua phisionomia era alegre e sympathica; a barba inculta, cerrada e já grisalha, dava-lhe um aspecto respeitavel. Vinha decentemente trajado, e calçando botas de couro da Russia.

Avistando a João de Andrade, tirou o seu chapéu do chile de abas grandes, mostrou uma fronte larga denunciando intelligencia. Fez uma grande cortesia ao nosso Paulista, estendendo-lhe a mão e dizendo:

—E' V. S. o senhor João de Andrade?

—Um seu criado, meu senhor, respondeu o velho com urbanidade.

—Muito estimo conhecê-lo...

—A quem tenho a honra de fallar?

—A um seu patricio, cujo nome e historia logo mais saberá V. S....

—Ah! fez Andrade mirando o recémchegado de alto a baixo como se buscasse na mente uma idéa que o despertasse d'algum facto passado.

—Venho do sul de nossa provincia, disse o personagem tirando uma boceta de prata com rapé e offerecendo uma pitada ao ancião. Negocios importantes me trazem aqui, senhor João de Andrade; porém antes de communicar-lh'os, conceda-me V. S. permissão para mandar vir para aqui as minhas canastrinhas, e cujo cargueiro meu pagem guarda ali no terreiro.

—Pois não, meu senhor. Esta casa está as suas ordens; póde V. S. mandar desarreiar os seus animaes. Temos alguns commodos, embora elles não correspondão os seus desejos, observou o nosso Paulista com bondade, todavia o meu offecimento é sincero...

—Obrigado á V. S.. Seus commodos para mim serã excellentes. Desculpe-me estas importunações, senhor Andrade, porém motivos imperiosos á isso me obrigão...

—Ora, senhor!... exclamou o bom Paulista, eu sempre tenho prazer de servir a quem me procura; desculpa nenhuma tem a pedir-me, e esta casa póde dispol-a como sua.

—Muito agradecido, senhor Andrade.

O velho não deu tempo para o hospede chamar o seu pagem. Indo para a porta principal, fallou alto:

—Oh lá, meu negro, tira os arreios dos animaes. As canastrinhas traze aqui para a sala. De-

pois abrirás a porta daquelle quarto, que enxergas lá, e acharás commodo para os arreios; e logo mais darás milho a essas pobres bestas...

—Tanta bondade, senhor Andrade, disse o desconhecido chegando-se tambem á porta.

Deixemos estas cousas, meu senhor. Diga-me, já almoçou?

—Ainda não, meu bom patricio; porém, peço-lhe que não se incomode com isso... esperarei o jantar de V. S.

—Ora essa havia de ser galante! observou João de Andrade em tom chocarreiro, um homem vir a minha casa sem ter almoçado e ter de esperar pelo jantar! era o que faltava, meu patricio!

E Andrade expandindo sua boa alma pelo rosto, sorriu-se para o desconhecido, e pedindo-lhe licença foi para a sala de dentro, aonde pouco se demorou, voltando logo para junto de seu hospede.

Na sala de fóra se vião trez alcovas, e abrindo uma dellas o nosso Paulista disse:

—Meu senhor, está aqui o seu quarto. Pode descansar, se quizer, pois parece-me ter feito hoje uma soffrivel viagem...

—Apenas oito leguas, senhor Andrade, mas vejo-me fatigado pelo calor que faz, e além disso o sol ardente que tomei me força a repousar um pouco, para depois tratar dos nossos negocios...

—O que quer o meu patricio tomar antes do almoço?

—Nada, senhor Andrade, agradeço-lhe os seus obsequios.

E chamando o seu pagem fel-o levar as suas canastrinhas para o quarto indicado pelo Paulista.

Ahi introduzio-se logo o desconhecido, fazendo-se descalçar as botas pelo mesmo pagem, calçou as suas chinelas de tapete avelludado.

Sentou-se depois a um leito, que ahi, como de proposito, estava aciadamente preparado, e apoiando o corpo sobre o travesseiro, como que buscou repousar algum tempo.

Deixemos o desconhecido e vejamos o que faz João de Andrade entre sua mulher e sobrinha.

—O que quererá de nós este homem, minha mulher? Por mais tratos que dê ao pensamento não posso penetrar qual o motivo que aqui o traz... vir de longe para tratar commigo negocios de importancia... o que significará isto?... Não tenho negocio com gente de longe... minhas pequenas transacções são só aqui na cidade...

—Quem sabe, senhor João, se é alguma felicidade que nos vem, talvez uma herança de algum nosso parente, de quem ignoramos... murmurou D. Luiza com sorriso de duvida.

—Herança... minha mulher, parece-me que isso é cousa de não dar-me cuidado... é verdade que o pae de Emilia, lá para as bandas da cidade do Araxá, em Minas, tinha uns parentes ricos, mas o pobre de meu cunhado morreu mui pobre e esses parentes não vierão soccorrel-o... coitado.

delle se não fôra a amizade que lhe votava; morreria por certo a mingua...

E o Paulista concentrou um suspiro de magua para não affligir a Emilia.

Porém esta, pela phisionomia de seu tio julgou o que nesse momento se passava em sua alma, e articulou tristemente :

Embora não conhecesse a meu pae, meu tio, contrista-me o coração a idéa de que morresse elle tão pobre tendo aliás parentes ricos...

E' assim a ingratição deste mundo miseravel e ambicioso...

—Mas, consola-te, menina, teu pae morreu tranquillo; e, louvando a bondade do Creador, resignou-se com a sua sorte: não queixou-se de ninguem e nem censurou as faltas commettidas por seus parentes. Porém logo que vi o nosso hospede despertou-me elle muita sympathia... Este sentimento não te posso explicar... quem sabe se é uma felicidade para ti, Emilia, alguma surpresa que te prepara o destino... mas daqui a pouco, a nossa curiosidade será satisfeita. Ah! se fosse em realidade uma ventura, minha mulher, teriamos de agradecer a Providencia, que jamais abandona aquelles que a adorão e a respeitão infinitamente...

—Provera a Deos seus pensamentos sahisses verdadeiros, senhor João! Estou com desejos de conhecer esse homem a ver se me sympathiso com elle... o coração algumas vezes adivinha...

—Minha mulher, disse João de Andrade tocan-

do no hombro de D. Luiza, não tarda a conhecer o nosso hospede porque vejo que o seu almoço acha-se quasi prompto a vir para a mesa. Em quanto passão esses instantes, vou a sala ver se o homem está em repouso.—E sahio.

Emilia foi para a cosinha fazer com que a refeição para o desconhecido não demorasse, e D. Luiza sentando-se em sua rede tomou o seu balaio de costura e continuou o trabalho de bordado a crivo.

João de Andrade chegando a porta da sala de fóra, chamou o pagem do seu hospede e o interrogou :

—Meu negro, quem é este homem ?

—E' o senhor major João Corrêa, que mora perto da villa de Casa Branca, meu senhor...

—Ha quantos dias sahirão desse lugar ?

—Hoje faz um mez, meu senhor.

—A viagem foi muito vagarosa...

—Estivemos em S. Paulo, meu senhor, para mais de quinze dias.

—Ah !

—Senhor tinha lá negocios de receber dinheiro no Banco do senhor Gavião.

—Teu senhor é então rico ?

—Senhor é rico de dinheiro.

—O que queres dizer, meu negro ?

—Senhor é capitalista, meu senhor...

—Isso entendo.

—Parentes de senhor são todos ricos, mas só de fazendas e escraviduras.

—Desde S. Paulo até aqui elle não falhou em parte alguma?

—Não, meu senhor, paravamos só nos pousos do caminho.

—Beim, meu negro.

E passando pela alcova de seu hospede vio que elle com effeito repousava.

E, dirigindo-se para junto de sua mulher orientou-a á cerca de seu hospede.

D. Luiza ficou admirada e murmurou :

—Estou anciosa por ver esse homem... quem sabe se é alguma felicidade para nós...

—Veremos, minha mulher, veremos... respondeu o nosso Paulista entre a duvida e a esperança. Porém o almoço do homem está prompto e elle parece-me que dorme...

—Nesse caso, senhor João, o deixaremos dormir; mas comida fria nunca é gostosa.

—Ora, occorre-me uma cousa, minha mulher: vou fazer uma bulha na sala—tossindo e escarando—elle póde despertar do seu repouso. Embora seja una acção que a reprove, todavia supéra em mim a curiosidade de saber qual o negocio que esse homem tem commigo...

E o Paulista foi para a sala.

Um quarto de hora depois o hospede de João de Andrade comia um simples porém appetoso almoço, para cujo trabalho havia concorrido as bellas mãosinhas de Emilia.

O nosso Paulista não interrompeu o hospede na sua refeição.

O semblante do major Corrêa havia despertado as sympathias de D. Luiza, que tendo-se levantado de sua rede para cumprimental-o o recêbu com bondoso sorriso.

A donzella igualmente ficou gostando do homem.

Ao terminar o almoço do seu hospede, Andrade lhe pediu desculpas; dizendo que havia sido um serviço feito as pressas só para refazer as forças de quem entregue aos incommodos de uma viagem necessitava estar com o estomago confortado.

O major Corrêa agradeceu ainda a João de Andrade esses obsequios, e manifestou-lhe que desde S. Paulo até a cidade de *** fôra esse um optimo almoço que tivera e que o comera com bôa disposição.

E forão depois para a sala.

Ahi, ambos tomarão aromatico café, saboreando o hospede em golos essa deliciosa bebida.

Depois que tomarão o café, o hospede murmurou:

—Agora, senhor Andrade, convém oriental-o á cerca de quem sou e o motivo que aqui me traz.

—Não é V. S. o senhor major João Corrêa, capitalista perto de Casa Branca? perguntou o nosso Paulista com significativo sorriso.

O hospede surpreendeu-se ouvindo o respeitavel velho.

—Não o comprehendo, salvo se o senhor Andrade tem o dom de adivinho...

O ancião rio-se facetamente e observou :

—Não sou adivinho, senhor major, e só peço á V. S. releva-me de uma indscrição...

—Releval-o de que, senhor Andrade?

—Tive desejo de conhecer a pessoa que dava-me a honra hospedar-se em minha casa, e este motivo me forçou a cometter a falta de intorrogar o seu pagem, senhor major...

—Nenhuma falta commetteu, senhor Andrade. Se soubera que V. S. nutria o desejo de logo conhecer-me, não lhe teria privado disso; mas para que não o sorprendesse com uma noticia que muito lhe importava, busquei primeiramente serênar o seu espirito preparando-o para essa novidade...

—O que me diz, senhor major?

—E' uma novidade de grande vulto, senhor Audrade... Porém tranquilize-se e tenha a bondade de escutar-me os factos que lhe vou referir...

E o major Corrêa, tomando a sua boceta apresentou-a ao Paulista offerecendo-lhe uma pitada.

Depois aspirando a sua, limpou o nariz com um lenço de alcobaça e proseguio:

—Já sabe do meu nome e o lugar aonde residio: pois bem, saiba que sou parente de sua sobrinha Emilia, e que em beneficio della emprehendi esta longa viagem.

—Oh! senhor! quanto me alegra isso!

—Seu parente em 4.º grão...

—Tenha a bondade explicar-me.

—O seu finado cunhado Benevenuto de Olivei-

ra Corrêa era meu parente em 3.º gráo. Entre elle e meus irmãos Theophilo Corrêa, Francisco Corrêa de Oliveira e Manoel José Corrêa havia siu-gera amizade, maxima o ultimo que votava a Benevenuto particular estima. Como deve saber, senhor Andrade, seu cunhado e meu primo fôra sempre amparado por meu irmão Manoel Corrêa. Em uma occasião elle lhe fizera um pedido importante. Fosse lá por que fosse, o desejo de Benevenuto foi recusado, e o pobre do meu parente despeitando-se, datou dahi então a rivalidade de ambos; e, o resultado desta malquerença, não precisa patentear-lhe, meu bom patricio por que V. S. está muito ao facto da vida pobre que importou Benevenuto.

Depois de uma pequena pausa, o major Corrêa continuou em tom grave :

— Meu irmão Manoel José Corrêa era cilibatario; por mais esforços que empregassemos para dissuadil-o a deixar essa vida, que não offerencia-lhe gosos e nem felicidades por isso que tendo uma soffrivel fortuna bem podia empregal-a em pról de uma esposa; e propagando a sua prole nos daria nisso prazer. Porém meu irmão repellia a nossa idéa com obstinação, e votava-se todo ao cilibato. Vio dest'arte prepassar o tempo sem que mais tivesse fallado daquelle seu parente, que se havia retirado como seu inimigo. Ha um anno soffrendo meu irmão uma grave enfermidade o levou á eternidade; porém antes do seu passamento, estando em seu perfeito juizo, e mandando-

me chamar, disse-me que queria fazer o seu testamento para dispor de sua fortuna. Approvei a sua idéa, e logo buscando um tabellião, dispoz-se Manoel José Corrêa ao testamento.

Ignorava eu a maneira pela qual era feita essa ultima vontade sua. Respeitei os segredos de meu irmão, que só os confiara ao official publico.

Dias depois meu saudoso irmão passou a habitar a morada sombria da morte.

Seu testamento sendo aberto com as devidas formalidades quando seu cadaver ainda se achava sobre a terra, fiquei abysmado vendo as disposições nelle contidas. Uma fortuna quasi de cinquenta contos de réis passava a pertencer a Emilia de Oliveira, unica filha de Benevenuto de Oliveira Corrêa, e cuja menina...

João de Andrade como se julgasse sonhar, teve uma forte sensação, e encarando a phisionomia do major Corrêa, balbuciou :

—Será possível isso, senhor ? !...

—Não sou capaz de enganar-lhe, senhor Andrade...

—Desculpe-me, senhor major... o excesso de meu transporte fez-me duvidar de um facto tão grande...

E' um facto consummado, meu bom patricio, a minha parente Emilia está hoje senhora dessa boa fortuna, e toda ella é em moeda corrente, com algumas apolices do Thesouro Nacional.

—Mas, senhor major, disse o nosso Paulista com o coração pulando de contente, desejo saber

qual o motivo que tivera o senhor Manoel Corrêa para fazer tão grande esmola á minha sobrinha?...

—Não posso satisfazer a sua vontade, senhor Andrade. Meu irmão guardou sempre segredo no que tinha em mente obrar; e consequentemente, ficamos admirados quando tal testamento nos foi apresentado. O finado constituirá-me seu primeiro testamenteiro, dando-me um anno para cumprir as suas disposições. Além desse importante legado, distribuiu outros, porém pequenos em comparação áquelle, e que serão repartidos por alguns membros de nossa família.

—Senhor major, faz-me o favor dizer se o legado de tão boa quantia á minha sobrinha foi com alguma clausula?

—Sem nenhuma, senhor Andrade.

—Assim, seu major, está a futura consorte de meu filho com um bello dote... oxalá a Providencia seja propicia á sorte desse bravo soldado, que combatendo pela patria, lá se expõem as metralhas dos selvagens paraguayos...

—Desnecessario é, senhor João de Andrade, manifestar-lhe as minhas sinceras sympathias por esse joven, que embora não o conheça pessoalmente todavia apreçiei a sua nobreza d'alma deixando seus extremosos paes e a sua amante querida para ir para aquelle barbaro paiz vingar os insultos etirados á nação Brasileira. Sentimentos destes devem ser admirados...

—Senhor major, observou João de Andrade sentenciosamente, o paiz chamava por seus filhos;

o gemido do sofrimento repercutia por todos os angulos do imperio. V.S. sabe bellamente o que é o patriotismo no coração do Paulista. O sangue que me gyra nas veias ainda é o mesmo dos meus antepassados. Não ha elle degenerado um seitiil. Meu amado filho bebendo as minhas idéas formou-se um excellente joven. Não podendo conter o fogo santo do enthusiasmo patrio que lhe ardia o peito, alistou-se nas fileiras de nossos bravos voluntarios. Seus paes, a sua futura esposa não lhe servirão de tropeços. Sua alma grande encarou todo o perigo a que se expunha ; mas pondo sua sorte nas mãos do Creador, partio resignado para o lugar de seu destino...

O major Corrêa tendo ouvido em silencio as expressões do honrado Paulista, apertou-lhe cordialmente a mão, dizendo-lhe :

Senhor Andrade, já de sobra conheço o seu bello character. Uma historia que se publicou no « Correio Paulistano, » creio que em principio de Abril de 1865, pôz-me ao conhecimento do que se ha passado nesta casa, e é o motivo pelo qual louvei ha pouco ao bravo Ernesto as suas nobres qualidades... Mas, tornando aos nossos negocios, tenho commigo a copia do testamento de meu finado irmão, e o conhecimento ou cautela do pagamento dos direitos sobre heranças na respectiva estação correspondentes ao legado dos 50 contos.

Esses direitos importarão em seis contos de réis, e eu, como testamenteiro, estava autorizado

a fazel-o, e o fiz em nome da herdeira. Entrando-lhe pois a sua herança, tinha cumprido com o meu dever, e dando-me ella quitação em juizo, achar-me-hei livre de toda a responsabilidade.

—Tudo arranjaremos do melhor modo possível, senhor major. Sou o tutor de Emilia, e em seu nome, irei á cidade dar quitação em cartorio á V. S. Porém peço-lhe que isto não seja a causa de sua breve partida; hade passar commigo alguns dias... serei servido?

João de Andrade expressou-se de uma maneira tão bondosa que o major Corrêa annuo aos seus desejos, asseverando-lhe que passaria algum tempo em sua apreciavel companhia.

VIII

Não ha felicidade perfeita.

Algum tempo depois D. Luiza e Emilia sabião minuciosamente o que se tinha passado entre os dous Paulistas.

O riso da felicidade para a linda donzella havia sido passageiro. Um pensamento do futuro veio anuviar a fronte de Emilia trazendo-lhe o nome de seu saudosissimo primo.

—De que me serve esta fortuna, dizia ella consigo, se não tenho o primo junto a mim, se sua vida está exposta as balas do inimigo, se seu corpo póde ser mutilado por esses barbaros?

Se eu tivera neste momento azas voaria por esses ares e iria intrincheirar o peito aonde se prende

o meu amor, e que tantos crueis padecimentos me faz soffrer nessa tão agra ausencia...

—Oh! tristes saudades... quando deixarás de atormentar-me?...

E o monologo da donzella foi interrompido pelas lagrimas abundantes que submergião seus bonitos olhos, vertendo-lhes elles do intimo d'alma espedaçada da dorida lembrança de seu terno primo.

D. Luiza a sorprendendo nessa attitude, encarando-a com pesar, murmurou suspirando:

—Que é isto, Emilia, tu choras?

--Oh! minha tia!...

—Não me falles assim, menina, tu me magoas...

--Minha tia, as saudades hoje me devorão...

—Saudades, Emilia... saudades... tu sabes o que é o coração de uma mãe...

—Oh! eu o sei... porém...

—Teu soffrimento por mais intenso que seja não póde exceder o meu... e, pois, para que desesperar desta maneira? Ernesto hade voltar... a Providencia será em seu soccorro...

—Olhe, minha tia, essa fortuna inesperada que me veio, senão fruil-a junto do primo, não a quero...

—Tu hade ser muito feliz... tranquilliza o teu espirito, Emilia. Sabes que os espinhos que te cravão no coração com a idéa de Ernesto, vem tambem torturar-me muito...

—Bem o sei, minha tia... mas...

—Menina, sempre tenho ouvido dizer—não ha

males que não tenham fim e nem bem que dure sempre... os nossos males portanto se hão de acabar... tu hás de ter regozijos no coração, e elles igualmente virão expandir á minha alma... Porém, Emilia, mudemos o pensamento...

—Sim, minha tia, conversemos sobre o meu parente major Corrêa...

—E' d'elle mesmo que tive agora a lembrança...

—Que bom homem, minha tia...

—E muito honrado, Emilia... ter o trabalho de uma viagem longa e penosa só para trazer-te uma fortuna que não esperavas...

—Fortuna... fortuna, minha tia... ella virá com o primo...

—Escuta, menina... com o dinheiro chega-se a tudo quanto se deseja... o meu filho mesmo pôde comprar a sua baixa...

—Oh! minha tia, se assim fosse!... mas o primo é Paulista e quererá ver a patria vingada para voltar aos seus lares...

—Tens razão, Emilia...

—Parece-me mesmo se elle ficasse sem um braço que seria capaz de continuar em seu posto de honra... Porém, meu Deus! o que profiro! Ernesto ficar sem um braço! baleado ou mutilado! não, não! longe de mim tal idéa!

A joven assim expressando-se, levou os olhos para cima e como que em silencio supplicou o auxilio do Creador.

—A Santissima Virgem o escudará com a sua

divina graça, menina. Tenhamos fé em sua infinita bondade...

E igualmente D. Luiza ergueu os olhos entrecerrados, tendo toda a esperança no céu.

Depois proseguio :

— Mas volto ao que te dizia: o major Corrêa por certo irá hoje ou amanhã a cidade receber a quitação da tua herança. Esta novidade correrá logo, e tu verás, Emilia, quanta gente não apparecerá aqui para dar-te os parabens!

— Minha tia, hoje em dia os homens andão só atrás do dinheiro... a lisonja e a falsidade impera por toda a parte; e por tanto, se essa gente aqui apparecer...

— Menina, não ha regra sem excepção... teu tio é estimado na cidade por muitas pessoas sinceras, entre ellas conta-se o capitão Paulino de Barros, o vigário, e...

— Não, minha tia, não me refiro a taes homens; eu os conheço bem...

Nesse momento João de Andrade entrou no quarto de Emilia, aonde se passava esta scena, e com um masso de papel na mão, apresentou a sobrinha, dizendo-lhe :

— Isto é teu, Emilia... é o teu dote...

E o velho sorriu-se significativo.

— O que, meu tio?

— Ora, o que? a tua herança em moeda liquida! quatorze contos de réis e mais...

— Ah! meu tio! tanto dinheiro! para que me serve se o primo não está junto de mim?

— O primo! o primo! Ora, deixa-te d'essa lembrança triste menina! Toma bem sentido... hoje são 24 de Novembro de 1866... quem sabe se d'aqui a um anno ou dous teremos aqui o nosso voluntario...

— Tanto tempo ainda!... exclamarão a tia e a sobrinha com visivel contrariedade:

— Um ou dous annos, minha mulher, não é cousa de desesperar; o tempo corre; e um dia nossas almas se unirão em um amplexo doce, terno e saudoso...

• E o velho, elevando os olhos, deixou o pensamento voar para o seio immensamente bondoso de Deus, e como que fortificou a crença de seus principios religiosos. Porém, Emilia, proseguio João de Andrade; não te expliquei todo o teu dote... Não é só esta quantia que aqui está de quatorze contos de réis: tens ainda trinta contos em apolices do Thesouro... isto já faz uma boa fortuna... Como teu tutor vou hoje a cidade dar quitação da tua herança ao major Corrêa, dando-me uma publica fórma do testamento do teu generoso e finado protector, para depois, em teu nome, constituir procurador no Rio de Janeiro e receber elle os juros vencidos das tuas apolices. E, pois entregando-te esta quantia, que tens n'ella dominio, peço-te, Emilia, que a guardes bem...

— Meu tio, respondeu a donzella com sorriso bondoso e melancolico, não é vme. o meu tutor? quem melhor pois para guardar este dinheiro senão aquelle que deve dirigir as minhas acções?

Vmc., pois, faça delle o que bem lhe parecer... meus desejos... ah! são outros... rogo a Deos fazer com que volte o primo Ernesto para apertal-o ao coração, e...

A joven não concluiu a phrase e vexada sentio logo nas faces o rubôr de sua alma amorosa.

João de Andrade notando isso acariciou sua sobrinha batendo-lhe no hombro de mansinho:

—Deixa está, minha Emilia, tu lograrás o que tanto desejas... Ernesto hade vir para receber-te como sua esposa extremosa...

D. Luiza que até então nada dissera, murmurou como transportada de uma doce esperança:

—Oh! senhor João! a alma se me abre ao pensar nesta grande felicidade.

Emilia ficou silenciosa, mas, em seu bello semblante desenhou-se a ternura que lhe enchia o peito.

D'ahi a pouco o nosso Paulista conversava com o major Corrêa na sala de fóra. Depois de terem tratado de diversos assumptos, rolou o entretessimento sobre os negocios da guerra.

João de Andrade espraizou a sua idéa no patriotismo que o exaltava. Patenteou as grandezas do seu paiz; admirou as excellentes qualidades e virtudes do seu sabio Monarcha e elevou essas fileiras de bravos combatendo pela patria amada nas campanhas do Paraguay. Porém censurou o modo pelo qual erão feitas as designações da guarda nacional; lastimou o dispotismo que se empregava para com o pobre pae de familia, que

como réu de um grande crime, lá ia para S. Paulo algemado ou amarrado. Lastimou ainda que o destino d'essa infeliz gente estivesse em mãos de homens vingativos e máos que desrespeitando a lei e violando todos os deveres sagrados accomettesse a infeliz humanidade como o tigre atacando a sua victima! Que isso era uma acção infamante para os Brasileiros e mais ainda para os Paulistas de tempera antiga que herdarão de seus maiores um coração nobre e grande, presando a honra mais que a propria vida.

João Cerrêa apreciando os elevados sentimentos de seu patrioio justifieou as suas idéas dizendo-lhe, que a designação da guarda nacional era hoje o cancro da sociedade; que o seu mal, já sem remedio, attingiria ao seu fim destruidor; que, dest'arte o paiz não seria bem defendido e o patriotismo do povo se arrefeceria. Ajuntou mais que além de tantos e tão grandes soffrimentos da nação viria a lavoura, fonte primordial de sua riqueza, a ter uma espantosa crise; mas que elle podia-se resolver de uma maneira salutar não deixando todavia o governo de mostrar-se forte para com a féra terrivel do Paraguay, que tantos milhares de preciosas vidas ha ceifado ao Brasil, Que não era por via da força e do despotismo que se ajuntaria gente para engrossar as fileiras do exercito, porém sim fazendo marchar companhias inteiras, isto é sahindo uma companhia de cada batalhão para que, dest'arte, não apparecessem queixas e maldições; e os guardas

nacionaes deixarião de se occultar pelas brenhas a viver como selvagens. De cima vem o exemplo. A classe media da sociedade vendo partir os seus homens importantes, não acharia obstaculos para seguil-os ; e, em breve a guerra estaria debellada, e o paiz tratãdo dos seus interesses internos, buscaria o governo, com calma e reflexão, curar o seu grande mal.

Observou mais o major Corrêa, que o que faz a civilisação de um povo é seu baptismo de sangue vertido no altar da patria ; e, pois, o sangue brasileiro já com a bundancia derramado era sufficiente para attestar as nações cultas do velho mundo, que o Imperio do Cruzeiro,, ainda no berço, sabe ser respeitado do estrangeiro audaz que o queira accómmitter.

A discussão dos dous Paulistas ainda foi adjante, mas não fatiguemos com ella a paciencia do leitor.

Nesse mesmo dia 24 de Novembro, João de Andrade e o major Corrêa forão para a cidade tratar da quitação da herança de Emilia.

Vamos agora ver o que se passava na tarde do referido dia em casa do perverso Ezequiel da Motta.

IX

O projecto de rapto.

Logo correndo na cidade o boato de ter a pupilla de João de Andrade herdado uma bella fortuna, esse boato foi tambem ouvido por Eze-

quiet, em cujo pensamento ruminava os meios de pôr em obra os seus tenebrosos planos.

Ficou abysmado, sabendo depois do tabellião, que havia passado a quitação dos quarenta e quatro contos de réis dada pelo nosso hom Paulista ao major Corrêa. A idéa do terrível moço subio do ponto em sua ambição.

Em poucos instantes se lembrou de diversos projectos, com o fim do latrocínio. Porém em nenhum se baseou.

Parafusando ainda no modo pelo qual chegaria ao seu *desideratum*, visto como tinha tido solução de uma carta que escrevera a João de Andrade pedindo-lhe sua sobrinha, e que este lh'a negara com o pretexto de ser ella noiva de Ernesto, teve afinal uma idéa, que lhe pareceu excellente: o rapto da sobrinha de João de Andrade e por moio mui simples.

Buscaria uma occasião em que o honrado Paulista não se achasse em sua chacara para realizar esse plano. Dous capangas bem armados o escoltarião de qualquer eventualidade que lhe pudesse apparecer.

Ezequiel amigava-se com um certo individuo, tambem de côstumes mãos, a quem confiava parte de seus negocios particulares.

Esse homem que não é outro senão o João Casquinha, alcunhado tambem—João do Ouro—é bastante conhecido na cidade por suas *espertezas e sagacidades*. Já por mais de uma vez tem dado trabalho a justiça por ser tambem dado a valentia.

Já havia respondido ao jury por crimes de furtos commettidos na pessoa de um pobre velho, de quem, em uma vez, roubando-lhe certa quantia no jogo de bolinha, concluiu-se esse roubo pelo espancamento do pobre homem.

Mas sempre o patronato, que existe e ha de existir, veio livrar o malfetor do poder da lei.

Além disso, dando-se elle ao vicio da embriaguez torna-se insupportavel e atrevido em taes occasiões. Não respeitando a ninguem, sua lingua ferina e malidcente injuria a qualquer membro honesto da sociedade. Mede a todos pela bitola de sua reprovada conducta.

Terá 30 para 35 annos, baixo rachitico e de phisionomia patibular; em seus olhinhos esverdeados e vivos, seu nariz adunco, boca grande, queixo pontegudo, vê-se a sua alma ruim e viciada.

Usa de um capucho de barbas cor de latão no queixo, trazendo longos cabellos da mesma cor, grossos e hirtos, cahidos pela testa e orelhas.

Não tem officio algum, e sabe lêr muito mal.

Anda constantemente vestido de um palitot de panno piloto, muito rustido, e que lhe esconde as armas que traz sempre comsigo.

João Casquinha tem fama no baralho e na bolinha; mas os que mantem com elle relações affirmão que anda sempre com as algibeiras vazias, apesar dos roubos que commette no jogo.

E' casado, mas não se importa com sua mulher, e deixa-a sempre ao desamparo.

E, no entanto, benevolo leitor, um individuo desta laia assim vae vivendo nesta actualidade de miserias e corrupções sem que a policia o incommode não lhe tomando contas do seu perigoso comportamento ! Mas, é mal geral. Deixemol-o.

Este homem tal como o temos descripto, é hoje o amigo de Ezequiel da Motta.

Escutemos pois um dialogo sustentado entre ambos.

Ezequiel tem um baralho na mão. Joga um *bisca* com o seu companheiro em a sala de sua casa.

—Tenho uma cousa a contar-te, João Casquinha...

—Vamos lá...

—A pipineira é grossa...

—Tanto melhor...

—Mas... bico!

—Ora historias ! pois eu... *companheiro do rosario* (1) preciso cá de bico e nem meio bico?...

—Tu sabes da *prelenga* em que ando mettido...

—Isso é velho... vire folha.

—E' um negocio grosso...

—Adiante, Ezequiel.

—Tenho de chupar por ahí uns 50 contos em boa moeda, murmurou o perverso fazendo mysterio do que proferia.

—O que é que dizes, *companheiro* ? inquire o

(1) *Companheiros do rosario* são os jogadores alardados. O rosario é o baralho.

ladrao escancarando sua grande boca e mostrando-se sorprendido.

—Vou fazer um furto...

—Furto? como?

—Escuta o caso, João Casquinha.

—Estou escutando-te.

—A sobrinha de João de Andrade, de quem já por vezes tenho fallado, herdou lá do Sul da Provincia, de um seu parente rico, a quantia de perto de 50 contos de réis...

—Oh! homem! isso é verdade?

—Ora, essa é boa!

—Irre! a coisa serve... mas não é para zombar-se...

—Não te comprehendo.

—Não me comprehendes?

—Zombar o que?

—Uma quantia tamanha assim nos ha de dar agua pela barba até que nos venha ella cahir ás garras...

—Não acho embaraço algum na realisação do que pretendo fazer...

—Pois então conta-me isso, *companheiro do rosario*.

E o perverso Ezequiel orientou o seu amigo sobre esse projecto que meditava e em que se tinha firmado para levar a effeito em occasião asada, e de cuja idéa já damos conhecimento ao leitor.

—Porém de que modo tu has de saber quando o velho Andrade tiver de sahír de sua chácara?

—Hei de pôr um espião no caminho dessa habitação do velho...

—E se o tal Paulista não sair, tãõ de pressa de sua casa, o que farás?

—Esperarei...

—Isso não é cá commigo.

—O que receias?

—Uma coisinha pouca... vem de repente por ahí o tal Ernesto voluntario, todo marcado de cutiladas e balas, e te chupará a isca com a cobreira, observou João Casquinha em tom de chasque.

—Pois tu ainda pensas no voluntario? qual voluntario nem meio voluntario? esse *quidão* cá não pisará mais; a estas horas já está reduzido a lódo nos charcos do Paraguay.

—O diabo póde ajudar o voluntario...

—Pois dando mesmo o caso que elle volte, posso lograr o que desejo.

—Isso é que havemos de vêr *companheiro do rosario*, murmurou Casquinha tomando um copo pequeno, que se achava na mesa onde antes jogavam a *bisca*, e igualmente pegando uma garrafa com aguardente, desarrolhando-a virou-a no copo enchendo-o. Depois accressentou:

—Esta santa bebida é que nos dá a felicidade; e, daqui a pouco estarei prompto para dar-te todos os conselhos que quizeres...

E o jogador bebeu de um só trago todo o liquido, saboreando depois com a lingua pelos beiços a fortidão da alcoolica bebida.

Ezequiel vendo beber o seu consocio de joga

despertou-lhe o desejo de tomar tambem o seu *codorio*; e, de facto virou o copo, como costumado bebedor.

—Somos bons companheiros da *pinga*, disse João Casquinha como já sentindo os effeitos alcoholicos do liquido, que tanto mal faz a classe baixa da sociedade, Vamos lá, Ezequiel... o que queres que te aconselhe?

—Não quero os teus conselhos, mas sim a tua valentia...

—Prompto, lesto e agudo! respondeu o jogador, erguendo-se de uma maneira que já denunciava a fraqueza de sua cabeça.

Tenho necessidade de dois capangas de dar e tomar...

—Já te disse, que estou prompto e lesto, companheiro!

—Pois bem, conto comtigo, amigo Casquinha.

Este, para manifestar a sua satisfação e o desejo de prestar a sua valentia ao seu *companheiro do rosario*, como dizia; já um tanto electrizado pelo que tinha bebido, enchendo de novo o copo de aguardente sorveu-a sem fazer uma carêta, e balbuciou insolentemente:

—Conta-me já, Ezequiel, conta-me o que pretendes tu fazer com os teus capangas?

—Já te disse qual era a minha intenção, respondeu Ezequiel em tom imperioso; e reço-te que não me falles assim deste modo, Casquinha... do contrario não iremos bem...

—Serão á mim, *companheiro do rosario*?

Ora essa é de não se aturar ! Igual com igual, vê sabendo disto...

E Casquinha encarando a phisionomia som-branceira do viciado moço, deu uma risada de pouco caso.

—Os vapôres da cachaça já estão fazendo o teu miolo andar á roda, disse Ezequiel em tom de desprezo.

—Qual vapôr nem meio vapôr ! os vapôres estão todos lá no rio Paraguay ; aqui não ha nenhum, respondeu Casquinha, levando o pollegar da mão direita a testa quasi occulta pelos cabellos hirtos.

E dando outra risada, ainda tornou a virar o terceiro copo de aguardente.

A embriaguez do jogador o ia fazendo perder o uso da razão, e, de novo, deu outra gargalhada.

Este signal de provocação de um conflicto, deu a pensar um instante a Ezequiel, que não lhe convinha uma visita da policia, de cujo poder se temia. Mas, no entanto, murmurou em tom aspero :

—Retira-te, João Casquinha. Estamos justos. Quando fôr occasião de precisar de ti, te darei aviso. Agora vou sahir e não posso deixar-te só aqui.

—Ora, os diabos que te carreguem, *companheiro do rosario* ! Se tu teimares com migo, sou capaz de tirar um *coitejo* comtigo... vê lá, hein ? eu não sou nenhum banana... estou com a *pinga* na cabeça, porém, mesmo assim, *desaño* a todos

esses *pés rapados*, que ahí andão pela cidade. Olha, Ezequiel, olha o que eu faço...

E o jogador, já bastante tonto, fazendo ameaças com os braços, tentou avançar para o seu amigo, mas este recuando, gritou-lhe :

—Tira-te para lá, ladrão de bollinha ! se continuares assim, dou-te uns sôcos !

—O que?... o que?... sôcos á mim, só patife, ladrão de *dinheiro grosso*, matador ! Não tenho medo de ti... sou um parceiro para dar *quindo* a trinta ! tenho aqui um *rewolver*... não te respeito como homem...

E João Casquinha cambeteando ia puchar da arma ; porém Ezequiel não lhe deu tempo para isso : pegou-lhe nos braços com toda força dizendo :

—Tu estás muito bebado... desprezo as tuas valentias; para pôr-te de *molho* são bastantes alguns pontapés; mas, atira-te para ahí a cosinhares a tua *mona*...

E o companheiro do jogador deu-lhe um formidável empurrão, fazendo-o cair á um canto da sala com grande bulha.

—Oh ! ladrão dos diabos !... vociferou o bebado espumando pela boea, e tratando de levantar-se. Eu... já te curo...

Porém presentindo Ezequiel que o homem ia tomar a arma que trazia comsigo, e da qual nunca largava, saltou-lhe como um leão. Mas desta vez João Casquinha como rehavendo as suas forças já quasi perdidas, agarrou também em Ezequiel, que não podendo apoderar-se do *rewolver*

do seu contendor, tiverão uma luta terrivel braço a braço; duas vezes se levantarão e duas vezes baquearão sem que um d'elles mostrasse a superioridade da valentia.

Embragado como se achava o conviva de Ezequiel, parecia um impossivel o que se passava; porém, com effeito, suas forças não erão para zombar-se; e pois o perverso joven foi-se arrastando até perto da meza com o fito talvez de pegar em uma faca aguda, que ahi se via.

Mas o jogador, cada vez mais exaltado, não lhe dera tempo para isso.

Momentos depois Ezequiel rugia como uma féra vencida pelo caçador; e Casquinha duplicando a sua valentia demonstrava vencer o seu adversario.

Mas, nesse intirim, um individuo conhecido dos dous contendores appareceu de subito na sala. Olhou admirado o 'espectaculo' que ahi se representava.

Interveio nelle; e com algum trabalho, logrou separar Ezequiel das garras de João Casquinha. Este, cambaleando, mirou horriavelmente o seu perverso *companheiro do rosario*, e articulou gaguejando, extenuado pela canceira :

—Um dia... me pagarás... ladrão maldito!... toma sentido!...

E sahio pela porta fóra fazendo zig-zag.

Ezequiel, tambem tomado de canceira, pôde dar uma risada sarcastica ouvindo a ameaça do jogador.

X

Planeja-se um rapto. Reccios.

—Vieste a proposito, Chico Mentira, disse Ezequiel ainda tremulo pela raiva que o tomava.

—O que foi isto? inquire o recamchegado como sorpreso. Dous *companheiros do rosario* a brigarem como gallos?

—Esse diabo, murmurou o perverso em tom convulso, quasi que me ia matando, se eu não fosse mais ligeiro...

—Como?

—Estava com o seu revolver, porém não teve tempo para tiral-o.

—Que motivo houve para a briga, Sr. Ezequiel?

—O motivo foi a cachaça... Elle bebeu tres copos d'ella em poucos instantes. *Fardou-se*. logo.

—Oh! o tal João Casquinha é uma bisca temivel! exclamou o interlocutor de Ezequiel em certo tom comico.

—Bisca! biscã! aquelle homem é do demonio! Preciso de uma ou d'outra maneira dar cabo d'elle, pois pôde ser-me prejudicial, e toda a prevenção é pouca...

—Elle é capaz de o denunciar, sr. Ezequiel... sabe de sua vida... e...

Motta sarapantou-se olhando para Chico Mentira, assim appellidado esse sujeito.

—Sabe de minha vida? disse.

—E até de uma certa *esperteza* que o senhor fez...

—Espertezas... espertezas... tenho-as feito muitas...

—Porém essa de que fallo...

E Chico Mentira, que é um refinado tratante, todò cheio de *patranhas*, e com riso sempre nos labios, não concluiu o sentido de sua phrase, e deu uma risadinha significativa, batendo com a mão direita no hombro de Ezequiel.

—Falla, homem, o que é?

—O senhor pôde zangar-se commigo...

—Olha, Chico Mentira, não gosto de mysterios...

—Mas, senhor Ezequiel...

—E a dar-lhè!

—Veja lá o que diz... depois...

—Diga-me, homem!

—Pois lá vae, lá vae... porém eu não corro o risco...

—Se continúas assim, põem-te daqui para fóra! exclamou o perverso contrariado.

—Espere um pouco, sr. Ezequiel, não tenha pressa... deixe-me primeiro atear o cigarro.

E Chico Mentira mettendo a mão no bolso de seu *palitot* de brim de chadrez azul, tirou um isqueiro e ateou-o, e tomando de traz da orelha uma ponta de cigarro, accendeu-a.

Depois tragando a fumaça, olhou para Ezequiel e disse com pachorra:

—Aquelle João Casquinha não é brincado... aquillo tem feito o diabo a quatro!

—Chico Mentira, retira-te para o olho da rua! não me aborreças com as tuas sécas... anda! sahe!

—Ora está bom, não se *abizorne*... já lhe conto a historia, sr. Ezequiel... porém...

—Se continuas, quebro-te o focinho!

—Focinho é de porco ou de cavallo, e eu sou gente em carne e osso... observou Mentira com uma risadinha e gestos de um palhaço de cavallinhos.

Ezequiel já não podendo supportar a amollação que lhe fazia esse homem, quiz expulsal-o a força, mas elle tragando ainda o fumo do cigarro, disse:

—João Casquinha contou-me que vnc....

—Dize, de pressa...

—Roubou a um certo sujeito e depois matou-o...

O semblante sombrio de Ezequiel da Motta tomou uma terrivel expressão. Dir-se-ia que a sua consciencia nesse momento era mordida por algum crime negro...

—E... que mais?

—Que o roubo foi grande...

—E' uma peta que te pregou, Chico Mentira; contestou o perverso buscando tranquillisar o seu espirito. Tu não sabes que elle é o rei dos mentirosos, e que falla de todos, cortando sempre a vida alheia com a navalha afiada da lingua? Ignoras que elle inventa cousas que não existem?

—Eu o conheço...

—Estás acapachado que elle te impingio uma pega?

—Não precisa vnc. dizer-me, sr. Ezequiel...

—Pois bem, por fallares ~~me~~ roubo, vou com effeito commetter um...

- E a *bicha* ?
—Qual *bicha* ?
—Ora, vmc. me entende...
—O que ?
—A policia...
—A policia não tem nada com tal roubo...
—Como ?
—Vou furtar uma moça para casar-me e ficar rico...
—Lá isso é outro negocio...
—Sabes com quem é ?
—Pois como heide saber se vmc. não m'o disse ?
—E' a sobrinha do velho João de Andrade, que acaba de ter uma herança de perto de cincoenta contos de réis.
—Talvez cincoenta contos de prosa...
—Tu estás sempre disposto a chasquear...
—Nestes tempos em que estamos, sr. Ezequiel, uma fortuna desta parece historia das *mil e uma noites*...
E Chico Mentira deu, como de costume, uma risadinha, deitando fóra a ponta quasi gasta do cigarro.
—Já leste as *mil e uma noites* ?
—Ouvi meu pae lê-las quando eu era rapaz e andava na escola...
—Pois sabes que é uma verdade pura...
—E porque então vmc. não vae pedir a sobrinha ao tio ?
—Elle m'a negará...
—Porque receia isso ?

—Receio d'aquelle voluntario que partio para a guerra...

—O filho do velho?

—Esse mesmo.

—Eu lhe lembro um remedio, sr. Ezequiel, e assim póde fazer o furto que pretende de um modo simples...

—Explica-me isso...

—Levante uma mentira assim que chegar qualquer noticia de estrondo da guerra...

—Não te comprehendo...

—Vmc., entende bem...

—Vamos ver o que é...

—E' uma cousa de pouco ou nenhum trabalho...

—Já principias uma nova amolgação...

—Pois escute. Vindo a noticia do sul de alguma batalha, vmc. espalhará logo o boato que o tal voluntario Ernesto foi morto na campanha...

—Mas, como fazer isso?

—Vmc. dirá que vio uma carta de outro voluntario desta cidade, e que tal noticia elle affirma. Logo depois, o sr. Ezequiel irá dar tão triste nova ao velho Andrade. Hade fazer alarma... e vmc. aproveitâr-se-ha da confusão para pescar o peixe, e... tráz, zás, nó cégo!

E Chico Mentira dando uma risada, bateu no hombro do maldito moço.

—Homem... a tua lembrança parece-me boa... pois já tenho entrada na casa do velho Andrade e será facil a execução do teu projecto. Mas, para

pô-lo em obra, preciso de dous capangas. Queres servir-me ?

—Prompto, porém com a condição de ficar no matto escondido. Perto da casa ha uma capoeira, e della pode-se saltar no caminho n'uma encruilhada que faz e que vae para a cidade e para a freguezia de P***. Tendo bons animaes tudo se arranjará ás mil maravilhas.

—Está bom... está bom, tomo nota do teu expediente. Se não descobrir outra maneira de conseguir o que desejo, esta será acertada com toda calma e reflexão.

Depois pensando ainda sobre tal negocio, ajuntou:

—Não ha duvida... a tua idéa é excellente... se não surtir effeito, uma lembrança que agora me despertou a mente satisfará os meus desejos. Tu, Chico Mentira, não has de arrepender deste serviço...

—Estou certo que vmc. me gratificará como um fidalgo...

—Pódes contar commigo?

—A *talho de foice* vem isto agora, disse Mentira riendo-se.

—O que ?

—Eu precisava, e por isso...

—Explica-te.

—Mas, não sei se...

—Temos a repetição da amollação, Chico Mentira ?

—Talvez não possa ser e assim...

- Talvez o que ?
- Estou tão necessitado...
- Peior vae o negocio...
- Quero, porém...
- Fella homem ! Já te disse que não gosto de rodeios...
- Pois bem, lá vae... lá vae..

E Mentira como fazendo um esforço, olhou para Ezequiel, passou a mão pela sua enorme cabelleira crespa e em desordem, coçou depois as orelhas, oscillou a cabeça, e pondo emfim patente os bolsos vãos de dinheiro, tanto do palitot como das calças, sacudio-os, e murmurou em tom de quem pedia uma esmola :

— Estou, desde hontem, a vêr tocar matinas ! nem um real !

Elle havendo proferido estas palavras, déra a phisionomia uma expressão sentimental, e com tanta arte, que fizera Ezequiel dar uma risada.

— De quanto precisa então ? disse este.

— Uma *tutameia*... Se os *irmãos do rosario* juntassem para a sessão, eu não incommodaria á vmc.... e lambiscaria alguns bagos... porém esses diabos, não sei para onde andão... talvez o recrutamento e a designação da guarda nacional os afugentasse da cidade... tudo agora anda com a pulga atraz da orelha... se eu tambem fosse guarda já teria untado cebo nas canellas... Porém, vamos ao que lhe dizia : assim uma quantiasinha de trinta bagos... já me divertia...

— Quer trinta mil réis, e só ?

— Se lhe convém augmental-a, com isso não me cabe um dente.

— Dar-te-hei a quantia e arranja lá a tua vida...

— Te Deum Laudamus! graças! graças ao sr. Ezequiel! Venhão pois esses bagos... já posso mandar cantar um cégo...

E assim fallando, Chico Mentira poz em movimento suas pernas como se dançasse um *cateretê* cá da nossa roça, patenteando por este modo, o seu regozijo pelo benefício que ia receber de Ezequiel.

— Deixemos disto, disse este tirando da algibeira do seu palitot seis notas de cinco mil réis.

E Chico Mentira fazendo ainda alguns geitos com a cabeça e com os braços, balbuciou:

— Ora venha de lá esse refresco curar a tísica destas miseraveis algibeiras.

E, com uma risadinha, contemplou o dinheiro e acariciou-o como querendo beijal-o.

Ezequiel rio-se d'essa palhaçada.

Momentos depois Mentira se retirava, protestando o seu reconhecimento a quem tanto favor lhe fazia, asseverando mais que quando o perverso moço precisasse do prestimo de um capanga destemido, era só dar um assovio que viria elle correndo, receber as ordens do *fidalgão*.

Demos bem a conhecer ao leitor esta figura do nosso romance, que não deixa de ter algum interesse na sua acção.

Das pessoas com quem o viado Ezequiel da Motta entretinha relações, era Chico Mentira o que

mais liberdade tinha em sua casa. Todo mettido a jocoso, contava-lhe sempre factos usando de mysterios e extendendo qualquer simples dialogo em sentido de futilidades, porém com certa dóse de chasque, que não se fazia aborrecer.

Como já dissemos, com o semblante sempre risonho, e com refinada tratantice, mette-se elle nos jogos da classe baixa da sociedade, e d'elles, com as suas *espertezas*, tira algum dinheiro com que vae dando pasto a ociosidade, empregando-se tambem no officio de capanga.

Qualquer que não o conheça cabirá em o laço que armar com suas labias e graçolas.

Jogando sempre o *buso* com os negros das sitios visinhos e que trazem suas quitandas aos domingos, rapina-lhes os cobres sem o menor obstaculo.

E' mulato, porém sua epiderme é morena e corada.

Terá 25 para 26 annos. Na mão esquerda tem falta de dous dedos, o minimo e o medio, e isso tem sido o seu resalvo do recrutamento, pois é solteiro, não tendo pae nem mãe para sustentar.

Sabe ler e escrever, e não anda descalço, e nem tambem apparece á rua em mangas de camisa.

Seu rosto comprido, magro e com barbas compridas por baixo do queixo, ponteagudo, e com a sua grande cabelleira preta e crespa, parece imitar um pouco a figura hyperbolica do Cabrião dos—Mysterios de Paris,—rindo-se e pregando peças de valhacaria ao povo.

A alcunha—mentira—proveio-lhe dos contos

que inventava para assim ter base em pregar algum logro, lucrando a mór parte das vezes com tal especulação.

E pois ficou conhecido por Chico Mentira, quando seu nome verdadeiro é Francisco Liborio.

Agora que satisfazemos o benevolo leitor, vejamos o que pensava Ezequiel da Motta ficando só em sua casa.

Como tambem já informamos o leitor, esse desgraçado moço tem tres escravos, porém nesse dia só a sua cosinheira e mucama se achava em casa. Os outros lenhavo.

—Estou perdido se a policia descobrir o facto... Mas de que modo saberia o Casquinha da tal historia?... o negocio passou-se tão escondido... fico perplexo...

E Ezequiel, sentado em uma cadeira junto á mesa, estava em attitude de meditação.

Passados alguns instantes de silencio, proseguio em tom sombrio :

—Só tenho um meio para em realidade satisfazer as minhas suspeitas... Aquelle homem sabio d'aqui zangado commigo, e embora embriagado, devo no entanto prevenir-me. Elle foi direito á sua casa, e, pois é-me conveniente ir lá amanhã cedo para desvanecel-o da desavença que teve commigo. Não posso ter este homem como inimigo... sabe de quase todos os passos de minha vida... porém dizer-me que matei para roubar?... Quem o orientaria disso?... O véo deste mysterio deve ser rompido, elle importa-me muito...

Ezequiel interrompeu o seu monologo para cabir em nova meditação.

O que receiaria elle ?

Era, por certo, a consciencia que o accusava...

XI

Conversa-se na guerra.

No dia seguinte, ás 10 horas da manhã, na chacara de João de Andrade, havia uma grande reunião de pessoas.

Era a gente grada da cidade que tinha vindo dar seus parabens pela fortuna inesperada que acabava o velho Paulista de receber em nome de sua sobrinha Emilia.

O nosso honrado patricio, com a sua proverbial urbanidade, respondia a todos que o obsequiavão com o sorriso da sinceridade.

D. Luiza e Emilia, igualmente se mostravão reconhecidas aos individuos que lhe patenteavão sua satisfação pela felicidade de tão honrada familia.

Entre os amigos de Andrade se achavão o delegado capitão Paulino de Barros, o vigario da freguezia da cidade, o tenente-coronel R*** e o major João Corrêa.

A conversação a principio um tanto fria, tornou-se depois animada quando rolou sobre a guerra. Cada um desses cidadãos esforçavão por mostrar o fogo santo do enthusiasmo patrio, que lhe ardia no peito, engrandecendo o valente povo brasileiro, porém ao mesmo tempo lastimando os soffrimen-

tos do paiz n'essa cruzada de honra nas plagas paraguayas.

Entretamos alguns instantes o benevolo leitor em parte d'essa conversação.

Vejamos o grupo onde falla gravemente Paulino de Barros, o vigario S*** e o tent. coronel R***.

—Os nossos negocios de guerra, disse o delegado sorvendo a sua pitada de rapé, vão ruins: As ordens ultimamente recebidas da Presidencia são terminantes. Quer-se gente seja porque meio for...

—Pareço que já não temos garantia, acudio o parochio em voz apaudistada e tomando tambem uma pitada de cangica.

—O que querem que se faça? inquire o tent. coronel R*** como demonstrando o seu pesar pelo mal do povo.

—E' verdade que em semelhante conjunctura, só pela força poderemos augmentar o nosso exercito com recrutas e guardas nacionaes.

—E onde estão os voluntarios?

—Os voluntarios, senhor vigario, parecem já não acudir ao chamado que lhes faz a mãe patria. Aquelle grande enthusiasmo que tão magestoso retumbou entre milhares de bravos em todos os angulos do imperio, parece hoje adormecido. Já ninguem se apresenta para sacrificar o seu sangue pelo paiz. O géllo da indiferença vaõ apagando lentamente o facto sagrado do patriotismo, que tão bello, tão sublime, ardia nos corações de nossos jovens... Olha-se agora para a guerra de um modo que nos entristece...

É Paulino de Barros expressando-se assim, patenteou o pesar de sua alma.

—E tudo isto a que é devido? voltou o tent. coronel em tom de censura.

—As más direcções dos negocios publicos. D'ahi é o mal da nação.

—No tempo em que o Brazil ainda se achava em paz com a Republica do Pasaguay não se tivesse descuidado, e na indolencia de sua politica entregando-se somente á negocios internos, deixou o tyrannete do visinho Estado premunir-se para uma guerra que meditava contra o imperio, e os pederes da nação olvidando as fortificações de suas fronteiras, deixando mesmo a provincia de Matto Grosso indefeza e a do Rio Grande do Sul entregue á seus proprios recursos, hoje não teriamos de lastimar tantas amarguras e d'ssabores que temos tido. Rio de precioso sangue brasileiro ha corrido sem que elle tenha lavado ainda a mancha da patria feita por esse damnado leão, vomitado dos antros da terra guarany.

—Opprobrio para nós brasileiros se tal mancha deixar de ser lavada! observou o tent. coronel R*** com gravidade.

—Embora tenha-se arrefecido o patriotismo de nossos irmãos, embora sejam immensos os sacrificios com que o paiz tem de lutar, todavia a Providencia Divina fará soar o hymno da victoria nas muralhas desmanteladas da soberba Humaid: ahi o pendão au-riverde tremulando pela aragem da bonança, se fará afamado perante todo mundo.

Então as fileiras de nossos bravos soldados, avançando-se sem tropeços para Assumpção, irão depôr ali as armas vencedoras, para repousarem de suas arduas fadigas, agradecendo ao Deus dos exercitos os seus triumphos...

—E' bello o seu pensamento, senhor vigario, disse Paulino de Barros tomando nova pitada de rapé; mas prevejo que os seus bons desejos não serão realísados com a brevidade que queremos...

—E por que senhor capitão?

—Torno a repetir á V. Revm., pelas más direcções dos negocios publicos.

—Porém o governo...

—O governo, senhor vigario, tem feito muito em prol do paiz... o gabinete Furtado foi quem teve a gloria de conseguir fazer surgir em pouco tempo esse grande numero de batalhões de denodados Brasileiros, hoje, infelizmente, desimados pelas metralhas e fuzilaria do inimigo; que deu vida a nossa armada fazendo-a respeitavel com novos navios e encouraçados; que nomeou inteligentes e bravos cabos de guerra, e cujos grandes serviços são admirados por todo o paiz; que todas as intenções desse illustrado governo e dos outros que o tem succedido forão e ainda são para elevar a patria defendendo os seus fóros de nação civilisada. Porém, em bem da verdade, cumpre-me, como filho desta terra abençoada, censurar tambem a tortura que tem havido na marcha da guerra...

—E essa tortura é hoje a causa do desanimo

que lavra pela classe pobre da sociedade, ponderou o vigário com accento de lastima.

—Se não fosse a triplíce alliança...

—A triplíce alliança, senhor tenente-coronel?

—Dou explicação ao meu aparte, senhor capitão. Tenho lido que o general Mitre é um homem de bastante illustração e politico consumado; que possui um coração generoso, mas que a sua nomeação para generalissimo do exercito alliado não foi acertada. Falta-lhe a tática militar tão necessaria para o bom cabo de guerra. A ausencia d'essa tática faz derramar sangue em profusão sem fructificar uma victoria. E para corroborar esta idéa haja-se vista as batalhas que temos tido no Paraguay. Ellas attestão, apesar do denodo, valentia e sangue frio com que esse general tem combatido o inimigo, que não é no entanto o habilitado para resolver os difíceis planos da campanha. E pois buscando-se cortar os tropeços que se antolhão nas plagas do inimigo, vae-se de dia em dia, adiando essas difficuldades demorando-se tambem a terminação da guerra, e as despesas onerando em enormes sommas os cofres do Estado o sacrificio immensamente...

—E o general Flôres?

—O general Flôres é um grande soldado; sua bravura admira a todos, porém, tambem não seria conveniente a sua nomeação para chefe do exercito alliado. A batalha de 24 de Maio ainda nos atesta que esse general tão temerario como é, batendo o inimigo com duplicado valor, quasi

que foi victima do seu heroismo e denodo. E pois no meu humilde pensar, com o ruge ruge que á respeito do general Mitre tem havido, nos jornaes de Buenos Ayres, eu acharia muito a proposito a nomeação do nosso grande Caxias para generalissimo das tropas alliadas. Seria isso uma medida muito acertada. Não digó que esse homem seja o vencedor de guerras; mas é tão feliz, tem um destino tão propicio, que dotado de alta intelligencia, e, comprehendendo perfeitamente a tatica militar, muito sangue podia elle poupar, não deixando todavia de obter a victoria sobre o inimigo, já mortificado pelas provações de uma guerra tão injusta como essa que nos faz o tyranno Lopes.

—O Caxias já está no exercito, senhor tenente-coronel... e, em breve teremos a noticia de algum feito de nossas armas...

—Oxalá isso aconteça logo!

—A Divindade hade auxiliá-lo para a victoria, murmurou o vigario tomando o seu tabaco.

—Mas, senhor capitão Paulino, os meus desejos não serão satisfeitos. O nosso Caxias lá se acha á frente dos nossos bravos soldados, porém o Mitre continúa como generalissimo...

—E o tratado da triplice alliança?

—O tratado poderia ser alterado...

—Mas ha nisso conveniencia politica...

—A conveniencia politica deve desaparecer quando se trata da honra e salvação de tres paizes. Porém, senhor capitão, permitta-me ainda em patentear-lhe as accusações que se fazem no Rio

de Janeiro, de onde cheguei ha poucos dias, como sabe, e V. S. terá rasão para magoar-se. Dizem, que adrede, em Corrientes, buscão prolongar a guerra para dest'arte enriquecer-se o povo; que o dedo occulto do general Mitre e de alguns outros personagens são a causa disso. Que havia mysterio na entrevista que tivera o Solano Lopes com o generalissimo, e que só a luz do tempo no futuro rasgaria o véo de tal mysterio. Que no malogrado ataque de Curupaity houve desleixo do exercito argentino deixando de auxiliar ao nosso denodado Porto Alegre; e que semelhante desleixo fôra o motivo de surgir no exercito brasileiro algumas censuras contra o Mitre, e estas com fundado proposito. Porém deixo de mais considerações, porque se manifestasse o que era a opinião publica no Rio de Janeiro sobre a guerra, eu iria além nestes negocios.

—A opinião publica, senhor tenente-coronel, é um juiz inexoravel, e por isso devemos respeitá-la...

—A opinião publica quando condemna...

—Suspenda a sua proposição, senhor R***; disse o vigario reflectidamente; mal de nós se opinião publica nos condemnasse! Mas o povo é sempre maldizente e sempre propenso ao peccado. Cada cabeça, cada sentença, diz o proverbio. Inventão cousas que nos parecem verosimeis, no entanto a malidicencia é que reina. Não quero com isto dizer que os negocios da guerra caminhão bem. Não. Tudo ahi anda vagaroso; rios da

dinheiro tem-se gastado; milhares de vidas, tão caras para a patria, se ha ceifado na terra do amaldiçoado Lopes; mas a causa disto nós sabemos perfeitamente. Fallo as expressões intimas da minha alma. Poderíamos já ha muito ter os nossos corações em soccêgo se não fôra os grandes embaraços com que teem lutado os nossos generaes nas realizações de seus planos. As margens do Paraguay, como se sabe, são todas pantanosas e grandes banhados difficultão as operações do exercito aliado. Tacteião, por assim dizer, nesse solo inhospito, onde só devião abrigar féras bravias; e, cada dia que se passa traz uma grande oneração para os cofres publicos e um mal para o povo. Porém tenhamos fé na bondade immensa do Altissimo. A causa do Brasil é justa e Deos vem sempre em auxilio do justo. Não desesperemos. A victoria hade corôar os sacrificios do paiz em tão grande partida de honra.

— Senhor vigario, deixo de ponderar a minha idéa quanto ás más direcções que tem tido a guerra; e só tenho de lembra-lo uma cousa...

— O que, senhor capitão?

— Um homem nos ha prestado relevantes serviços na campanha...

— Já adivinho o seu pensamento. Esse homem é o nosso conselheiro Octaviano...

— E' elle. Tanto na campanha como em Corrientes muito ha feito em pról de sua patria...

— E' uma pura verdade, senhor capitão.

— A imprensa de Buenos Ayres e de Monte-

vidéo é uma prova evidente do quanto nos mereço esse notavel brasileiro.

—As benções de Deos sobre elle! exclamou o vigario sorvendo o seu tabaco.

—O nosso Magnanimó Monarcha deve-lhe mostrar o seu reconhecimento, pois sabe apreciar bellamente o merito de seus fieis suditos...

—Octaviano é uma das glorias do paiz, senhor capitão, disse o tenente-coronel em profunda convicção.

—E eu, como brasileiro, me ufano disso.

Nesse intirim, João de Andrade appareceu ahi.

—Ainda conversão sobre a guerra? disse.

—Está terminada a nossa discussão, meu amigo, respondeu Paulino de Barros sorrindo; porém ella foi toda pelo bem do paiz.

—Não precisa dizer-m'ó, senhor capitão. Agora, peço á VV. SS. um favor particular... Me fazem a honra de tomar *um copo d'agua*, como se diz hoje pelo mundo civilisado?

—Oh! senhor! volveu Paulino fazendo uma venia com a cabeça.

—Do melhor grado accetamos o seu convite, disse R***.

—Senhor vigario?...

—Vamos, senhor Andrade, ao seu *copo d'agua*, que deve estar excellente, respondeu o parochó com semblante risonho.

E, assim tambem, forão as mais pessoas, á convite do Paulista, para a sala do interior, aonde havia uma mesa de doces simples, porém cuida-

dosamente preparados por D. Luiza e D. Emilia, que fazião garbo em obsequiar á essa bôa gente, em signal de seu reconhecimento.

Terminado o *copo d'agua*, ainda a conversação continuou por algum tempo entre os amigos de João de Andrade, esforçando este por agradar sempre a tão honradas pessoas.

O vigario que é homem já velho, mas de phisionomia muito respeitavel teve um colloquio com D. Luiza e Emilia, e animou-as com a esperança de que Ernesto de Andrade havia de em breve voltar para os lares patrios.

O tenente-coronel é um homem de 40 annos mais ou menos, semblante nobre e sympathico e de maneiras polidas.

Elle, conversando alguns instantes com a sobrinha de João de Andrade, achou-a muito espi-rituosa e intelligente.

XII

● romance do amor.

Na noite desse dia, Emilia em seu quarto, sentada junto de uma pequena mesa, escrevia á luz de um pequeno lampeão de kerosene, algumas paginas de papel.

Sua attitude era interessante, e de vez em quando, suspendendo a penna, parecia meditar no que escrevia.

Ella murmurava baixinho :

Estas linhas são o meu amor que aqui vae...
são as expressões intimas do meu triste e saudoso

coração, que se tortura da ausencia tão longa de um bem amado...

Ellas vão á ti, meu Ernesto, á ti que os meus sonhos não te deixão...

Quizera agora possuir uma penna de poeta para descrever-te todo poema do meu amor, das minhas maguas, soffrimentos e saudades infinitas... Mas, não importa; descreverei o meu terno sentimento de um modo que não te aborreça. A singeleza também é predicado dos litteratos quando elegantemente descripta.

Porém, vejamos o que aqui escrevia sob a fôrma de capitulos.

E Emilia leu em voz baixa, mas com emphase:

I

« Era uma vez, uma joven, ainda menina, que não sentia as settas de cupido. Ella tinha um primo, que estimava como seu proprio irmão. Porém este sentimento não foi duradouro. O amor lhe sorriu um dia, mas esse sorriso bem caro lhe custara. O coração dessa menina foi traiçoeiramente ferido, e ella, subjugada, entregou-se ao seu poder. O mal que a ferira ia lentamente se augmentando.

« Já a potre experimentava os effeitos de um tal sentimento, quando um dia, o vandaval da sorte lhe veio amargurar a debil existencia.

« Era como uma triste e silenciosa flôr do val, que pendida sobre a hastea, parecia prestes murchar, e o furacão de uma terrivel borrasca veio quebrar aquella flôr!

« Coitada! ali... sosinha... cahio, sentindo-se morrer...

.

II

« O furacão destruidor foi a guerra, que alarmou o paiz, foi ella que arrebatou o ente tão amado, para atiral-o lá para esses confins da terra paraguaya, deixando a dôr immensa da saudade, ralar o coração sensível d'essa donzella, e cujos sonhos a vão alimentando na terna imagem d'esse enteadorado...

« Elle preferio derramar o seu sangue pela patria do que viver junto, no remanso da obscuridade, com aquella que o idolatrava. Debalde lhe supplicou que não partisse, inutil forão suas lagrimas de amante extremosa... mas elle, em voz repassada de magua, dizia: « Ouço uma voz que me chama, e essa voz corta-me o intimo d'alma... é o grito da mãe patria chamando por seus filhos... Preciso acudir-a, ir ao seu soccorro, para livral-a da fera terrível que tem rasgado o seu seio. Deos me amaldiçoaria se me deixasse aqui ficar... E...? partio, quem sabe com que pezar?...

« A menina ficou só, como a flôr do val, alimentando-se das lembranças doridas do seu amante; e nas horas do silencio, os zephyros que perpassavão vinhão beijar os seus cabellos, e acariciando-os, como que murmuravão um nome para ella doce... esse nome vinha tocar nas cordas sensíveis

do coração da entristecida amante, que se definhava em agras saudades...

III

« O soffrimento traz a idéa de Deos...

« O pensamento da infeliz menina vagueia pelos céos, e depois lá vae pairar ante a Divindade tão immensa, tão bella, tão encantadora!

« Ah! é o refugio dos que padecem.

« Ah!, acha-se remedio ao soffrimento, ah!, em poreune gloria, o Creador de todas as maravilhas, tocando com o seu dedo Poderoso o infeliz, que implora a sua graça, faz-lhe um prodigioso milagre. Das amarguras d'alma passa de repente o desditoso para os extases da alegria e da felicidade!

« Oh! quanto a idéa do Deos Supremo é immensa e tão rica de esperança! Por toda parte ella se revela com encanto indefinivel! na mais insignificante cousa que os olhos aviste, ella ah! está attestando as grandezas da Omnipotencia do Creador!

« E a merencoria menina, com o espirito todo preso no seio de Deos, pedia o lenitivo para seus males, implorando tambem por aquelle que a fazia padecer...

« A fé que a pobre nutria em seu peito, era viva e cheia de esperança...

« Mas, os momentos se passam, as horas caminham, os dias se vão succedendo, os mezes se mudão e... a esperança e a fé ainda ali estão no pensamento da menina...

« Oh! quanto é bella, é sublime a idea da Suprema Magestade! se não fôra ella essa infeliz tinha baqueado pela dôr da saudade!

« E pois a menina a acaricia, sonha com os encantos de sua bondade Divina, e esses sonhos, povoado de tudo quanto é formoso, a faz extasear nas delicias de uma poesia suave, maviosa, cheia de doçura, e... não, não é preciso proseguir... a imagem de todo esse encanto é aquelle joven a quem ella ama com tanto ardor e esperança...

« E' Ernesto de Andrade...

IV

« Ouve-se um canto mellifluo, saudoso e repassado de melancolia.

« Ali, no galho de annoso ingá, o alado orpheu dos bosques veio desprender os seus queixumes, as suas maguas.

Ahi, a pobre avesinha, como se exhalando de tristeza, vae trinando as suas endeixas com a poesia infinda do Creador. Oh! quantos mysterios nesse canto, quanta sublimidade no poema da saudade revelado por esse passaro!...

« O que se passa n'alma de quem tanto ama ao escutar o solitario e merencorio cantor, é facil de comprehender-se...

« Se a menina o pudesse apanhar em suas mãosinhas e acaricial-o... alisando a sua rôxa plumagem e dando-lhe depois um osculo no seu biquinho de harmonia e de doçura... ella se sen-

tiria tambem exhalar na poesia acredoce de uma lembrança eterna...

« Mas... lá bateu o sabiá as pequenas azas e deixou suas saudades á menina que o contemplava...

« Foge... foge... disse ella com voz commovida, assim tambem o amor me deixou, fugindo para longinquas terras... E duas lagrimas de crystal, filtradas do coração, despontarão nos olhos enternecidos da pobresinha...

« Sua vista alongou pelo espaço, como se buscasse um lenitivo para a sua dôr...

« Porém esse lenitivo forão as lagrimas que do novo inundarão seus olhos na idéa d'aquella imagem do seu amor...

V

« Era uma noite chuvosa. O calor era excessivo. Tudo na casa era silencio.

« Em seu quarto, sentada junto á mesa, a saudosa menina lia as confidencias intimas do seu amante.

« Era a ultima pagina do escripto.

« Um suspiro repassado rompeu o peito da extremosa donzella, fazendo-a murmurar em voz despedaçada o nome de Ernesto...

« Algum tempo depois ella parecia articular palavras inintelligiveis.

« Morpheu condoendo-se do soffrimento da pobre menina, fêl-a adormecer envolvendo-a vagarosamente em suas azas.

« No cabo de alguns momentos os sonhos vierão igualmente surprender o espirito dormente da menina.

« Transportarão-a para um lugar desconhecido...

« Ao longe se desenhava um grande e formoso palacio; arvores auriverdes, com o maior viço e belleza, margeavão uma rua arcuada indo terminar á porta principal desse palacio. Um immenso estandarte com as armas da nação brasileira fluctuava no cimo do edificio.

« A não pequena distancia, um enorme castello, todo denegrado, se patenteava em frente do lindo palacio. As arvores seculares que o circumdavam estavam todas ressecadas. Seus galhos erão despidos de folhagem. Dir-se-ia amaldiçoado o solo desse lugar, que negava-se a dar vida á essas arvores.

« E pois era triste e sombrio o lado d'esse castello em contraste perfeito ao bonito palacio onde tremulava magestosamente o auriverde pendão.

« Sem saber como, de repente, os arredores desse sinistro castello se encheu de gente. Erão homens tismados como os indios dos sertões, quasi nús, e emmagrecidos. O aspecto delles era terrivel.

« Porém, tambem, um povo immenso enchia os arredores do palacio fronteiro, mas esse povo mostrava vigor e valentia.

« A mór parte dessa gente era esbelta e gentil.

« D'ahi a poucos momentos ouvia-se uma musica marcial, que tocava ao longe. Mas, de subito,

a menina tremeu ao presenciar uma batalha terrível. O tempo que levou o grande combate a donzella não o pôde precisar; mas o seu final fôra um espectáculo magestoso. O hymno da nação troava pelos ares com o maior enthusiasmo.

« O pavilhão era içado por todos os angulos do palacio. Havia uma grande confusão no povo e urrhas de vivas ao Imperador e á nação brasileira estrondavão no espaço. Algum tempo depois o castello denegrido, que se tinha envolvido no fumo dos canhões e das metralhas, estava todo destrocado. Por sobre suas fumegantes muralhas em ruinas o estandarte auriverde attestava com soberania uma esplendida victoria.

« Os gritos de alegria e de enthusiasmo repercutião por toda parte.

« Mas, no meio d'essa festa que fazia o povo, a menina era de subito apertada nos braços de um joven...

« Seu abalo fôra grande, porém sua admiração fôra maior contemplando o seu saudosissimo Ernesto, com a blusa de voluntario l... quiz fallar-lhe, não pôde; a voz morrera-lhe nos labios...

« Fizera um esforço... Porém Morpheu fechando rapidamente as suas azas a deixara.

« Despertando a pobre amante, soluçara com a lembrança de seu terno primo...

« Aquelle palacio formoso onde o povo obtinha o triumpho era o Brazil... o castello negro feito em ruinas era--Humaitá.

« Foi o pensamento que tivera a menina ao recordar-se do singular sonho...

VI

« Parecera de bom presentimento esse sonho para a entristecida menina. Esperou que elle se realisaria em breve tempo.

« Mas os dias se forão escoando, e ella esperando sempre, sua fé não perdia.

« Uma vez viera um riso da fortuna festejar a pobre amante; mas essa felicidade não lhe era completa. Ernesto não a acompanhava.

« A menina era rica; porém para que lhe servia essa riqueza quando o joven dos seus sonhos estava a mercê da sorte expondo seu nobre peito ás balas do inimigo?

« Seria completa a ventura para a menina se pudesse ella respirar junto do seu amante as delicias de um amor profundo, unguido de castidade... Seria-lhe mais doce um sorriso seu do que aquelle prodigalisado pela felicidade...

« O sacrificio da saudosa menina esperando sempre pelo mancebo que a tortura não tem limites. O que se passa em seu melancolico coração ella não o póde dizer: só Deos o comprehendendo...

« As preces de uma alma pura vão achar echo no seio da Divina Providencia.

« A pobre amante, no remanso do seu silencio, murmura a oração da fé pelo destino d'aquelle joven, d'esse voluntario abençoado, que com tanta

abnegação lá combate com ardor para fazer triumphar as armas da patria sobre o inimigo paraguayo.

« A supplica da menina hade ser attendida pela bondade immensa do Creator.

« A fé e a esperanza não abandonarão a alma da amante estremecida e tão saudosa... — Está finalizado o romance do meu coração. Não tenho receio de censuras por que elle será lido somente por aquelle a quem voto intenso amor... Pedir-lhe-hei que nem mesmo o seu amigo o veja... Esse moço é poeta, e achará motivo para criticar-me... Não, não, Ernesto deixará de mostrar-lhe este pobre e tóscico romance de minh'alma...

E depois a donzella ainda reflectio.

—Vá como está escripto, disse.

E dobrando as paginas, guardou-as na gavetinha de sua mesa.

Nesse momento batia o relógio da casa onze horas.

—E' tarde, murmurou Emilia baixinho. Póde meu tio perguntar-me o que estou fazendo a estas horas... e... o melhor é deitar-me já...

Momentos depois a donzella deitando-se em seu leito, tinha o pensamento em seu querido Ernesto...

XIII

Pensa-se n'um crime.

Ezequiel da Motta com effeito fôra, no dia immediato, procurar João Casquinha em sua casinha n'uma rua da cidade, quasi deserta, e aonde a gente que a habita é de classe baixa e ordinaria.

Porém a mulher do jogador dissera a Ezequiel que seu marido havia dous dias não tinha noticias d'elle, e que o julgava mettido em alguma casa de jogo, não se lembrando de sua pobre mulher.

O perverso ouvindo isto contrariou-se, e protestou consigo em descobrir o homem que lhe dava serios cuidados.

Procurara-o ainda pela cidade, mas ninguem lhe dera noticia d'elle.

Em caminho para a sua casa Ezequiel encontrara Chico Mentira, e o intorrogando sobre Casquinha, lhe respondera que o tinha visto em uma rua da cidade, porém montado em cavallo sendeirão, todo pellado e carregado de piolhos, como quem ia para fóra da povoação.

Nessa occasião o perverso moço incumbira a Chico Mentira que buscasse indagar para que lado o jogador se ausentara; e qualquer cousa que á respeito soubesse o fosse prevenir logo para o governo de seus negocios.

Mentira com sua risadinha do costume promettera a Ezequiel pôr-se na *pista* do Casquinha e *farejaria* o motivo d'essa ausencia.

E Ezequiel, retirando-se para sua casa, esperara ahi o resultado da incumbencia de que vimos de referir.

O dia passara-se vagaroso para o debochado moço. Elle esperava ancioso por Chico Mentira.

Afinal este appareceu; e introduzindo-se logo em casa de Ezequiel, foi murmurando como quem tinha achado um segredo: ...

—Descobri *melgueira*, senhor Ezequiel, e...

—E... o que? inquire Motta com impaciencia.

—E alguma *coisinha* mais...

—O que descobriste então?

—X-p-t-o, fez Mentira com accionado de um capoeira.

—Vamos lá, conta-me logo isso, que estou ar-dendo por saber...

—Porém ha suas *coisas* ahi...

—Já principia...

—Espere lá, sr. Ezequiel, vmc. já vae saber de tudo...

—Peço-te que não me amolles...

—Primeiro dê-me vmc. licença para ateiar o meu cigarro.

• E puchando do isqueiro, Chico Mentira accendeu logo esse cigarro.

—Ora escute, proseguio o companheiro de Ezequiel soltando uma fumarada pela boca e guardando o seu cigarro.

—Anda de pressa...

—Ouça vmc.... Aquelle sujeito que mora mais lá, assim... assim...

—Quem?

—Vmc., sr. Ezequiel, deste modo não me deixa contar-lhe a historia,olveu Chico Mentira com a sua favorita risadinha.

—Vem sempre com preambulo, e eu não gosto disto...

—Digo-lhe que é sujeito que tem relações com o Casquinha...

—E então?

—Então disse-me que elle fôra para a roça de um certo figurão desta terra, que occupa um importante cargo...

—Quem?

—Ora, sr. Ezequiel! quem lá elle sabe! não informou-me do nome desse figurão e por isso vae a historia do mesmo modo que ouvi...

—E que foi fazer ahi o Casquinha?

—Que ia para descobrir um certo segredo para assim vingar-se de vmc.... E' o que me disse o tal sujeito...

Um ligeiro abalo pareceu tomar os membros de Ezequiel, que articulou como contrariado:

—Segredo... para vingar-se de mim...

—Talvez aquella passagem que elle me contou...

—O que?

—Que vmc. matou para roubar...

—Historias! exclamou Ezequiel com certo embaraço, que não deixou de ser comprehendido pelo esperto Chico Mentira, que julgara o perverso capaz de um tal crime.

—Mas ainda não lhe informei de tudo, senhor Ezequiel...

—Diga...

—O tal sujeito, amigo do Casquinha, accrescentou que vmc. havia de ser recolhido á casa dos *innocentes* dentro em pouco tempo...

E Mentira olhou significativamente para o seu interlocutor com risos de um verdadeiro velhaco e trampolineiro.

—Eu? ser recolhido á casa dos innocentes? Explica-me isso... não te entendo...

Chico Mentira deu uma gostosa gargalhada e disse:

—São os innocentes que matão, que roubão, que brigão, que bebem e que jogão bollinhas... a cadêa não póde ter outro nome cá na nossa lingua da santa velhacaria.

—Quando eu fôr preso, Chico Mentira, tu has de ser Bispo neste paiz...

—Não sou Bispo e nunca o serei, porém o meu quinhão não vae para o vigario...

—Olha, vou te encarregar de uma cousa...

—Estou ao seu dispor, sr. Ezequiel...

—Tu assim que souberes que João Casquinha voltou da roça vem-me sem perda de tempo avisar-me.

—E' só isso?

—Só isso.

—Por aqui me vou neste baque, sr. Ezequiel.

E assim fallando, Chico Mentira sahio da casa, deixando só o desmoralizado joven, que entregou-se logo á uma profunda meditação. Passado algum tempo, murmurou com voz sombria:

—Isto assim não vae bem... quem sabe o que me acontecerá?... Devo deconfiar-me de todos... porque... porque...

E Ezequiel interrompeu a sua idéa como se temesse proferir alguma palavra que o condemnasse. E de novo reflectio.

—Estou hoje remediado de fortuna, proseguia:

depois de alguns instantes de silencio. Doze contos de réis amoedados tenho-os ali... é um bom caminho para chegar-se á riqueza...

—Mas... a vida não me vae bem... tenho impedimentos... elles devem ser rompidos, custe lá o que custar... Para chegar ao *desideratum* á que me propuz, tenho muito que trabalhar...

Porém se vier de repente uma...

E o perverso estacou ainda cortando a sua phrase e olhando receioso por todos os angulos de sua sala como se presentisse alguém que tivesse escutado o seu monologo.

—Diabo! vociferou com signal de raiva; de que receio? alguém acaso vio o que passou-se? não foi ás sombras que eu...

E ainda o seu sentido ficou suspenso. Ezequiel passeou os olhos pela sala, applicando o ouvido com o maior cuidado.

—Nada... nada, fique só commigo o segredo de minha fortuna... Vejamos antes o canal mais seguro para pôr-me a coberto com a policia desta cidade. Della depende todo o nosso bem estar... Do subdelegado nada temo, porém do capitão Paulino de Barros... é um delegado temivel quando tenta perseguir alguém... Precisamos arranjar este homem para que não me contrarie nos meus desejos... Una lembrança occorre-me agora... João de Andrade é amigo de Paulino, e por conseguinte este deixar-me-ha viver em paz não dando ouvido a toda e qualquer accusação que por ventura se me queira fazer...

E, de novo ainda, Ezequiel da Motta pensou sobre o que havia proferido.

—Porém... continuou elle, como se tivesse bem reflectido, tenho de pôr em pratica o projecto de raptó... e... João de Andrade ficar-me-ha odiando e buscará a miuha perdição; e dest'arte, em nada poderei contar com o delegado... Diabo! os meus negocios complicão-se e só enxergo uma unica taboa de salvação...

O casamento seja ou não forçado é sempre um sacramento, como dizem as carolas da religião. Casando-me com a sobriuha do velho Paulista, depois do nó dado, elle accomodar-se-ha... não quererá a perdição de sua estimavel púpilla...

Não... não é possível perder esta excellente pipineira! Tenho uma boa chave para abrir todas as difficuldades... o dinheiro... esse poderoso auxiliar, que triumphá sempre desta sociedade ambiciosa e corrupta... elle pôr-me-ha são e salvo em porto seguro...

E o viciado mancebo como que tendo vencido o receio que o incommodava, proseguio resolutamente:

—O caminho é o melhor possível... e a menina Emilia fará o meu regalo... Não me faltarão recursos para conseguir o que tanto desejo...

E um sorriso sombrio crispou os labios de Ezequiel, como se premeditasse algum crime para a realisação de seus planos.

D'ahi a pouco deixava a sua sala e entrava para uma alcõva contigua.

O espirito do perverso ia imbuido de uma idéa perniciososa...

—O que pensaria elle? que caminho seria esse que o julgava conveniente para apoderar-se da sobrinha do nosso honrado Paulista e fruir os seus malevolos intentos?

E' que por certo, em sua mente criminosa, machinava um attentado grave, que occultando-o nas trevas tenciozava realisá-lo.

Que buscava elle raptar a sympathica amante de Ernesto de Andrade, é factó que está ao conhecimento do leitor, mas esse caminho que o julgava seguro para a consecução de seus fins, é o mysterio que por em quanto não podemos penetrar; mas no entanto pensamos que a idéa do malvado Ezequiel é toda pernicioso para a bôa e respeitavel familia do nosso velho patricio Andrade.

Deixemos agora esse mancebo entregue á má disposição de seu tenebroso espirito, e vejamos o que é feito de João Casquinha.

O jogador embriagado como se achava, em lugar de encaminhar-se para a sua casa, levava seus passos titubantes para a habitação de um inspector de quartirão seu conhecido, mas não montado n'um burro magro como havia informado Chico Mentira, e nem tambem ser figurão o sujeito que o bebado buscava.

O inspector mora perto da cidade, e por isso João Casquinha não tivera muito trabalho para chegar ao sitio desse homem.

Sorprendeuse com a noticia que lhe dera

jogador, e apesar de não o ver em seu uso de rasão pelo espirito alcoolico que o dominava, todavia deu algum peso ás suas palavras, e admirou-se que Ezequiel da Motta tivesse commettido um homicidio para perpetrar ainda um roubo; e embora semelhante facto em alguns pontos lhe parecesse divergente, no entanto o inspector assentou em denunciá-lo ao subdelegado respectivo para que providenciasse á respeito.

Com effeito, tendo-se escoado o tempo, depois de haver o inspector bem reflectido sobre um tal crime, que para desaggravo das leis cumpria patentear-o á luz da verdade; e não obstante mesmo ponderar que o denunciante, além de seu vicio de embriaguez é um refinado velhaco, ardiloso e malidcente, dirigira-se á casa do subdelegado para referir-lhe o que João Casquinha havia penetrado. Porém a autoridade buscou com minuciosidade saber como e por que maneira havia esse homem descoberto um crime perpetrado quiçá nas trevas, e em lugar remoto, não havendo probabilidade que fosse elle testemunha.

Mas, a esse respeito, o inspector nada pudera informar ao subdelegado por isso que sua curiosidade ácerca do crime não o levára a indagar do jogador de que fonte havia elle trazido essa noticia, julgando que suas palavras contradictorias pelo espirito da embriaguez não mereciam credito, e aguardara-se para em occasião opportuna inquirir-o e assim orientar-se-ia melhor de semelhante delicto.

A autoridade policial deixou para o dia seguinte o interrogatorio do jogador, pois era de presumir-se que então no uso de suas faculdades pudessem auxiliar a justiça na pesquisa d'esse crime. Encarregou ao inspector que o trouxesse para esse fim, designando-lhe as horas em que devia elle comparecer.

XIV

Pesquizas sem resultado.

O inspector fôra exacto em cumprir as ordens do subdelegado.

João Casquinha obedeceu a intimação por parte da autoridade, e livre da embriaguez que o punha fôra de seu juizo, dirigio-se para a residencia do subdelegado em companhia do inspector.

O subdelegado passou então a inquiril-o afim de que suas indagações policiaes lhe patenteassem qualquer prova para a perseguição do delinquente.

A pesar de ter empregado todo o geito para chegar ao conhecimento da verdade, o subdelegado não logrou tudo quanto desejava.

Das suas pesquisas uma idéa vaga lhe veio mostrar que o crime que se imputava á Ezequiel da Motta não era, ao que parecia, sem fundamento.

O jogador ou porque occultasse a verdade, ou porque ignorasse do facto tal como se havia dado, não descobriu tudo quanto bem pudessem auxiliar a justiça.

Sendo elle constrangido á responder pelo que havia dito—chamando a Ezequiel de ladrão e

assassino — só referio que em uma noite em que passeava pela cidade, n'uma de suas ruas, a mais despovoada, vio dous individuos que conversavão á porta de uma tasca, e que lhe parecerão estranhos. Elles conversavão baixinho em negócios, que, despertando a curiosidade do jogador, o levarão a escutar o que fallavão esses individuos. E auxiliado pela noite, que era mui escura, cuvira logo o nome de Ezequiel da Motta.

João Casquinha então contou que os individuos accusavão á esse moço como autor de um roubo e assassinato na pessoa de um estrangeiro perto de uma aldeia da provincia de Minas; mas que no momento que isso patenteavão, taes individuos calarão-se como se descobrissem o jogador que os escutava; e que sem demora se retirarão da porta da tasca, perdendo-se na obscuridade da noite. Que João Casquinha não os pudera acompanhar pela necessidade que tinha de tambem, em tal occasião, retirar-se para a sua casa.

Buscando o subdelegado indagar sobre o proprietario da tasca, o jogador informára ao juiz que conhecia á esse homem, de quem podia a autoridade saber alguma cousa á cerca dos individuos que tratarão do crime commettido por Ezequiel.

O subdelegado mandando pelo mesmo inspector chamar ao dono de semelhante tasca, que fôra denunciado pelo jogador, elle, obediente á ordem do juiz, não se fez esperar.

O subdelegado, logo que o avistou, passou a interrogal-o sobre o facto referido por João Casqui-

nha, mas o taberneiro nada pudera dizer sobre isso, porque desconhecendo á esses homens, não os ouvira também fallar no nome de Ezequiel da Motta; e se tal acontecera, fôra certamente em occasião que elle proprietario se retirára da vendinha, indo para o interior de sua casa.

O subdelegado buscou ainda saber se além d'elle taberneiro havia outra pessoa na casa que pudesse auxiliá-lo na descoberta do crime que se lhe denunciava. Porém esse homem só informou que tinha sua mulher e uma filha, ainda pequena, pessoas que nada igualmente poderião dizer sobre o que pretendia a autoridade.

Esta despedio então o taberneiro dizendo também ao inspector e ao jogador, que quando delles precisasse de novo para correr uma devassa, os chamaria, pois que cumpria que semelhante crime fosse elucidado para desagravo da sociedade.

Cada um desses individuos tomou o caminho de suas casas.

Já perto da sua habitação, João Casquinha encontrou-se de repente com o perverso Ezequiel.

Tremeu ao ver o seu inimigo. Mas este o acariiciou, cheio de lábias, pedindo ao jogador que o perdoasse do que lhe tinha feito; e para uma satisfação completa disso, regou-lhe que o acompanhasse até a sua casa, e que desse trabalho não se havia de arrepender.

O velhaco do jogador o olhou com cara de tratante, e pondo de parte o seu resentimento, assentou em acompanhar ao seu *companheiro do rosa-*

rio, como dizia, para ver se com effeito lhe rendia alguma coisa d'esse convite.

Finório como era, penetrára logo que Ezequiel se recelava, julgando-o capaz de o ir denunciar *enfiteando* algum caso para assim pôl-o suspeito com a policia, que o deixava viver em paz, logrando sempre as suas espertezas. E assim, annuindo ao desejo do perverso, o fez com o fito de uma *mo-lhadura*.

Ambos logo chegarão a casa; e Ezequiel fazendo entrar o jogador na sala, tratou sem demora, de pesquisar-o sobre o que tinha elle feito desde o momento em que sahira vociferando *cobras e lagartos* contra seu *companheiro do rosario*.

João Casquinha occultou tudo quanto dissera ao inspector e ao subdelegado. E desculpendo-se com a *pinga*, que o havia posto fóra do juizo, pedira então perdão a Ezequiel das palavras injuriosas que proferira, mas que lhe protestava nunca mais offendel-o e de ser sempre seu fiel creado e *companheiro das espertezas*.

Que a raiva que nutrira contra o moço fôra só enquanto o alcool *reinava* em sua cabeça, e que tendo cessado o seu effeito, tambem cessarão as suas *bravatas*.

Ezequiel, com goitos, o inquirio de novo acerca do que tinha o jogador dito—chamando-o de ladrão e assassino—e que por certo teria para isso algum motivo ou suspeita julgando para effeito Ezequiel capaz de tão grande delicto.

Mas João Casquinha, sempre ao barco e esperto,

soube illudir ao seu companheiro, dizendo-lhe que não sabia de crime algum commettido pelo perverso, e que se avancára tal injuria, fôra somente, como já se desculpára, a embriaguez que o puzera desorientado do juizo.

Ezequiel com as ultimas palavras do jogador pareceu satisfeito, e para prova do que, tirando do bolso um massinho de notas, pegou uma de 20000 réis e deu-a ao Casquinha, murmurando :

—E' para a tua gorgêta...

—Ora, *companheiro do rosario*... não sou me-recedor de...

—Deixa-te de cumprimentos...

—Pois já que assim queres, venha de lá isso...

E o jogador estendendo a mão, tomou a nota, mirou-a com riso de tratante e ajuntou :

—Ora, eis como são as coisas deste mundo ! Quando sabi d'aqui feito um diabo furioso, julguei commigo, ao sarar da borracheira, que teria um terrivel inimigo no *companheiro do rosario*, mas esse inimigo é um homem de encher as medidas !

E o astuto João Casquinha, abrindo os braços, atirou-se sobre o mancebo, apertando-o ao peito como se em realidade sentisse em seu coração a effusão do seu reconhecimento pelo favor que recebia.

Ezequiel, acreditando na fementida expressão do jogador, capacitou-se com effeito que seus receios são infundados, e que nada pois devia temer da parte da policia, vivendo, por conseguinte, d'ahi em diante livre de qualquer perseguição.

E atravessando-lhe logo pelo espirito a lembrança da posse e fortuna de Emilia, a bella sobrinha de João de Andrade, *desideratum* á que se propunha, fê-lo ainda advertir ao jogador para que o coadjuvasse em occasião opportuna, e seria d'ella com antecedencia prevenido?

E João Casquinha, tendo accendido o seu cigarro no isqueiro, tragando grande fumaça, ponderou, depois de ter ouvido o seu consocio :

—O peixe vale a pena d'um sacrificio, companheiro, e meios não lhe faltarão para pilhal-o em teu anzol... eu serei capaz de tudo n'essa pescaria...

E o jogador deu uma risada como si ella manifestasse a sua valentia nas emprezas arriscadas da velhacaria.

—Porém, continuou elle saboreando o cigarro, dize-me cá, *companheiro do rosario*, em que accordo estás quanto a *historia* do peixe?...

—Pois tu não sabes?

—Não.

—Parece-me que já te contel...

—Estás enganado, companheiro...

—Ora, espera...

E Ezequiel levou o dedo indicador da mão direita á fronte como se pensasse sobre o que havia referido ao jogador.

Ao cabo de alguns segundos ajuntou :

—Tu cassoas commigo, Casquinha ?

—Ora essa, companheiro !

—Lembro-me agora que te disse que tinha tentões de raptar a sobrinha de João de Andrade...

—Ora, já se viu? respondeu o velho jogador como se com effeito se recordasse da conversa que tivera com Ezequiel no dia em que se embriagara; tu, em verdade, fallaste-me do rebo da meça, sobrinha do Paulista, mas a maldita borracheira que tomei, me pôz a bola esquecida...

—Tenho agora outra idéa na mente, Casquinha... já não penso mais no rapto...

—E o que queres então fazer?

—Depois o saberás...

—E porque não posso saber já?

—Porque não é possível.

—Queres por enquanto guardar segredo ao teu negocio... entendo-te perfeitamente, *companheiro do rosario*... és o mais fino da sucia...

—Vê lá, Casquinha... eu conto contigo...

Ainda precisa repetir-me, *companheiro*?

—Chico Mentira hade-nos tambem auxiliar...

—Porém Mentira não é para competir cá com o *dégo*, murmurou o jogador batendo no peito com orgulho.

—Quem te contesta isso?

—Eu sou um valentão... e Mentira é o que é— sempre um contador de brócas...

—Mas tu sabes, que ás vezes a sagacidade vale mais que a força...

—Havemos de ver, *companheiro*, se será a minha valentia ou a prosa e gatimombas do Chico Mentira...

—Pelos modos tu não o queres para cá...?

—Ora! quem disse isso, *companheiro*?

Algum tempo depois Ezequiel da Motta ficava só em sua casa. E entregando-se ás suas cogitações, de si para si dizia como se tivesse tirado um peso que o incommodava :

—Ora, graças ao meu destino! já não tenho receios da policia e nem deste tratante! E' um capanga que hade servir-me muito no que pretendo... O plano é o melhor, e o seu exito é infalível... oh! que idéa! que idéa feliz me acudio ao espirito!

Nesse interim, a mucama de Ezequiel-o veio chamar para jantiar.

XV

Noticias de Ernesto.

Alguns dias tem-se escoado na ampulheta do tempo.

Corre chuvoso o mez de Natal.

Transportemos o leitor para a casa do nosso velho João de Andrade.

E' uma tarde chuvosa.

O respeitavel Paulista tinha recebido duas cartas de seu saudoso filho, e o portador que as trouxera do correio da cidade ainda esperava ahi para jantiar, á convite do velho.

Uma dessas cartas era volumosa, e a outra já aberta, estava na mão de Andrade que lia de si para si..

Emilia, anciosa, de um lado, devorava essas linhas com os olhos como se buscasse alguma noticia que fizesse expandir seu coração.

Passados alguns instantes, D. Luiza não poden-

do também conter a sua impaciencia, inquirio á seu bom espeso com voz tremula :

—Então, senhor João ? o que diz o nosso filho ?

—Toma, Emilia, lê tu a carta, e emquanto isso, vou passar a vista por esta outra, que não é talvez senão a continuação das confidencias do teu primo...

A joven leu a carta assim escripta :

« Acampamento de Tuyuty, 21 de Novembro de 1866.

« Meu querido e saudoso pae.

« Tudo no exercito é enthusiasmo, todos fallão no nome do nobre Marquez de Caxias, todos o contão como o seu anjo salvador !

« Tal é a confiança que os soldados têm no velho e grande general, que esperão em breve vêr o fim de suas fadigas e trabalhos por uma victoria estrondosa contra o inimigo, que se enfraquece de dia para dia, já pela mortalidade que lavra em suas fileiras e já pela fome que o accomette terrivelmente !

« Com os contingentes que vêm chegando de nossa patria, vae o exercito engrossando consideravelmente. Julgo que do modo em que vão indo as cousas, caminhamos com effeito para o fim da guerra, e este fim talvez seja breve.

« Em verdade, meu bom pae, depois que chegou aqui o nobre Caxias, tudo se mudou como por encanto ! Tem se feito tantas cousas, que desnecessario será relatar-lh'as, e tudo isto tem sido para melhorar a sorte do exercito. Ha mais

tempo que devia ter vindo o Marquez, e se tal tivesse acontecido, muito sangue não se teria derramado improficuamente, sangue que tem sido tão caro para o nosso imperio !

« Esta minha idéa é relativa ao infeliz ataque de Curupaity, onde centenas de bravos se diminuirão de nossas forças. São, pois, importantes os serviços já prestados pelo nosso general em chefe.

« A estrella feliz do illustre Marquez é a garantia do nosso breve triumpho sobre as cohortes paraguayas; e em breve tambem o feroz Solano conhecerá a sua impotencia perante o exercito aliado, que o levará de vencida até os muros da Assumpção. Ahi terminarão os nossos trabalhos e incommodos.

« Vou referir-lhe um facto importante de nossa campanha, meu querido pae. Tivemos um terrivel temporal, que durou cinco dias com pequenas interrupções ! A chuva cahia em torrentes dias e noites. Os esteiros ou braços de rios se converterão em arrosios formidaveis. Os fossos inundados tornavão as nossas trincheiras grandes lagos. Por toda parte a enchente nos inculia terror. Parecia um diluvio !

« Imagine, meu pae, qual não foi o nosso padecimento ! Nossas barracas já não nos reguardavão da chuva. Nossa roupa molhada, e não tendo-se tempo de cosinhar o nosso alimento, elle apenas se aferventava !

« O solo convertido n'uma lagôa immensa, era interessante o seu aspectô.

Se a chuva continuasse por mais algum tempo, além dos cinco dias, teríamos de lutar com gravissimas consequências. Porém a Providencia Divina veio em nosso soccorro: as cataratas do céu desaparecerão, e o tempo tornou-se limpo, radiando o sol no espaço.

« As trincheiras do inimigo também se estragarão consideravelmente com o temporal, e por conseguinte, os paraguayos não zombarão dos nossos soffrimentos.

« O nosso acampamento não tem sido incomodado pela gente do Solano; apenas alguns pequenos tiroteios de infantaria e algumas balas trocadas pela artilharia, servindo de trincheira os mattoes que favorecem os postos avançados de um e outro exercito.

« Nossa campanha está metamorphoseada n'uma soffrivel povoação; temos bailes, musicas, sociedade, missa todos os dias, e temos também um theatro embora coberto de palha, mas nem por isso deixará de ser palco, onde havemos de assistir algumas boas representações. Pessoal para ellas não nos faltarão. Conta-se que em 1.º de Janeiro abrir-se-ha esse excellentre recreio para distracção de nossos irmãos de armas.

« O nosso insigne dramaturgo o valente e denodado patriota Dr. Francisco Pinheiro Guimarães — cujo nome já é uma das glorias de nossa litteratura e também já bastantemente conhecido como um guerreiro destemido e que não teme as balas e metralhas do inimigo, sabendo vingar os brios

ultrajados da patria—bem nos poderia obsequiar com alguma composição mimosa do seu bello talento para o nosso theatro.

« Assumplos virião em profusão povoar essa vasta intelligencia, e um drama todo bellicoso e que dèssó cabo do tyranno paraguay serìa bem a proposito para a inauguração do theatro.

« A mór parte de nossos soldados são distinguidos pelo cultivo das idéas, e por consequencia estimados de seus commandantes. Uma soldadesca assim honra o paiz que a enviou,

« Quanto á officialidade do exercito brasileiro, é caracterizada pelo talento, morigeração e urbanidade.

« Prepara-se o exercito para uma nova batalha, e os planos delineados pelo nosso general Caxias hão de surtir os desejados effeitos.

« Faço ardentes votos ao céo para que ella seja com brevidade. A impaciencia com que todo o soldado brasileiro espera pelo momento que tem de decidir a nossa sorte, é grande. Antevejo desde já que o combate das armas hade ser horrivel, mas o imperio Americano cantará a victoria.

« Já, por certo, terá vmc. sabido, meu saudoso pae, que estou hoje condecorado como cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa pelos serviços que prestei na tomada da « Ilha do Carvalho. » Parece-me que só fiz aquillo que me cumpria. No entanto sou bastante grato á magnanima generosidade do nosso sabio Monarcha.

« Consta-me agora que estou para uma das va-

gas do posto de alferes no meu batalhão. Porém, meu pae, as honras maiores que hoje ambiciono são quanto antes deixar estes lugares para vôr nas azas do desejo e lá abraçar á vmc., minha saudosissima mãe, e... a prima do meu coração...

« Pudera, é estas horas que escrevo, troar os canhões da batalha, porque assim teria convicção de que a minha retirada da campanha seria proxima. Mas os dias se escoão vagarosos e não sei ainda quando terá termo a minha impaciencia.

« Basta, meu bom pae. Deos é toda a nossa esperanza. Não estendo esta porque vmc. lê os jornaes e sabe melhor que eu o que se passa por estes campos da guerra.

« Lance vmc. e minha extremosa mãe as benções sobre o filho mortificado dos espinhos da saudade. A' Emilia um ternissimo abraço.

« *Ernesto de Andrade.* »

Finda a leitura da carta, Emilia suspirou enristecida, e D. Luiza mostrou em seus olhos as lagrimas do sentimento, que, amargando-lhe a alma, fizeram-lhe dar ainda um gemido profundo.

—O que é isto? disse João de Andrade tirando os olhos da carta volumosa que tinha na mão direita. Não acho motivo para essas lagrimas, minha mulher. O nosso voluntario não diz com effeito quando hade vir, mas espera impaciente pelo momento em que os canhões da campanha annunciarem a batalha; e esta, em vista das probabilidades, deve ser breve, porque o nobre Marquez de Caxias não se poupa e trabalha com instancia para

pôr o exercito de modo que uma batalha sobre o inimigo dicida da sorte da guerra, que vae sendo bem prolongada...

—Já vou perdendo as esperanças, sr. João, e quem sabe se nessa batalha, nosso caro filho...

D. Luiza não terminou a phrase, pois a voz morrendo-lhe á flôr dos lábios, apenas deu a conhecer pelo semblante qual era o sentido do seu pensamento.

—Minha tia, volveu Emilia com melancolia e resignação, não se desanime assim... A virgem Mãe de Deos hade livrar o primo das balas; elle sahirá triumphante do combate...

—Esperança em Deos, minha mulher, que é o nosso unico remedio em semelhante conjunctura...

—Porém senhor João, se...

—Basta; não prosiga: já adivinhei a sua idéa... Agora, Emilia, lê tu as confidencias de Ernesto em continuação áquellas que já te enviou ha tempo.

A esposa do respeitavel Paulista tornou-se silenciosa como experimentando agro padecimento pelas tristes saudades que lhe pesavão n'alma.

Andrade olhou para o semblante de sua boa esposa, e consternando-se de um para outro instante, exclamou com repassado sentimento:

—Amor de filho! amor de filho!

E á seu pesar, duas lagrimas rolarão a fio pelas venerandas faces do Paulista.

Momentos depois Emilia se dispunha a ler as confidencias do seu caro Ernesto.

O honrado velho achava-se na sua rede, D.

Luiza e Emilia sentadas em cadeiras, junto delle, fazião um grupo interessante.

XVI

Continuação das confidencias.

A donzella principiou assim a leitura :

« Passo em silencio, minha saudosa Emilia, todo o transporte do exercito de Corrientes até « Lagôa Brava, » onde fizemos 'nosso respeitavel acampamento. Deixo-te igualmente de mencionar o ataque que fizerão os paraguayos ao exercito argentino no « Passo da Patria, » e do qual debes saber tão bem ou melhor do que eu.

« Em 11 de Fevereiro mudando o exercito de acampamento, foi parar a duas leguas perto do mesmo « Passo da Patria, » e em 23 de Março foi ainda acampar o exercito alliado na margem esquerda do Paraná fronteiro á « Ilha de Itapirú. »

« O nosso acampamento está em frente do inimigo, e apenas separado pelo rio na largura de mil braças mais ou menos.

« Tu sabes, minha Emilia, da perda immensa que teve o paiz com as mortes dos bravos tenente Mariz e Barros, Vassimon e outros valentes officiaes da armada pelo terrivel acontecimento havido á bordo do encouraçado « Tamandaré » na casamata do mesmo, no dia 27 de Março. Foi uma grande desgraça, repito! Quando esses illustres officiaes se achavão reunidos e alegremente conversavão sobre a obstinação dos paraguayos, que atiravão balas de 68 sobre o vapor « Apa, » então

o « Tamandaré » e o « Bahia » pretendendo fazer calar a « Chata, » que occulta entre as pedras da ponta de Itapirú continuava a fazer-lhes fogo, foi quando duas balas entranhando na casamata do « Tamandaré, » causou-lhe o fracasso horrivel, que só ao pensar nelle se me arripião as carnes!

« O sangue dos denodados brasileiros molhava o pavimento do navio; e os membros desses illustres officiaes horrivelmente despedaçados pateavam por toda a casamata, e cujas paredes são também salpicadas de miollos da gente que alguns minutos antes attestavam tanto valor e patriotismo!

« Ah! terna Emilia! como foi sublime e tocante o momento em que o 1.º tenente Silveira, ficando sem uma perna pelo quadril, e com um braço todo mutilado, depois de proferir com anciedade algumas palavras ao visconde de Tamandaré, que consternado apertava amigavelmente a mão desse bravo, escutando uma succinta explicação, sentindo Silveira chegar a hora fatal do seu passamento para a mansão dos justos, pediu apressado a imagem do Redemptor, beijou-a com viva fé e esperança do christão, e disse com voz quasi extincta: — « Aqui me vou; adeos, camaradas! »

« E a alma desse brasileiro importante deixou a labutação do mundo pelo seio do seu Creator... foi ali receber o premio de suas virtudes...

« Do mesmo modo também não foi menos gloriosa a morte do denodado Mariz e Barros, que soffrendo com o maior sangue frio e coragem a amputação de sua perna esmagada no joelho, foi,

durante a dolorosa operação, amparado pelo nosso infatigável ministro Octaviano e bravo Tamandaré (o visconde,) e pedindo apenas um charuto acceso, supportou esse heróe o horrivel cutativo não dando um só gemido !

« Oh ! cara Emilia ! quanta grandesa d'alma, quanta abnegação tinha Mariz e Barros, que nos ultimos instantes que lhe erão concedidos por seu fatal destino, lembrou-se em dizer sorrindo com agonia para aquelles que o escutavão na occasião em que lhe ião cortar a perna: « o chloroformio é bom para mulheres, dê-m-me um charuto ! »

« E depois ainda no momento de sentir a morte perto de si, chamando o Dr. Carlos Frederico, deu-lhe um recado para sua desditosa familia, e concluiu suas ultimas palavras nesta phrase repassada de dôr: « Mande dizer a meu pae que sempre soube respeitar o seu nome, » e seus olhos se fecharão adormecendo no mundo da eternidade !

« E como Espartanos, esses heróes succumbirão pela causa da patria, defenderão-a com intrepidez e denodo, justificando assim aos que a calunniavão e negavão o valor dos brasileiros.

« Passo ainda em silencio os mais episodios havidos no exercito até a occasião da tomada do forte de Itapirú, e do combate da « Ilha do Carvalho, » onde tanta gloria coube ao meu batalhão 7.º

« Foi então que admirou-se o prodigio de valor exhibido pelos voluntarios paulistas, que souberão vingar-se das encarniçadas cohortes do Solano

Lopes e succumbindo ellas ante a bravura invencivel dos brasileiros, deixarão a ilha em nosso poder !

« Em 16 de Abril, quem primeiro pisou o solo paraguayoy foi o general Osorio, um grande heróe do nosso exercito, e que depois de sondar o terreno, deu-nos uma victoria de fama !

« Embora os paraguayos resistissem com sua cavallaria e infantaria com uma furia horrivel, todavia tiverão de morrer e fugir. O combate durou mais de quatro horas.

« Mas, minha saudosa Emilia, ás duas horas mais ou menos da tarde o tempo tomou um aspecto sinistro... o céo negrejava, e a terra ia-se envolvendo n'um manto escuro. Rebentava o trovão no espaço cheio de electricidade, os relampagos riscavão seus caracões em zig-zags em todas as direcções. D'ahi a pouco uma medonha tempestade parecia acabar com todos. O dia tornara-se noite ! O estampido do trovão confundia-se com o estrondo dos canhões. Uma bulha horrorosa se ouvia por toda parte ! Entreguei todo meu pensamento á Deos e nelle puz toda minha esperança. A chuva era torrencial e alagava a terra. Os meus desgraçados patricios e irmãos d'armas cahidos e moribundos, gemião as suas dôres, e a chuva molhando suas feridas augmentava-lhes o padecimento ! A agonia não podia ser maior !

« Que quadro, Emilia querida ! elle não me sahe da idéa, e horrorisa-me ainda no instante em que te escrevo ! Tu não podes calcular, por mais

terrível que teu pensamento t'ò apresente a extensão de tantos males!

« Os intrepidos voluntarios caminhavão tendo a agua pelos peitos! As munições estavam estragadas pela chuva. Porém nem por isso deixarão de ser bravos. O ardor do combate era immense!

« E durante essa noite, sendo dia, o movimento de nossa gente não cessava um instante; e valendo-se da luz continua dos relampagos, que a ajudava para a peleja fazia ella estrago no inimigo!

« A batalha tivera fim.

« O tempo era sempre escuro.

« Nosso exercito acampou perto de um riacho ou arroio, como por aqui se diz. Não podiamos dormir por que nos achavamos côm os pés n'agua.

« Na madrugada de 17 do mesmo mez fomos sorprendidos pelos obstinados paraguayos, que nos metterão em nova peleja. Tivemos maiores perdas que as do dia antecente, porém muito menor que a do inimigo.

« A victoria foi nossa, e no dia 18 eramos senhores de « Itapirú. » Os estandartes alliados tremulavão triumphantes nos curuchéos do forte.

« O regosijo do exercito brasileiro fôra grande, e as difficuldades da passagem da « Passo da Pátria » estavam vencidas para os alliados.

« Pisavamos a terra do tyranno Lopes embora nos custasse isso a queda de tantos heróes, que ficarão sepultados á sombra das matas, nas margens do Paraguay.

« Os despojos sagrados d'essas sepulturas dispersavam-se em todos uma saudade profunda, um amor sincero do paiz aos valentes e denodados brasileiros, que ali repousão o somno eterno, e cujo sangue precioso correu pela causa santa que defenderão.

« Deixo, minha saudosa Emilia, de relatar-te os combates de 2 de Maio do Estero Bellaco, e dos outros que se seguirão até a grande batalha de 24 do mesmo mez, em que houve horrivel mortandade tanto do exercito alliado como do inimigo!

« Os paraguayos erão sempre arrojados e encarniçados na peleja, porém tiveram de deixar o seu acampamento.

« Quando isto fizerão deveríamos perseguil-os não dando-lhe descanso e nem occasião para reforçarem-se, mas o general Mitre não consentio que o exercito alliado assim obrigasse o inimigo á uma nova batalha, e que se tal houvesse correria risco de uma perda consideravel. Porém eu não pensei d'esse modo e nem muitos outros de meus camaradas. A perseguição dos paraguayos em seguida da batalha de 24 scria o termo da guerra, porque a gente do Solano estava muito dizimada e extenuada pela fadiga de tão encarniçada peleja.

« Mas, dou-se pelo contrario forças ao inimigo, e disso temos tido fataes consequencias.

« Não te refiro tambem, Emilia do coração, os mais tiroteios havidos no nosso acampamento; o do combate de 14 de Julho só tenho a lembrar-te a morte do nosso velho e conhecido tenente-coro-

nel José Martini, heróe da « Ilha da Redempção » ou do « Carvalho, » e que como heróe ainda deixou correr o seu nobre sangue pela causa santa da patria no lugar—Lagôa Pires—onde foi victima desse heroismo, cahindo em poder dos terriveis paraguayos, que arrancarão a sua preciosa vida pela força de suas lanças !

« Foi uma perda essa que calou-me no intimo d'alma, porque, como sabes, este brasileiro importante, além de suas excellentes qualidades, era bastante estimado de seus soldados, que lhe votavam sincera amisade e respeito.

« O sentimento no exercito foi geral.

« Mais um heróe desapareceu de entre as phalanges de nossos bravos para receber no Paraiso celestial o premio de suas virtudes !

« Uma saudade immensa ficará perpetuada no seio de sua triste familia...

« Desnecessario, Emilia querida, será descrever-te outros episodios que se têm dado na campanha.

« Sabes mui bem pelos jornaes, da tomada da fortaleza de Curuzú, e do infeliz e mallogrado ataque de Curupaity, e por consequencia nada mais accrescento á respeito da guerra, que a julgo em breve terminada em vista das acertadas providencias que tem dado o nosso nobre Gaxias, o homem da paz, como é conhecido entre os soldados brasileiros, que desde já contão com a victoria sobre o inimigo.

« Na carta que escrevi á meu respeitavel pae

fallo deste grande general, e que na America do Sul não se encontra outro mais celebre.

« Devo aqui notar-te, que o meu inseparavel amigo Americo tem-se distinguido como um bravo na campanha.

« Na tomada da « Ilha do Carvalho » de entrepido passou a temerario, e atirava-se sobre os paraguayos com um valor que admirava-me!

« Deves igualmente comprehender, quando fallei do meu batalhão 7.º, e cabe-me tambem a gloria de ter sido um fiel defensor dos direitos sagrados de meu paiz, permittindo a bondade Divina livrar-me como até agora das balas dos inimigos.

Emilia suspendeu a leitura das confidencias de seu primo, á cujo contheudo João de Andrade e D. Luiza escutarão em silencio sem interrompê-lo.

—E Deos hade outorgar sempre a sua Divina graça guardando a meu querido filho... Agora minha fé é viva... disse a bôa esposa do nosso Paulista com intuição na Providencia,

—Ora, minha mulher, eis o que gosto de ouvir. Isto, sim, me agrada. Ainda ha pouco não me satisfez o seu triste e desacoroçoado pensamento, e como que mostrava perder as esperanças...

Porém, senhor João, murmurou D. Luiza com voz commovida, o amor de uma mãe extremosa...

—Se minha mulher ama tanto a seu filho, eu, então, o que lhe direi? O meu coração, que é de Paulista e que nunca foi degenerado, geme em silencio, curtindo as saudades pungentes de um joven de idéas tão nobres como Ernesto, e...

O velho não completou o sentido e mostrou no venerando semblante a commoção de sua alma grande.

Emilia não pôde olhar para seu tio sem ser igualmente affectada do sentimento que o dominava; e por isso curvando a linda cabeça com os cabellos em interessante desalinho, ficou entristecida por alguns momentos.

Houve ainda um pequeno intervallo de mutismo.

XVII

Um quadro de dôr.

Depois Emilia proseguio assim na leitura:

« Fallando-te de Americo, devo-te igualmente informar-te que um homem quando tem uma vocação, jamais a abandona, embora lhe custe ella incommodos e dissabores. O meu amigo é poeta em realidade, e aqui na campanha tem achado variados assumptos para tanger a sua lyra facil e elegante. Tem escripto folhas e folhas de papel em bons versos, e cuja leitura me admira! A brisa que geme por estas matas verde-escuras, as ondas que se vão rolando pelo immenso Paraguay, o canto dos passaros desconhecidos em nosso paiz, tudo, tudo para elle é uma bella poesia e que o leva até o enthusiasmo! E quando então discorre seu pensamento pungido sobre as sepulturas de nossos heróes... oh! isto faz estalar as fibras do coração!

« Suas imagens, a par da belleza, têm sempre um sentimento, que cala no intimo d'alma,

« Fallei-te em dissabores, cara Emilia, porque Americo já tem soffrido por causa do seu talento poetico. Embebido algumas vezes na composição de seus versos passa em olvido o dever militar e já tem commettido faltas, pelas quaes tem sido reprehendido. Todos o reconhecem como uma bonita intelligencia, porém, aqui, por estes lugares, não precisamos de pennas para escrever, mas sim de espadas para combater em desaggravo da patria querida. Hajamos sobre isto vista ao muito illustrado e valente Dr. Pinheiro Guimarães. Elle é poeta, dramaturgo, romancista, emfim é um litterato de nomeada; no entanto nada escreve e só prepara-se para guerrear o inimigo com o denodo e heroismo que lhe são conhecidos.

« A proposito de poesia, minha Emilia, vou narrar-te um factó havido na campanha, que só ao lembrar-me delle meu coração se fecha amargurando-se.

« De uma das provincias do Norte, viera para o exercito um joven voluntario, e de fresco casado com uma sympathica e espirituosa moça. Ella amando a seu esposo não o deixára, e quiz compartilhar os asaros da vida rude que ia levar o seu marido como soldado.

« Orientar-te dos soffrimentos desta joven exposta na campanha aos vandavaes da sorte, é cousa que não posso dizer-te, porque isso me tomaria tempo, e eu não o tenho tanto quanto preciso para escrever-te estas confidencias. Limito-me so-

mente em esboçar o quadro em idéas ligeiras e sem dissertação.

« O voluntario do Norte era um moço de educação fina e tivera principios de estudos na Faculdade de Direito de Olinda.

« O amor da patria o trouxera para estas plagas, arriscando por ella seu sangue com a maior abnegação.

« Sua esposa, tambem de uma educação delicada, não o deixara partir só.

Sujeitava-se a pobre moça ao seu destino. Sua coragem era digna de attenção.

« Nos combates que houverão no « Estero Bel-laco » e na famosa batalha de 24 de Maio alguém não deixava o destimido voluntario. Era a sua terna e amavel esposa, o seu anjo da guarda. Sempre junto do marido ella se expunha com o maior sangue frio aos fúrores dos inimigos.

« Na peleja de 14 de Julho na « Lagôa Pires » havia sido ferido esse soldado.

« Porém o seu consolo e as suas esperanças estavam em sua mulher. Era-lhe o mais caritativo medico, e solícito adivinhava os seus menores pensamentos.

« Emilia é o nome d'essa esposa que tanto soffreu e que afinal...

—Ora, eis uma historia que te interessa, menina, interrompeu João de Andrade. O nome da moça é o teu, e, consequentemente, deve ter muita sympathy para Ernesto...

— Meu tio, o coração já presagia-me um desfe-

cho funesto nesta história... as phrases do primo vão indicando isso...

—Prosegue, Emilia, disse D. Luiza, desejosa em ouvir a narrativa de seu caro filho.

A donzella continuou :

« E que a final teve de ver seu marido novamente ferido na tomada de « Curuzú. » Esse ferimento havia sido mortal.

« N'um dos hospitaes de sangue, á bordo dos vapôres, teve de ser transportado o bravo e valente voluntario, que oscillava entre a vida e a morte, não se retirando do seu leito de dôr a infeliz esposa, que velava dia e noite...

« Mas ah ! os incessantes cuidados dessa pobre moça, as diligencias que compassivamente empregavão habeis facultativos, tudo foi inutil : a arte não pôde achar remedio para os ferimentos do desgraçado voluntario. A sciencia estava esgotada. O bravo defensor da patria succumbio, com profundo pesar de seus irmãos de armas.

« Augusto Cavalcanti pois foi augmentar o numero de nossos heróes succumbidos nesta crusada de honra e de civilisação para a patria. Porém, minha saudosa Emilia, não tenho penna para relatar-te com fieis cores os grandes padecimentos da desolada viuva, que não tendo forças bastantes para supportar o duro golpe que lhe déra seu destino, perdera o uso da razão, causando assim um sentimento geral no acampamento.

« Ella, por toda parte, buscava o caro marido; chamava-o com voz estalada de dôr, e com o sym-

pathico semblante inundado de lagrimas e com os lindos cabellos pretos e crespos em desordem dizia para todos : « Meu esposo veio combater pela patria, e derramou por ella seu precioso sangue... agora deem-me elle, quero ir-me embora... as saudades de minha familia são immensas...

« Mas ninguem lhe podia consolar : ella punha-se em desespero e dava gemidos tão dolorosos, que retalhavão nossas entranhas !

« Os nossos caritativos medicos não a podião sujeitar a um serio tratamento porque ella não parava em lugar nenhum.

« Só pretendia descobrir a Augusto Cavalcanti.

« Já se dispunhão os facultativos a mandal-a para Corrientes, quando retirando-se a desgraçada viuva do acampamento, e dando-se por sua falta, a forão encontrar morta ao pé de uma grande arvore á margem do Paraguay.

« Trouxerão o seu corpo, e os medicos reconhecerão que a infeliz moça tinha succumbido de um ataque cerebral, attenta ás circumstancias da sua terrivel enfermidade.

« Tiverão o compassivo trabalho de sepultal-a junto a campa do marido, marcando-se ambas com o symbolo sagrado da Redempção—uma cruz tosca de páo.

« Como se tinham amado bastante na vida convinha igualmente que—dormissem juntos o somno da eternidade.

« Nesse lugar que me patenteava um poema pungente e doloroso, fui orar com sincero fervor

por almas do cazal, que Deos o recebera em seu seio.

« São assim, minha cara Emilia, os destinos da humanidade !

« Quando Augusto Cavalcanti veio para a guerra talvez não sonhasse com o fim tão funesto que tivera elle e sua esposa.

« Mas, agora, para terminar esta historia, passo um véo de lucto e cheio de saudades pela sepultura desse meu bravo irmão de armas... a patria votará agradecida uma lembrança eterna aos manes do heróe.

« Vou concluir as minhas confidencias, amada Emilia, asseverando que não deixarei a campanha sem ter chegado ao fim por todos almejado, o termo da guerra; salvo porém se em alguma batalha os encarniçados paraguayos me levarem um braço ou perna, impossibilitandó-me de tirar assim a minha desforra...

« Porém a bondade do céo não hade permittir-me tal infortunio. Heide combater até que a patria lave-se da mancha impura do barbaro Solano.

« O triste episodio que te patentiei fica escripto em versos ungidos de melancolia pelo meu amigo Americo, pretendendo elle, mais tarde, se o destino não fizer cortar o fio de sua vida, compôr um poemeto em verso solto em lembrança do denodado brasileiro, que soube morrer por amor de seu paiz.

« Agora, lembro-te outra cousa, Emilia saudosa.

« No acampamento temos artistas e photographos;

e quando novamente escrever-te remetter-te-hei o meu retrato... a imagem de teu primo por certo te fará augmentar as saudades... Não o inclúo já nesta por dizer-me o photographo ter muito trabalho, pois que havendo duzias e duzias de retratos a apromptar, só com vagar poderá elle satisfazer todas as encommendas. Adeos, Emilia do coração, leva as tuas preces de anjo ao seio do Eterno, rogando por aquelle que longe da patria te envia nestas linhas um amplexo de ternura e de profunda saudade...

« Tuyuty, Novembro de 1866. »

E. Andrade. »

—Sabes de uma cousa, minha mulher ?

—O que, senhor João ?

—A historia de Augusto Cavalcanti commoveu-me bastante... Pobre moço... e pobre esposa... Foi um grande brasileiro que morreu honrando a sua patria...

—Ella, tambem contristou-me, respondeu D. Luiza com semblante pesaroso.

—Desgraçada Emilia ! exclamou a amante de Ernesto transportada de sentimento. A pesar de não ter conhecido essa pobre moça e de ser-me inteiramente estranha, despertou-me n'alma profunda sympathia não só por ter sido ella uma amante fiel e virtuosa esposa, como por ter soffrido tão acerbos males...

—Ah ! fez o Paulista com gravidade, sympathisas com os que padecem, Emilia ?...

—Quem sempre assim pensa, meu tio, dá a

conhecer a existencia de uma alma christã, nobre e generosa...

—Tens razão, menina... e eu tambem tenho as minhas sympathias...

—A quem, meu tio?

—Ora, já debes ter penetrado a minha idéa...

—Não, meu tio...

—Americo, o poeta amigo de Ernesto, não se esquece de sua lyra no campo da guerra...

—Tenho igualmente sympathias por elle..

—Logo vi...

—Porque meu tio?

—Porque tenho presenciado que gostas da poesia...

—E muito...

—Pois cultiva-a, Emilia, cultiva-a sempre, que não te has de arrepender. Eu, sempre apreciei-a, mas são os pedacinhos que realmente se podem chamar poesia o discricionario com o sentimental. Como não terá interesse essa historia que te relatou Ernesto do voluntario do Norte e que encerra tanta dôr?...

—Americo, como disse o primo, pretende della fazer um poemeto.

—Assim o pudesse ler...

E porque não hade ler? disse D. Luiza que até então tinha ouvido em silencio o dialogo de seu marido com Emilia.

—Cra... estou velho, e pouco tempo me restará a viver...

—Não falle, senhor João... faz-me amargar a

alma... não bastão as saudades de meu filho que as devoro em dôr, ainda vem esta triste idéa...

— Isto nada significa, minha mulher... não se incommode por tão pouca cousa...

— Deus lhe outorgará, meu tio, alguns annos de vida.

— Os anjos fallem por tua boca, Emilia.

Tempo depois, a noite havia chegado, e a chuva cahia em torrentes.

Essa boa gente ainda se entretinha n'uma conversação toda simples e domestica.

XVIII

Herezia do povo. Um roubo.

Chove a cantaros.

E' tarde.

Estamos em casa de Paulino de Barros.

Acha-se elle em sua sala, em companhia do vigario da cidade. Tinhaõ largado de uma partida de gamão e conversavão.

Vejamos o que tratão elles.

— Sepher vigario, tem lido as ultimas correspondencias sobre a nossa campanha?

— Tenho nellas o maior interesse.

— O nosso Caxias é, em realidade, um grande general. Veja o modo porque vae elle arranjanado o exercito... os soldados estão animados pelo enthusiasmo e contão em breve terminar a guerra...

— Não se contesta, senhor capitão, as sympathias que o nobre Marquez tem em todo o exercito, e tambem de todo o paiz. Além de que uma es-

trella de felicidade o acompanhava, sendo isto o motivo de uma esperança tão lisonjeira entre as fileiras de nossos bravos, que contão derrotar o inimigo...

—E essa derrota, senhor vigário, está imminente, disse o delegado offerecendo o seu rapé ao parochio.

—A Providencia hade vir em soccorro de nossa patria... sua bondade é infinita...

—Deos *super omnia*!

—Permitta-lhe dizer, senhor capitão, as causas primordiaes de nossos males, são as herezias que lavrão por todas as camadas da sociedade...

Paulino de Barros olhou para o ministro da religião e pareceu duvidar do que elle proferia.

—Torno a repetir, senhor, observou o parochio gravemente, a herezia do povo nos hade trazer ainda maiores flagellos...

—O da guerra já é bastante, senhor vigário...

—Hoje em diã a casa de Deos já pouço se frequenta..., e a mór parte da gente que ali vae não é por devoção mas sim pelo espirito de curiosidade, e para tambem achar motivos á malidecencia...

—Diz uma verdade, senhor vigário... o culto da Divindade não é acatado com profunda reverencia...

—Senhor capitão, este mal affecta hoje todos os paizes... Veja-se o que vae pela Italia, pela França, aonde a herezia parece attingir á seu auge... o papa ameaçado em seu poder temporal... oh! tudo nos annuncia immensos males...

e ai de nós se a misericórdia Divina não perdôar os nossos grandes peccados !...

—Porém, senhor vigario, observou Paulino com intuição, o mundo tem sido sempre torturado pelos flagellos. As guerras datão desde que o orbe se povoou, pela vontade do Creador, e são ellas os males da humanidade...

—Mas, senhor capitão, em tempo algum a religião de Jesus Christo ha tanto soffrido como na actualidade...

—Porém se houvessem preces...

—Se houvessem preces sinceras, nossos padecimentos se alliviarão pela Bondade Divina... Mas o povo profano não levanta os olhos para o céu e prosegue em seu erro...

—Chama-se á isso civilisação, senhor vigario... Porém...

—Civilisação... civilisação... infeliz humanidade !... eu lastimo-a com o maior pesar...

—No entanto, senhor vigario, eu penso que...

O parochó interrompendo a Paulino de Barros, murmurou com a mesma gravidade :

—O povo hade conhecer tarde, bem tarde a sua cegueira... A peste terrivel do cholera passeia por todos os lugares... a fome ainda ha de vir para torturar o desgraçado povo... então elle se lembrará de Deos e correrá ao templo para pedir o perdão de seus enormes peccados...

—V. Rvma. como pastor do seu rebanho está no direito de chamal-o ao gremto da religião; e suas exhortações o farão desviar do errado caminho;

Observou Paulino tomando o seu rapé. Dest'arte fará também aplacar a vingança do céu...

—Sim, senhor, vou exhortar os meus parochianos, chamal-os ás preces fazendo-os comprehender que a misericordia Divina não tem limites...

—E... acudio o capitão, havemos de ter o lenitivo de nossos soffrimentos da guerra...

—Venha o povo ao templo, sejam as suas orações puras, que a guerra em breve estará debellada, com convicção o digo... murmurou o vigario tomado da verdadeira fé do seu santo ministerio.

—Se todos os senhores sacerdotes procedessem assim...

—A religião de Jesus Christo, senhor capitão, é a fonte sagrada onde vamos achar remedio a nossos padecimentos... e pois corramos a tomar o balmamo consolador dos afflictos... O Divino Mestre quando...

O parochio não terminou a phrase, porque nesse momento um homem desconhecido entrou bruscamente na sala do delegado.

Vinha com o desespero no semblante.

Paulino de Barros e o vigario ficarão sorprendidos avistando esse homem.

Era um individuo mal trajado, com a physionomia crestada pelo sol, e seu aspecto denunciava ser um tropeiro, podendo ter quarenta annos mais ou menos.

—V. S. é o sr. delegado desta cidade?

—Sim, senhor. O que temos então? respondeu a autoridade mirando o individuo de alto a baixo.

—Senhor, continuou o recémchegado com signaes impacientes, roubarão-me ha pouco um conto e quinhentos mil réis, e...

—O que diz, homem?

—Uma verdade sr. juiz... estou roubado... só a justiça me poderá valer...

—Conte essa historia, senhor...

E o delegado tirou a sua boceta, e offereceu uma pitada ao vigario, que tomandó-a, parecia ter interesse em ouvir a queixa que ia formular o desconhecido.

Paulino tomou o tabaco e escutou esse homem.

—Sou mineiro, senhor, e tropeiro. Ha tres dias que cheguei a esta cidade vindo de Pouso Alegre com carregação de toucinho e queijos. No rancho, á entrada da cidade, onde ha tambem uma venda na casa contigua, á convite do dono della, nesse rancho deliberei ficar. Hontem, reduzindo á dinheiro os meus generos, estava á porta da venda quando appareceu ahi um sujeito todo *pernostico*, que vinha da parte de alguem convidar o proprietario para jogar o lansquenet, e...

—Mas, esse alguem, quem era, senhor?

—Não sei, senhor juiz... porém o mesmo dono da venda pôr certo o conhecia.

E o mineiro fez uma pequena interrupção.

—Continúe a historia...

—Sim, sr... Ouvindo eu fallar em lansquenet, despertou-se a minha curiosidade, devo pois confessar á V. S. que gosto tambem desse jogo...

—E' um máo gosto, disse Paulino trocando um olhar de censura com o parochó.

—Porém, senhor juiz, não ha ninguem que não tenha lá o seu vicio, e demais eu não sou cego pelo jogo...

—E como perdeu o senhor um conto e quinhentos mil réis?...

—Roubarão-me, senhor, roubarão-me como ladrões de estrada..

—Explique-se...

—Tudo vou patentear á V. S.

E o mineiro tirando do bolso de sua japona de panno azul rustido, uma carteira vermelha, abrio-a e mostrou-a ao delegado, ajuntando pesaroso :

—Não me deixarão nem dez tostões para as minhas despezas...

—Não é deste modo que quero a explicação do roubo, murmurou Paulino de Barros como ancioso por descobrir a verdade de semelhante facto.

—Pois bem, senhor juiz... eu acompanhei o dono da venda á ir ver o tal jogo...

—Foi isso á noite?

—Foi, senhor juiz.

—E como se chama o dono da casa na qual jogarão?

—Ora, espere V. S. um pouco... tenho a cabeça tão atarantada, que nem me lembra agora o nome desse sujeito... Manoel... José... Fiel...

E o tropeiro batendo com a mão direita na testa, exclamou :

— Já me lembro ! já me lembro ! é... Ezequi-

é... justamente... Ezequiel... é o nome do tal ladrão.

—Ezequiel? está certo que é esse o nome do dono da casa?

—Sim, senhor juiz...

Paulino olhou significativo para o parcho, que escutava em silencio a narração do mineiro.

—Como lhe roubou então o dinheiro?

—De um modo bem simples, senhor juiz.. Na mesa do jogo contava-se seis ou oito pessoas. Tinha casado n'uma banca com mil réis. Dahi a pouco ella se achava em 400000 réis, e tempo depois eu levantava essa quantia que me pertencia. Guardei-a na minha carteira. Passados alguns minutos, tentei de novo a fortuna, e abrindo ainda a carteira, tirei cem mil rs. em duas notas de cinquenta, e em lugar de guardal-a no bolso da minha japona, a puz sobre a mesa, perto de mim. Uma nova banca correu e eu perdi os cem mil réis. E, contrariando-me a sorte, peguei na carteira, e, sem examinal-a, retirei-me sem demora da casa do jogo. Os que ahi se achavão não impedirão a minha retirada. Era talvez meia noite. Chegando ao rancho onde estavão os meus tropeiros, cansado e cheio de somno atirei-me a cama de couro e dormi até amanhecer...

—E o dono da venda ficou no jogo?

—Ficou, senhor juiz. Porém, como ia dizendo a V. S.; quando acordei lembrei-me de ver o meu dinheiro, e do qual havia perdido cem mil réis..

Oh! senhor! fiquei fóra de mim vendo a minha carteira do modo em que mostrei á V. S....

—E' o fructo que se tira quando se frequenta taes casas, disse o vigario como lastimando a infelicidade do mineiro.

—Mas como soube que Ezequiel foi quem roubou o dinheiro?

—O proprietario da venda contou-me isso em muito segredo, logo que queixei-me do roubo...

—E seria presenciado só por elle esse crime?

—Nada mais me disse á respeito, e só pedio-me que eu não o denunciasse como testemunha...

—E o senhor que fez então depois disto?

—Fui logo á casa do tal Ezequiel, porém ninguem ahi abriu a porta, apesar de ter esperado mais de uma boa hora. Para encurtar o caso, fui ainda duas vezes á essa casa, mas o homem que roubou-me não appareceu. Um preto dissera-me, que seu senhor tinha feito viagem. E, pois, já desesperado e sem ter esperanças de baver o meu dinheiro a venho denunciar á V. S. pedindo a sua justiça e auxilio...

—Vou dar as providencias para ser o ladrão preso...

—Porém, sr. juiz, peço á V. S. toda a promptidão neste negocio, pois acho-me sem um real...

—Não se incomode com isso. Temos aqui dinheiro para as suas despezas até que se descubra a verdade...

—Obrigado, senhor juiz... obrigado...

E Paulino de Barros, pedindo licença ao vigario

foi ao interior de sua casa voltando com um maço de notas na mão.

— Quanto precisa, senhor? embora não conheça as suas qualidades, mas não o acho capaz de uma mentira.

— Por ora, senhor delegado, fico-lhe muito grato.. V. S. mostra um character muito bondoso, mas não autoriso-me d'esse generoso offerecimento... a tropa em que trouxe a carregação é minha; posso dispor de um, dous, ou mais animaes, porém julgo que isso não acontecerá porque o ladrão hade restituir-me o dinheiro...

— Em todo caso, se precisar de qualquer quantia, póde vir buscar, objectou o delegado com sinceridade.

— Obrigado, senhor, obrigado...

E o tropeiro, todo cheio de reconhecimento, se retirou certo de que Paulino de Barros seria energico em suas providencias para o descobrimento da verdade no roubo de que se presumia ser autor o perverso Ezequiel da Motta.

O intelligente delegado ainda prolongou a sua conversação com o vigario por algum tempo, tendo elles occasião de censurarem o pessimo comportamento de Ezequiel, julgando-o com effeito criminoso nesse roubo ao mineiro.

A chuva tendo cessado, o parcho se despedindo de Paulino, se retirou, indo este juntar-se á sua familia.

XIX

Tenta-se o plano de rapto.

Houvera em verdade o jogo de lansquenet em casa de Ezequiel da Motta.

Durára até ás duas horas da madrugada.

Nesse jogo de latrocínio achavão-se Chico Mentira e João Casquinha.

Elles não deixarão de fazer o *seu pé de alferes*, empregando nas cartas as suas espertezas.

Os mais jogadores que ahí estiverão se retirarão com as algibeiras limpas.

Ezequiel da Motta vendo-se em companhia de seus capangas, teve com elles uma conferencia, que nos cumpre apanhar para o encadeamento desta simples historia.

—Ora, o patinho do mineiro nos cahio nas unhas, disse Chico Mentira com a sua costumada risadinha.

—E o companheiro passou-lhe o *zápete* pela carteira do tal baeta sorrateiramente, não lho achando uma espinha... observou João Casquinha com uma risada de mofa.

—Calem-se... calem-se... murmurou o reverso Ezequiel como impondo silencio aos seus convivas.

—Porém o companheiro lambeu dinheiro grosso passando as unhas pela carteira...

—Bico calado, Casquinha... quero que haja segredo sobre isto... vê lá o que fazes, hein?

—Pois seja como queres, companheiro, eu cá não descubro a tua *malhada*....

—Vê lá, também Chico Mentira se boquejas nestes negócios...

—Ora, senhor Ezequiel, eu...

—Se tu disseres alguma cousa por aki cautela contigo! serei capaz de pregar-te um estrondo na bola!

Chico Mentira deu um pulinho acompanhado de uma risadinha, e disse como chasqueando:

—Abre nuntio! S. Jeronymo! Santa Barbara!

—Pois ficas sabendo disso...

—Nhor sim... nhor sim...

—Ah! estás com a linguagem dos caipiras?

—Nhor sim, nhor sim...

E Mentira acompanhou estas palavras com as suas palhaçadas, provocando assim o riso de Ezequiel, que disse:

—Ora tu és um pagodista da primeira ordem!

—E assim vou levando esta santa vidinha, senhor Ezequiel...

—Este companheiro Mentira é um engraçado!...

E Casquinha soltou uma gargalhada sarcástica,

—Chico Mentira ia enfiar-se com o jogador, porém Ezequiel, prevendo isso atalhou observando:

—Nada de desavenças, e vamos ajustar um grande plano para a realização daquelle negocio...

—Então é tempo d'elle, companheiro?

—Chegou a occasião, Casquinha...

—Logo adivinhei isso... ajuntou Mentira com tregeitos no rosto.

—O dia não tarda romper-se, e assim, amanhã á noite, teremos a nossa campanha...

—E quantos soldados temos para a pejeja, *companheiro do rosario* ?

—Não preciso mais do que tu e Chico Mentira...

—Prompto, lesto e agudo ! exclamou Casquinha batendo no peito. Sou parceiro de dar e tomar !

—E eu ficarei só na espera para agadanhar a caça que deve estar bem gordinha...

—A' ella, *companheiro* ! fez João Casquinha tirando fogo de seu isqueiro.

—Vou agora apresentar o plano e... caluda !

—Diga lá, *companheiro*...

—Vamos á isso, senhor Ezequiel...

—Tu, e Mentira, hão de vir ás oito horas da noite, e aqui em casa se hão de apromptar...

—Com garruchas e trabucos de boca de sino, não é, *companheiro* ?

—Nãc é só isso...

—O que mais então, senhor Ezequiel ? disse Chico Mentira accendendo o seu cigarro no do jogador, que tirava grandes fumaças.

—Hão de levar mascararas...

—Ab ! o *companheiro* quer fazer a sucia do carnaval ?

E João Casquinha deu uma gargalhada.

Mentira fez as micagens do costume, dando também a sua risadinha.

—Nós iremos mascarados e bem armados.

—E as mascararas, senhor Ezequiel ?

—Eu as tenho em casa...

—Isso então é x-p-t-o laranja !

—As dez horas partiremos, e á noite nos hão ajudar com o seu manto escuro.

—E se chover tanto melhor, companheiro...

—Pilharemos o bicho na toca!

E Chico Mentira juntou acção á palavra, dando uma pancada em vão com o mais ligeiro movimento.

—O companheiro Mentira está com gana de matar a caça... disse o jogador Casquinha, saboreando o seu cigarro.

—Logo que chegar-mos á chacara do Paulista, bateremos á porta; e assim que esta se abrir, cada um de nós...

—Eu, aguentarei o velho pelo cachaço, ajuntou João Casquinha interrompendo o perverso.

—E tu, Mentira, me ajudarás na caçada da pombinha... sei onde é o seu quarto, e...

—E quem toma conta da velha, mulher do Paulista? disse o jogador em duvidas.

—Ninguém, Casquinha, respondeu Ezequiel com apparente tranquillidade. Essa mulher não me dará abalo.

—E se os pretinhos vierem das senzalas com suas fouces? volveu Mentira como receioso.

—Que pretinhos? O velho Andrade apenas tem um casal de escravos, já invalidos, e não se bulirão do lugar onde estiverem.

—Ora, já se viu? pensava que o velho tinha pelo menos meia duzia de *perrengues*...

E Chico Mentira deu a sua risadinha, e apagando o seu cigarro; o poz atraz da orelha.

—E depois de feita a caçada, por que caminho fugiremos, companheiro?

—Iremos pela estrada que vae ter á freguezia de P***. Ahi heide me casar com a sobrinha do Paulista...

—E se o vigario não quizer fazer o *casorio*?

—E, porque não hade fazer? deixa o negocio por minha conta, e não tenhas cuidado.

—Vê lá em que te mettes, *companheiro do rosario*...

—Estás com medo?

—Medo! esse patife não mora cá com o dégo, respondeu Casquinha batendo no peito.

—A historia, senhor Ezequiel, objectou Chico Mentira, mostrando tambem desconfiança e cogando a ponta da sua orelha, não é para zombar-se...

O malevolo mancebo, ficando em silencio alguns instantes, como que repellia da mente algum pensamento contrario aos seus infernaes desejos, e, pois observou :

—Embora saiba que tenha de affrontar os tropeços que hão de apparecer neste negocio, porém fiz um proposito de tomar a sobrinha de Andrade pa a mim... e heide desfructal-a em delicias apertando-a em meus braços... E, por ella, eu serei um leão de bravura, e serei tambem capaz de matar todos que queirão embaraçar os meus ardentes desejos...

—O companheiro já está ficando como uma onça ferez perseguida pelos cachorros...

—E' para tu veres como sou valente...

—Toca aproveitar a valentia, senhor Ezequiel, murmurou Chico Mentira fazendo certa careta para o perverso.

Este filando a physionomia do seu conviva, disse em tom serio :

—Tu cassoas commigo ?

—Eu?... não, meu senhor... não sou capaz... V. S. imita bem o defunto Antonio Rodrigues, que já morreu lá para as bandas de Silveiras, quando esta cidade nem sonhava em ser povoação...

E Mentira soltou gostosa gargalhada.

—Se continuas assim te prego um estrondo na cabeça !

—Santo Antonio lá da casa de minha avó ! volveu Mentira fazendo o signal da cruz com rapido movimento, mostrando apparente receio.

—Não me facilites, Chico Mentira...

Ezequiel lançou um olhar terrivel sobre o seu conviva, olhar que o fez em verdade temer-se do malvado.

E para persuadir-o que era somente para chasquear e não para ferir a susceptibilidade do perverso joven, ajuntou :

—Não fique zangado, senhor Ezequiel... eu estive *pauteando*, como dizem os meus amigos caipiras...

E deu de novo a sua risadinha.

—Está bom, está bom... porém, peço-te que não me tires fóra do serio... vê lá a minha recommendação...

—Não haja duvida, senhor Ezequiel, e... bico calado...

—Agora, preciso dormir, pois estou já a fechar os olhos de somno.

—Nós iremos á cavallo á casa dq Paulista? disse Casquinha.

—Que duvida!

Momentos depois o malvado ficava só na sala.

E de si para si dizia como se já lograsse o seu perverso intento:

—O meu plano é seguro... Emilia me pertencerá... gosarei as suas delicias... e... Ernesto, o voluntario da patria, ficará olhando ao signal... E, de mais, ainda aquella fortuna de 40 e tantos contos de réis... oh! tu has de ter motivo para maldizeres o teu destino, antes desejarias que uma bala te tivesse varado os miolos...

Mas quem nos diz que tu serás ainda preza dos paraguayos?—Porém para que pensar em ti, perdendo o meu tempo?

E Ezequiel interrompeu-se e parafusou uns momentos.

—Tenho aqui o meu dinheiro, e é preciso escondel-o... mas seria melhor leva-lo commigo... porém é arriscado... posso ter uma peleja...

E pensou ainda.

—Nada, nada, o melhor é guardal-o aqui mesmo... Tenho um quartinho terreo... farei nelle um buraco e enterrarei os meus contos... estão bem acondicionados... n'uma caixinha de pão de cérne, não tem perigo algum...

E tornou a parafusar de novo.

—Não ha duvida... nisto estou de pedra e cal... Na expedição que vou tentar estou resolvido a tudo... não devo adiar para mais tempo as minhas proezas... Se o velho Paulista quizer eucespar-se commigo, minhas armas o farão tremer... Bem, bem, estou com as minhas idéas combinadas... O exito é infallivel, e ninguem me fará sombra nas minhas acções... sou livre para as obrar... e, a policia me deixará gosar em paz os meus bens e os meus amores...

E, com um sorriso cheio de maldade, Ezequiel foi fechar todas as suas portas, e dirigio-se para o seu quarto, tendo antes disso recommendado a um de seus escravos, que, se alguem viesse procural-o, respondesse—que seu senhór tinha feito viagem.

O preto aguardando as ordens do perverso, se retirára para a cosinha.

XX

Um mão sonho.

Pouco tempo depois da scena que vimos de relatar, o dia se havia rompido.

Algumas horas se tñhão escoado.

Estamos na chacara do nosso respeitavel Paulista João de Andrade.

Dão nove horas no relógio da casa.

A honrada familia acha-se na sua sala do interior entretenendo-se de uma conversação dos negocios da guerra.

Demos attenção ao colloquio,

O ancião tem o « *Jornal do Commercio* » nas mãos, e lê.

Depois Andrade murmura :

— A semente da liberdade no misero Paraguay, parece já produzir os seus fructos... vê-se hoje que o pobre povo busca sacudir o jugo ferrenho do seu dictador, rebellando-se contra o mesmo...

— Será isso verdade, senhor João ? disse D. Luiza como sorprendida e encarando a seu marido.

— Contão-se já uns oitocentos homens, que desesperados do flagello que os atormentava, procurão engrossar as suas fileiras para se livrarem do monstro, que tem sido insaciavel até do sangue de seus proprios patricios.

— Diz a correspondencia, que o Marquez de Caxias pretende dar auxilio á essa gente por via do Brigadeiro Portinho, que vem do Rio Grande do Sul com a sua columna para dest'arte tirar todo o receio desses miseros paraguayos, que se occultão pelas matas temendo sempre alguma sorpresa das forças de Lopes, que delles não terião compaixão e o reduzirão á mais horrivel carnificina. E' pois o motivo desses desgraçados se acautelarem, enquanto o seu numero não seja tal que possa assim fazer freute ao tyranno para derribal-o do poder e livrar o Paraguay de seu captiveiro.

— Pobre povo ! Deos hade amerciar d'esse infeliz paiz, observou Emilia tendo ouvido attentamente a seu tio.

— Ah ! senhor João, se os paraguayos se revol-

tassem todos contra esse Lopes cruel, como não seria bom isso? teríamos em seguida a guerra terminada, e, em breve o nosso caro e saudoso filho viria saciar as nossas profundas saudades, disse D. Luiza com um suspiro.

— Isso não nos conviria, minha mulher, por que seria um motivo para que o estrangeiro fizesse uma censura ao nosso Imperio. O exercito alliado teria um vencimento inglorio se deixasse que os proprios paraguayos fossem os vingadores do insulto que soffremos, indo, sem enthusiasmo algum apossar-se da capital dessa pobre nação escravizada. Oh! mil vezes batalhas sangrentas venhão dar a victoria aos nossos bravos do que um triumpho que nos faria corar perante as nações cultas... murmurou João de Andrade possuido de nobre orgulho brasileiro, deixando que o fogo santo do patriotismo lhe viesse scintillar nas pupillas de seus olhos embora alquebrados pelos annos.

— Se bem tenha o maior interesse que a guerra se termine em breve tempo, todavia, meu tio, uma victoria sobre o inimigo por tal modo seria para vexar a nossa patria, e os baldões de seus desafeiçoados lhe virião depois ridicularisal-a, desprestigiando o caracter guerreiro que distingue-se em quasi todo brasileiro...

— Gosto em ouvir-te assim; Emilia, mostras sempre o sangue que nos une pelo parentesco... Feliz sereis se contares como teu esposo a esse filho de meu coração, que lá anda á mercê do des-

tino... Elle, joven de idéas nobres, denodado defensor de seu paiz, e tu, que apesar dos teus verdes annos tens raciocinio e madureza de pensamento, serás digno de um marido como Ernesto, que fará os regosijos de seus extremos paes...

—Ah! meu tio! a Providencia Divina hade-nos outorgar essa grande felicidade, embora venhão tristes apprehensões tomar o meu espirito em terriveis e luctuosas figurás, que me atemorisão em sonhos... disse Emilia como se com effeito algum máo pensamento a affligisse então.

—Fallas-me em figuras terriveis... sonhaste? o que?

—Um sonho bem sinistro...

—Um sonho sinistro, Emilia? perguntou D. Luiza como assustada.

—Não se incommode, minha mulher; sonho sempre é sonho... Mas conta-me isso, sobrinha... Quero ouvir-te attento...

—Sonhei esta noite, meu tio, que aqui, em nossa chacara, se deu um terrivel conflicto... o motor d'elle fôra Ezequiel da Motta...

—Ezequiel... aquelle mancoço que pretendia a tua mão?

—Elle mesmo, meu tio...

—Prosegue, menina.

Emilia continuou assim.

—Erão horas mortas: tudo em casa estava em repouso. De repente meu espirito ouve um grande barulho; levanto-me espavorida e me dirijo ao quarto de vnc. para saber o que isso significava...

fiquei horrorisada vendo a meu tio estorcendo-se na cama e banhado em seu sangue... minha tia, imóvel, parecia sem vida junto de vincto... Então mãos de ferro me tomarão pela cintura, e eu como que sentia o halito repugnante de um embriagado que dizia : está na unha a pombinha... agora temos a partida ganha, e o Paulista já não se conta mais neste mundo... Não sei mais o que se passou... quando dei acôrdo de mim (pois eu tinha succumbido ao contacto d'aquellas mãos e d'aquelle halito immundo) achava-me longe do casa o um rosto que me gelava a alma se me apresentou : Era Ezequiel da Motta, que tentava beijar-me... não pude soffrer tamanho descaro e insulto; e ao fazer força para dar-lhe com a mão uma bofetada, despertei do sonho, tendo apenas dado uma palmada na parede junto á meu leito. Meu corpo então tremia e o sentia todo em suor. Um panico apassara-se então de mim julgando ser esse sonho um presagio máo, pois viera-me logo á mente o quanto seria capaz esse moço, que tanto me fazia incommodar quando o avistava...

—E tu, que tens intelligencia e que sabes aquilatar o que é um sonho, ficas assim impressionada com tal estravagancia? Isso é peculiar das almas fracas e que não discernem claramente a idéa, e qualquer cousa as intimidando em sonho é bastante para fazel-as tremer e receiar do futuro, pensando sempre em uma desgraça.

E Andrade, assim fallando, olhou para sua sobrinha attentamente; e, como ella não lhe dresse

resposta, e parecesse em realidade presa de algum temor vago, o respeitavel ancião proseguio gravemente:

—Vejo que minhas observações não te demovem no teu pensar, carregado de nuvens sinistras...

—Mas, senhor João, atalhou D. Luiza, que até ahí tinha estado em silencio como se parafuzasse igualmente em algum triste presagio; aquelle modo, sempre que nelle penso, faz-me tremer receiosa; me parece mesmo que seria capaz, com o pessimo comportamento que têm, de tentar nos fazer um grande mal com o fim de obter a mão da nossa sobrinha, hoje que sabo que ella possui uma fortuna boa...

—Ora, minha mulher, tire-se de semelhante idéa... são temores vagos que passam, mas que não nos causão mal algum.

E Andrade, assim observando, virou-se para Emilia e ajuntou gravemente:

—Embora a tua alma esteja impressionada do sonho que acabas de contar-me, e que te faz receiar de Ezequiel da Motta, que apesar de o conhecer já como joven viciado e máo, todavia não acho capaz de um commettimento, que lhe redundaria em grande mal...

—Porém, meu tio, o coração me presagia que...

—Ora, minha sobrinha, disse o Paulista sorrindo: para que estas cousas? não seria melhor mudarmos de assumpto? Bem sabes que as tuas apprehensões não me dão o menor abalo...

—Porém, eu, senhor João, não sou do seu

parecer : muitas vezes os máos sonhos se realisão... O que Emilia sonhou é horrivel, e Nossa Senhora que nos livre de todo perigo que possa vir... murmurou D. Luiza com semblante entristecido, alimentando assim a má idéa que fazia do perverso Ezequiel.

—Com isso não me faz mudar do proposito em que estou de que tal sonho nada significará. Repito : é uma extravagancia causada pela lembrança que tivestes talvez d'esse Ezequiel, Emilia... Tranquillisa pois o teu espirito, e Deos Todo Poderoso nos ha de livrar sempre de todos os males...

—A virgem Santa o ouça, meu tio... Ella é a minha esperauça...

—Tenhamos toda a fé em sua immensa bondade, que nos amparará sempre, amparando tambem o filho de minha alma, lá por essas longes terras... disse D. Luiza com ar merencorio e olhando significativa para Emilia.

A João de Andrade isso não passou desapercibido, e volveu logo :

—Esperança, minha boa mulher, esperança, que o nosso filho virá coroar os nossos ardentes desejos... pedirei a Deos, em minhas orações, que me prolongue a vida por mais alguns dias para apertar o filho ao coração, e depois vel-o felicitar a nossa Emilia...

E embora estas palavras fossem proferidas em tom de bonhomia, Andrade nao pôde deixar de commover-se encarando a esposa e a sobrinha,

que se haviam consternado ouvindo assim as expressões do velho.

Alguns minutos depois, essa boa família se punha á mesa para almoçar, e aonde tratara ainda de Ernesto, certa de que elle viria do Paraguay para o regosijo de tão honrada gente.

XXI

Um attentado sinistro.

Na noite do dia em que se deu a scena em casa de João de Andrade, e que a vimos de relatar, em a residencia de Ezequiel da Motta, serião onze horas mais ao menos, se achavão este e seus dois capangas Chico Mentira e João Casquinha.

Elles acabavão de concertar o plano para o ataque em casa do velho Paulista, plano já patenteado ao leitor, e que agora esses malvados tentão executar-o.

Demos attenção a conversação criminosa de taes homens.

—São quasi horas de partirmos, disse Ezequiel olhando para o seu relógio de algibeira; é tempo de munirmos de nossas armas... os animaes estão promptos...

—Cá, por mim, quando quizeres, companheiro, murmurou Casquinha ateando um grosso cigarro que tirára de traz da orelha.

—E eu não os faço esperar, ajustou Chico Mentira com a sua risadinha. Mas ninguém saberá desta nossa esportosa ?

Porque fallas assim? ! interrogou Ezequiel sorprendido.

— Oh ! lé ! pois não ha por abi tantos olhos que espião...

— Olhos que espião? estás com a cabeça no mundo da lua...

— Eu não sei o que me adivinha este meu dedinho... não sei, não sei...olveu Mentira como receioso.

— Ah ! já te entendo, disse Ezequiel, em ar de pouco caso, estás com medo da expedição á charara do velho...

— Medo ! medo ! ora não falle nisso, senhor Ezequiel, que eu serei capaz de furar a trinta homens de uma só vez; e quanto mais, que vamos dar campanha a um velho sem forças e duas miseráveis mulheres, que estarão por tudo quanto quizermos.

— O companheiro Mentira parece que bateu com a lingua nos dentes em algum lugar, por isso que está cismando que venha alguém nos espiar, observon Casquinha tragando a fumaça do cigarro.

— Ora, peor é a séca, companheiro, bem sabe como tenho sido fiel ao senhor Ezequiel, e por isso cautela...

E Chico Mentira expressou-se de uma maneira hostil ao seu conviva, que mirando-o de alto a baixo, resmoneou:

— Companheiro, não me abixórne que eu tenho furia... n'um instantinho sou capaz do mandar um parceiro para caldeira de Pedro Botelho !

—Já principião com polomicas... deixemos de rugas... accomodem-se... ponderou Ezequiel intervindo entre os capangas.

—Pois isto não é fazer um pouco caso de minhas barbas?... disse Mentira com risos de apaixonado, e sacudindo os braços como se ameaçasse Casquinha.

—Pare, companheiro, pare, que se não léva os diabos já neste baque! mormurou Casquinha já querendo avançar-se para Mentira.

Ezequiel interveio de novo entre esses homens.

A má disposição que em verdade existia entre elles, não teve consequencia alguma.

—Conta-me agora, Mentira, qual o motivo dos teus receios?

—Eu lhe conto, senhor Ezequiel, porém...

—Deixemos de paliativos; vamos já tocar ao ponto principal.

—Lá vou, senhor Ezequiel... Vmc. não tem os animaes no quintal?

—Estão ahi. Por que então?

—Quem sabe se alguem os vio, e...

—E, o que tem isso?

—Podem cismar que...

—Ora, és um besta quadrado, disse o malvado mancebo dando uma risada.

—Se sou besta não estou ferrado, respondeu Mentira com a sua favorita risadinha.

—E se o companheiro quizesse o ferrador eu lhe faria coisa papafina, disse João Casquinha em ar de mofa.

— Senhor Casquinha, murmurou Mentira aparentando certa gravidade, que não era do seu character; nós estamos aqui para ajudar ao sr. Ezequiel, e por isso não estou disposto para mais ouvir as suas chalaças... estamos azedados e qualquer cousa nos leva á uma briga.

O jogador olhou o seu companheiro de um modo ruim, e resmoneou :

— Está levadinho do sarro ! somos de tirar um cotejo...

— Quando quizer me hade achar em campo razo, retorquio Mentira, suprimindo a sua risadinha.

— São horas da nossa batalha, observou Ezequiel, guardando o relógio no bolso do collete; e os advirto que não quero mais ouvir polemicas de valentia, se querem ser bem pagos do trabalho.

— Nhor sim... nhor sim... fez Mentira com ar de capoeira.

— Prompto e lesto, ajuntou Casquinha, ateando de novo o cigarro e mirando de esguelha a Mentira. Batomos a picada do velho Paulista.

— Não ha tempo a perder, murmurou Ezequiel, sabindo de sua sala, onde se achava com seus dois capangas, e voltando momentos depois armado de um revolver de seis tiros e de dois trabucos pequenos. Além disso trazia um punhal quasi occulto nos côes da calça e cujo cabo apparecia.

A cada um dos dois convivas deu um trabuco. Estes estavam tambem munidos de facas pontegudas.

No cabo de alguns segundos esses malvados estavam promptos para o commettimento de mais um crime, que o dedo de Deos viria frustrar, socorrendo a familia honrada e religiosa do nosso venerando João de Andrade.

Era meia noite quando Ezequiel e seus dois capangas seguirão para a chacara do Paulista, com a maior precaução.

No caminho que percorrerão da cidade á essa situação, não proferirão uma só palavra. Guardarão o maior silencio. A noite era escura e os havia favorecido com o seu manto negro, harmonisando-se assim com o pensamento tenebroso que levavão esses perversos.

Chegarão sem incidente algum á chacara de Andrade, tendo Ezequiel o cuidado de deixar o seu cavallo a alguns passos da casa, amarrado á uma arvore, fazendo o mesmo Casquinha e Mentira.

Tudoahi estava tranquillo. Nem uma pequena bulha se ouvia.

--Bom vae o negocio, disse baixinho Ezequiel aos seus capangas. Creio que o meu plano produzirá o desejado effeito.

—Ponho a arma prompta, companheiro.

—E eu tambem; o pagodo hade ser galante, disse Mentira ouvindo-se igualmente a sua risadinha.

—Será preciso pormos á porta do velho ao chão. Havemos de fazer bulha, mas coragem que tudo teremos de vencer sem risco de nossa vida.

E, sem demora os tres perversos combinavão de pôr os hombros á porta principal da casa.

Acharão que ella não cederia a qualquer força. Tinha, por certo, alguma tranca de pão pelo lado de dentro que a segurava.

—Tomo novo expediente, disse Ezequiel como se o obstaculo do arrombamento d'essa porta tivesse desaparecido.

—O que é, companheiro? perguntou Casquinha.

—Fazemos uma grande bulha á porta; e quando vier de dentro alguém avançaremos incontinenti, e deste geito iremos pegar a menina, que toda em susto deve levantar-se para ver o que significa esta alerma.

—*X-p-t-o laranjeira*, murmurou a voz de Mentira.

—Eu irei na pista, companheiro, a pombinha hade vir para as minhas unhas...

—Bem, Casquinha... Agora, mãos ás obras...

Em poucos momentos uma scena horrivel se deu n'essa chacara do honrado Paulista.

Ouvio-se uma grande desordem na sala de fóra, arrastamento de cadeiras, e vociferações infernaes, e tudo ás escuras.

João de Andrade, que antes do que vimos de expender dormia o somno tranquillo do justo, acordára em sobresalto, e não tendo tempo de tomar as calças, mesmo em siroulas, acudio a ver o que era esse barulho em sua casa a essas horas mortas da noite,

Punhos de ferro o agarrarão, e o Paulista sem forças para resistir a quem o segurava, murmurou em voz tremula e desesperada:

—São malvados que me querem assassinar, e talvez para commetter um roubo.

—Velho de seis centos diabos, resmoneou a voz de Casquinha, estás no laço. Agora, companheiro, é só físgar-se o peixe.

—Eu lá vou, respondeu Ezequiel, encaminhando os passos ás apalpadelas pelo interior da casa. Tu, Casquinha, segura bem o Paulista para não nos atrapalhar o negocio.

—Está na unha, companheiro! depressa! depressa! pegue a pombinha!

N'um instante ouviu-se uma gritaria na casa, pedia-se soccorro, chamava-se por Nossa Senhora, mas outras vozes, em contrario, repetia vociferações infernaes, como se uma legião de demonios viesse assombrar a pacifica habitação de Andrade.

No meio de tal confusão foi quando a respeitavel esposa do Paulista e Emilia, se titubearão e não sabião para onde se havião de refugiar, e as quaes, por certo, tinhão em lembrança o horrivel sonho contado pela donzella, sonho que Andrade não déra importancia alguma.

Os escravos da casa esses em nada podião valer a seus senhores, por quanto se achavão na cosinha e n'umã senzala contigua, e não virião a tempo de obstarem os planos dos malvados; e, de

mais, tudo ás escuras, só se ouvia gritos, choros e a desesperação da parte dos opprimidos.

Alguns instantes depois, uma voz que era a do perverso Ezequiel, bradava como em triumpho :

Eil-a aqui! está segura! Tu, Casquinha, segura bem o velho em quanto ponho-me para fóra da casa com esta pombinha do meu coração.

—Maldição! maldição! Ah! malvado maneebo! não, não! tu não hade lograr o teu intento! heide ter animo e coragem para perseguir-te até mesmo nas entranhas da terra, so ahí refugiares!

Era o espirito afflicto do desgraçado Andrade, que não podia acudir, apesar do esforço que fazia, a esposa e a sobrinha, as quaes havião sido tambem victimas desses miseraveis.

—Metto uma bala aos miolos do Paulista, companheiro? interrogava mui alto a voz de Casquinha.

—Não... não... o que quero cá está, deixemos o velho chorar as suas amarguras... ellas passarão depressa... eu já vou indo...

Mas, de repente, uma voz estranha se ouve no terreiro junto á porta da casa.

Uma luz appareceu de subito, e uma figura, semelhante a um horrivel fantasma, aproximou-se logo de Ezequiel da Motta, que levava Emilia inanimada nos braços, e bradou em voz cavernosa :

—Bandido! bandido! é tempo de purgares os teus crimes!

E ao mesmo tempo descobrio-se um rosto pallido, com barbas longas, que fez o perverso joven recuar aterrorisado.

—Elle !?... elle !?... exclamou Ezequiel todo tremulo e largando involuntariamente do corpo de Emilia no chão.

—E' a sombra que te persegue, maldito ! estás perdido para sempre !

—Retira-te, sombra horrivel ! tenho aqui o meu revolver !

Ouvio-se um apito.

Seis vultos apparecerão no mesmo momento.

—Prendei á esse grande criminoso, camaradas ! disse a voz desconhecida.

Echoou o estampido de dois tiros, mas estes não offenderão a ninguem porque não ouviu um gemido.

Quasi na mesma occasião João Casquinha, que largava de João de Andrade, não sem ameaçal-o, ao sahir ao terreiro, foi com presteza agarrado por pulsos vigorosos que o fizeram immediatamente desarmal-o e prendel-o.

Vendo o jogador tão inesperado accommetimento, urrou como se estivesse fóra do uso da razão :

—Não sou eu o criminoso, mas sim o companheiro que ali está ! larguem-me ! larguem-me ! quero escafeder-me d'aqui !

E o malvado fazia esforço para desenvencilhar-se das mãos que o retinhão, porém nada

conseguia, e continuava com seus urras e vociferações infernaes.

Pela mesma maneira tambem, e com a maior agilidade, era seguro Chico Mentira, que o medo o fizera esquecer a sua favorita risadinha vendose em semelhante estado, e que já contava a sua punição por parte da policia.

Não prolonguemos esta scena em repetir o que dizião esses perversos, e tudo isto que havemos escripto fôra facto que se déra em poucos minutos, e que não nos achamos habilitado para apañhal-o e pintal-o momentaneamente, tal como se passara. Desculpe-nos o benevolo leitor.

O personagem estranho que se approximara de Ezequiel e que lhe havia feito tremer, tomara, logo que o perverso era preso, o corpo de Emilia; que ainda continuava inanimada, e o levava nos braços para a sala da casa, encontrando-se á esse tempo com o velho Andrade, que então vinha vacillante e todo possuido de pesar e de paixão por não poder amparar a sua sobrinha, sobresaltou-se ao vel-a, embora o escuro da noite não lhe permittisse distinguir bem os objectos que o rodeavão, e então bradou com justo resentimento, e em tom de desespero :

— Miseraveis ! embora alquebrado pelos annos, eu terei valor para perseguil-os e entregal-os á acção da lei. "

E, nesse intuito avançou-se para o desconhecido, que lhe trazia Emilia; mas este o tranquil-

lisou logo com estas palavras tomado de uma certa commoção :

—Eu acabo de vingal-ó neste momento, senhor... socegue o seu espirito... nada lhe ha acontecido... sua sobrinha está aqui salva das garras d'aquelle malvado... Um homem, que lhe é estranho, tomou a si a vingança do miseravel, que vae soffrer em breve o castigo de seus crimes.

E assim tendo se expressado, entregou Emilia aos braços de seu tio, e retirou-se sem dar tempo para que Andrade lhe agradecesse tão grande quão generosa acção, e nem interrogal-o ácerca desua individualidade.

Dahi a pouco ouvia-se só o echo de palavras inintelligiveis, e que parecião ser proferidas em tom de raiva e desesperação.

Erão os tres perversos que ião presos e que esperavão pela punição da justiça.

Quem era esse desconhecido, que tão a tempo viera prestar soccorro á familia do honrado Paulista ?

No capitulo seguinte o saberemos.

XXII

Crimes patenteados. O desconhecido.

Desnecessario será informar ao leitor da sorpresa e sustos da familia do velho Paulista depois que o desconhecido se retirara, e que não estando já a casa em escuro, a cuidado de D. Luiza, que não havia succumbido ao terror que lhe inspirava os perversos, fizera Emilia tornar a si do

desmaio, e que ficára como hallucinada julgando ainda presa do malvado Ezequiel. Mas esse panico passára, e uma hora depois o velho Andrade, já tranquillo e sciente que esses miseraveis jámais voltarião, dizia para sua mulher e sobrinha :

—Ora ahi está como se realisa um máo sonho... as tuas apprehensões são fundadas, Emilia, e capacito-me agora que nem sempre as ruins visões que nos aparecem são para tratar-se em ar de resto...

—Ainda tremo, meu tio... vi em realidade o sonho que me atemorizava... meu coração bate descompassado... ah ! se o terrivel Ezequiel me levasse, o que seria de mim neste momento que lhe fallo !... Rendo, pois, graças á Virgem Santa !, que me livrou de tão arriscado transe...

—Deos, minha sobrinha, nunca abandona aos que o temem e só n'elle tem esperança.

—Ah ! Deos Bondoso e Misericordioso ! exclamou D. Luiza pondo as mãos e erguendo os olhos para o céo; eu não posso expressar o que agora sinto; louvado sejaes, meu Deos !

—Uma cousa agora me impacienta, disse Andrade, como pensando, é eu não saber quem é o desconhecido que me fez tão relevante serviço...

—E porque não hade saber, meu tio ?

—E' talvez algum mysterio que não me seja dado penetrar-o... Mas, amanhã, faço o proposito de ir á cidade para pesquisar o facto que se deu aqui.

—E' isso accertado, sr. João;

—Estou certa que meu tio hade descobrir quem é o nosso salvador...

—Heide empregar os meus esforços para isso, Emilia...

Tempo depois todos na chacara de Andrade estavam de novo em repouso sem receio de outra tentativa criminosa.

No dia seguinte, ás dez horas da manhã, depois que o velho Paulista almoçara, dispunha-se a ir á cidade orientar-se do personagem que lhe tinha feito tanto beneficio, quando avistou no terreiro o capitão Paulino de Barros, que com sorriso bondoso, disse-lhe logo estendendo-lhe a mão :

—Já sei do acontecimento que hontem tivera lugar aqui; porém o perverso já se acha em ferros e tambem os seus dois capangas...

—Mas, senhor capitão, eu estou perplexo sem poder atinar qual o fim que tivera um homem que me era estranho e que viera livrar a minha sobrinha das mãos de um malvado... apenas me entregou Emilia desmaiada, dizendo-me achar-se ella salva, e desapareceu no mesmo momento sem que me dissesse quem era, e qual o motivo que o obrigara á uma tão grande e generosa acção...

—Tranquillise, meu amigo, respondeu Paulino tirando a sua caixa de rapé; eu já vou patentear-lhe tudo, mas isso hade ser em presença de sua respeitavel senhora e de sua sympathica sobrinha.

E ambos entrarão para a sala,

O capitão cumprimentou a D. Luiza e Emilia com urbanidade.

Depois que conversarão sobre o facto que se passara na chacara, e do qual a familia de Andrade já não tinha sustos, o Paulista ajuntou socegradamente :

—Disse-me, senhor capitão, ao avistar-me, que patentearia-me tudo quanto se deu esta noite aqui... agora o ouvirei... desculpe-me esta exigencia, porém deve-me revelar attento a importancia do facto. . .

—Eu o satisfaço, meu amigo...

E Paulino de Barros, tomando uma pitada, assuando-se, continuou gravemente :

—Sabe que Ezequiel da Motta tem sido um mancebo de pessimos costumes, jogador, ladrão e assassino...

—Assassino ? ! disse Andrade sorpreso.

—O coração m'o dizia...

—Não era sem fundamento que minha alma se fechava quando o via, murmurou D. Luiza como se ainda temesse do perverso.

—Pois, meu amigo, vou contar-lhe um attentado gravissimo perpetrado por esse bandido... Em uma occasião Ezequiel fizera uma viagem e passado tempo voltara a cidade aonde logo edificará um bom predio e todos o julgarão que alguma herança ou fortuna lhe proviera d'essa viagem, mas não atinarão jámais o que em verdade seria a causa de tal mudança de estado: ficou isso em mysterio. Passou-se o tempo, Agora dous factos

importantes vierão justificar a conducta do miseravel, que attingindo a todos os degráos do crime, está hoje sobre a acção da justiça e a sociedade vaeser desagravada de tão gravissimos attentados.

—Ah! malvado! exclamou Andrade em tom da compaixão, tão joven e já tão cheio de crimes!

—O rigor da lei caia sobre sua cabeça! ajuntou Emilia com justo resentimento.

—Seja elle sempre maldito! disse D. Luiza ainda torturada do que se tinha dado com sua sobrinha.

—Ouça, meu amigo; proseguio Paulino no mesmo tom. Ezequiel tentou a vida de um homem, para roubal-o. Era um mineiro que vinha do Rio de Janeiro, e tinha conhecimento com o perverso joven. Esse homem não sabia que Ezequiel era bandido, e teve a infelicidade de patentear-lhe os seus negocios: disse-lhe, com toda a ingenuidade, que vinha da côrte e aonde fôra buscar certa quantia em dinheiro para um individuo da freguezia d'***, mas que a levava comsigo, e assim ia receioso que lhe acontecesse algum fracasso em caminho. Então Ezequiel, como seu conhecido, lhe fizera vêr a necessidade que tinha elle em levar um companheiro; e pesquisando com arte saber quanto era a quantia, o perverso logrou o seu intento, e teve sciencia que esse portador levava dezoito contos de réis em notas.

Foi incauto este individuo fiando-se do bandido joven. Cahio em um premeditado laço. Ezequiel lhe fizera capacitar que tinha igualmente uma viagem

para a freguezia d'*** e por conseguinte a occasião seria muito favoravel em acompanhal-o e chegaria assim a salvamento com o seu dinheiro.

O infeliz homem aceitou o offerecimento que lhe parecia ser sincéro, e partio de nossa cidade, acompanhado de Ezequiel, para a mesma freguezia d'*** A' vinte leguas della, em um lugar ermo, o perverso mancebo tivera occasião de perpetrar o crime que premeditára, e tentou o homicidio...

—Malvado !

—Amaldiçoado !

—Bandido !

Disserão ao mesmo tempo João de Andrade, D. Luiza e Emilia.

—Com o seu revolver, proseguio Paulino, o assassino fez o delicto, e o portador dos dezoito contos de réis cahira do seu animal e ficára como morto nesse lugar deserto e sem testemunhas que presenciassem na occasião tão negro attentado. O que acontecera depois disto é facil de prever-se...

—Sim, o roubo do dinheiro, e o bandido senhor de seu segredo, ajuntou o Paulista.

—E' isso... Porém o infeliz não morreu; voltou a si do tiro que levava, e com algum custo pôde ver que esse tiro não lhe offendera os órgãos da vida. O facto não ficara nas sombras como havia julgado o bandido. O acaso fazendo passar ali um viandante velho, chegou-se elle ao ferido e o examinou attentamente; e sem nenhuma difficuldade reconheceu que o infeliz homem tinha

sido baleado entre a quinta e sexta costella do lado direito, e, por conseguinte a bala não o faria succumbir. Logo perto do lugar do crime, o viandante avistou o animal arreado do ferido, e, pois indo pegal-o trouxe-o, certo de que o pobre homem montaria á cavallo para assim leval-o á habitação mais proxima que por aquelles sitios encontrasse. Assim succedeu.

E Paulino de Barros interrompeu-se e tomou uma pitada, e o velho Andrade, que prestava profunda attenção á narração, disse:

— Bem haja o viandante, que prestou-se generoso ao infeliz victima do miseravel bandido!

— A benção de Deos sobre elle! murmurou D. Luiza.

— Que a Virgem Santa o ampare sempre, ajuntou Emilia que olhava para Paulino com anciosa por ver o resultado da sua narração.

O nosso delegado proseguio:

— Passarão-se os tempos. Ezequiel estava fruindo o dinheiro que roubara, como se o dedo de Deos deixasse de punil-o deixando de fazel-o espiar tambem o attentado por elle perpetrado na pessoa d'aquelle desgraçado homem. A policia de nada sabia, e tudo jazia em mysterio. Porém, n'uma noite destas, o malvado sem nunca pensar que alguem vigiava-o ás occultas na concepção de seus planos tenebrosos, tentou realisal-os...

— Mas o dedo da Providencia veio frustral-os, interrompeu o Paulista cheio de justa indignação.

— Sim, meu amigo, o bandido approximava-se

da punição de seu grande crime, a qual já lhe tinha espassado muito...

—Mas, senhor capitão, de que maneira logrou esse *alguem* em desvendar os mysterios que so davão em casa do malvado? perguntou Andrade, ancioso de ver o fim de semelhante factó.

—Eu o satisfação já. Essa pessoa, n'uma das noites passadas, em que se jogava o lansquenet em casa de Ezequiel, onde se havião reunidos os jogadores da cidade, introduzira-se sem a menor difficuldade no interior da casa, e ahi pôde, á sua vontade, tudo espreitar, occultando-se em uma alcova aonde tudo podia ouvir sem ser presentido. Ella foi feliz na sua idéa. Ninguem a descobrira, e por conseguinte, já pela madrugada, ouviu essa pessoa distinctamente o dialogo entre o bandido Ezequiel e seus capangas, e o soliloquio em que o malvado denunciava-se em ter doze contos em boa moeda e em lugar seguro de qualquer acontecimento. Após disto, sahio a mesma pessoa, com a maior cautela e em occasião que a casa quasi ás escuras tinha a porta do corredor aberta, mas que Ezequiel só a fechara quando aquelle vigiara seus passos já se tinha retirado para á rua.

—Ah! agora comprehendo bem o factó, disse Andrade pausadamente.

—Maldito! ajuntou Emilia com resentimento, mal sabias que os teus crimes ião ser espiados!

—Deos não falta com o castigo aos grandes criminosos, murmurou D. Luiza.

— Sim, minha boa mulher, o castigo do céu é sempre certo... Mas, senhor capitão, rogo-lhe concluir a sua narração.

— Já vou oriental-o do final, proseguio Paulino assuando-se. Hontem cedo tive uma denuncia circunstanciada de tudo, e dei providencias, com a precisa cautela, para que não se abortasse o meu intento. Logrei o que desejava porque a noite chegou sem que houvesse desconfiança da policia por parte dos malvados. O resultado dessas providencias lhe está bem patente, meu amigo, e por isso...

— Mas, senhor capitão, o homem desconhecido que me fez tão grande serviço, aonde se acha agora? quero recompensal-o de alguma maneira o sacrificio que por mim fez, observou Andrade com a maior sinceridade.

— Oh! sim, meu tio, esse homem deve ser generosamente recompensado, disse Emilia cheia de reconhecimento; tenho ahí dinheiro para vmc. lhe dar a quantia que quizer; terei nisso immensa satisfação.

— São louvaveis estes sentimentos de gratidão, ponderou Paulino, porém o homem que lhe prestou o grande beneficio já se ausentou hoje para a freguezia d *** levando a quantia de doze contos de réis, que com effeito achara em certo lugar, em casa do bandido Ezequiel...

— Ah! já comprehendi tudo! exclamou o Paulista surpreso. Aquelle homem que vigiara os

passos do malyado havia sido a propria victima do seu bacamarté...

—Justamente, meu amigo... esse homem foi quem me denunciou os planos terriveis de Ezequiel. O dinheiro que elle havia roubado apenas restava doze contos em notas do valores de cem e duzentos mil réis, que forão as mesmas reconhecidas pela victima do bandido; e esse dinheiro estava acautelado em lugar determinado. O proprio Ezequiel, hoje cedo, quando se avistou com o vulto terrivel e que lhe fez estremecer e impalidecer, reconhecendo-o, não pôde occultar o seu negro crime : em si proprio estava a denuncia do attentado, e pois não buscou rodeios e confessou a sua culpa. A justiça não precisava de mais esclarecimento; a vindicta publica vae ser desaggravada pela punição do bandido, e cujo processo espero seja brevemente concluido...

—E os capangas d'esse perverso, sr. capitão ?

—Esses, tambem, são cumplices no crime e hão de ter a pena da lei.

—Ora, ahí está como os malvados tarde ou cedo pagão os seus delictos... observou João de Andrade cheio de gravidade.

—E' o dedo de Deos, meu tio, que os vinga, murmurou Emilia sentenciosamente.

—Sim, Emilia, os ladrões e assassinos acabão sempre nas forcas e nas prisões, ajuntou D. Luiza olhando para a sobrinha.

—Ai de nós se os mãos cidadãos não fossem

punidos com o rigor da lei, concluiu Paulino, em gestos de despedir-se da boa família.

—Pois já, senhor capitão?

—Preciso retirar-me, meu amigo, para abreviar o grave negocio de que venho de expor-lhe.

—E eu que vejo-me privado de dar os meus sinceros agradecimentos ao generoso homem que salvou a minha sobrinha e a minha dignidade de Paulista...

—Algum dia o fará, senhor Andrade...

—Sinto profundamente não o fazer já...

—Essa gratidão honra-o muito, porém o homem que lhe prestou tão grande serviço já não o encontrará na cidade...

—Pois elle, senhor capitão, ausentou-se?

—Patenteado o crime á luz da verdade, esse homem nada mais tinha a fazer...

—E sem esperar pelo meu agradecimento sincero, atalhou Andrade pesaroso.

—Não importa, repito: um dia terá essa satisfação... não se afflija por isso...

—Ah! senhor capitão! disse Emilia, também entristecida, o homem nos fez tanto beneficio... quando o pagaremos?...

—Talvez um dia...

—Um dia... um dia... quem sabe? murmurou D. Luiza com um suspiro.

Tempo depois Paulino de Barros se retirava da chacara de Andrade.



EPILOGO.

I

Muitos mezes se ha decorrido. Estamos em fim de Janeiro de 1869.

Depois dos successos que relatamos na presente historia, nada de notavel havia-se dado na honrada familia do velho Andrade, a não ser que a bella e sympathica Emilia esperava sempre, com o maior fervor e fé, pela volta de seu carissimo primo, que lhe viria abrir um céu de delicias, sempre tambem com a lembrança na Santissima Virgem, sua protectora, em quem punha toda a pureza de sua alma.

Mais algumas cartas tinha ella recebido do seu fido amante durante o lapso de tempo que temos passado em silencio; e essas cartas sempre unidas de sentimento e de phrases amorosas, vinhão augmentar as saudades immensas da donzella, que suspirava continuamente, guardando o segredo do amor, em seu auge, para um dia patenteal-o, com a maior fidelidade, ao extremecido amigo de sua infancia.

As ternas impressões de Emilia a acalentavão na certeza de que teria de em breve ver o fim do seu romance de amor.

O velho Paulista nada tinha soffrido em sua saude, e nem tambem sua respeitavel esposa.

Elles suspiravão pelo momento do regresso do

joven e denodado voluntario, o seu amado Ernesto, que as balas do inimigo ainda o tinham poupado embora tivesse elle corrido o grande perigo de achar-se na batalha de Villeta.

A familia do velho Andrade levava suas preces ao seio de Deos pelos beneficios outorgados ao valente soldado, que combatendo pela patria seu sangue tinha sido poupado, quando uma noticia má veio ferir intensamente a João de Andrade, D. Luiza e Emilia.

Um dos voluntarios que tinha sido testemunha do ardor e heroismo de Ernesto no combate, e que era seu amigo e seu conterraneo, e por conseguinte tambem muito conhecido do velho Andrade, tomara a iniciativa de fazer-lhe uma carta para patentear-lhe o modo bravo e destimido com que se portou na batalha sangrenta das « Lombas Valentinas, » e na qual uma bala veio dar o baptismo de sangue ao intrepido voluntario, que havia deixado de pelear, cahindo entre as dezenas de heroes sob uma chuva horrivel de balas.

Noticiava mais o mesmo voluntario, que Ernesto tinha sido recolhido para o hospital, mas que o seu ferimento, apesar de grave, era desesperador.

Que depois de finda a batalha, o voluntario procurara visitar o seu bravo companheiro de armas, e que o achou com algum delirio prenunciando no entanto os nomes de seus queridos paes e de sua saudosa prima.

Andrade tinha o espirito em agitada dor; ora uma lembrança consoladora o resignava; ora um

como soubo horrivel lhe vinha mostrar o caro filho morto no hospital de sangue, e longe d'aquelles que lhe votavão amor.

Demos attenção ao dialogo triste que se dava entre essa familia.

Apenas são oito horas da manhã.

O velho Paulista está sentado em sua rede e tem a cabeça apoiada em ambas as mãos. Está entregue ao pesar.

D. Luiza, chora ao pé de seu respeitavel esposo.

Emilia, com o sentimento d'alma desenhado no bello semblante, falla assim :

--Não, meu tio, não é possivel que o primo deixasse de existir... a bala que o offendeu, diz o voluntario, não o punha em estado desesperador. E demais temos de ver ainda a relação da participação official dos feridos e mortos nos combates. Apesar de ter o meu coração vivamente impressionado e em cruel alternativa, ainda não me abandonou a esperança... A fé que tenho na Virgem Mãe de Deos me acalenta...

—Mal de nós, minha sobrinha, se a esperança nos abandonasse, balbuciou Andrade com um gemido profundo; embora minha alma esteja tomada de amargura, quero crer que o caro filho não é morto...

—Morto! morto! exclamou D. Luiza, limpando os olhos com um lenço; essa lembrança é horrivel...

—Nossa Senhora nos hade valer e a nosso bom filho... eu lhe farei uma grande promessa e irei

A sua capella da Aparecida cumpril-a... Oh ! tenho fé... muita fé em sua divina bondade...

—Sim, minha boa mulher, ponhamos toda nossa esperança no céo... a misericordia de Deos não tem limites...

—Os dias, agora, meu tio, hão de passar mui vagarosos, e eu anciosa esperarei a chegada do proximo correio, e é possível que nos venha melhor noticia...

—Deos te ouça, minha sobrinha, disse Andrade gravemente.

—Os anjos te fallem pela boca, ajuntou D. Luiza.

II

Passarão-se alguns dias.

Tinhão vindo novas noticias do Paraguay.

Ernesto de Andrade, com effeito, havia sido ferido de uma bala do inimigo, mas ella apenas lhe tinha varado as costellas do lado direito sem dar-lhe a morte.

No entanto o joven nada tinha participado a seus paes e só o voluntario, seu companheiro de armas, incumbindo-se d'isso, confirmava com algumas linhas escriptas a João de Andrade a sua primeira carta. Asseverava-lhe de novo que Ernesto mostrava não ter perigo, e que o medico que lhe assistia dava boa esperança.

O capitão Paulino de Barros, sempre amigo sincero do velho Paulista, e por isso logo que soubera da infeliz noticia tinha vindo a chacara

para confortar a respeitavel familia, e no intuito tambem de esperançal-o no proximo regresso de Ernesto.

Paulino tinha sido ha um anno nomeado commendador da Ordem da Rosa, e hoje já não exercia o lugar de delegado, que o desempenhava com tanta honra, fazendo respeitar a sua autoridade, por ter sido exonerado pelo governo da provincia por falta de confiança do mesmo.

Paulino teve ainda occasião para exaltar os merecimentos do nosso joven voluntario, que vertera o seu sangue pelo altar da patria com o denodo e valentia propria de um brasileiro; e que o joven viria para fazer o justo orgulho de seus extremosos paes e a felicidade de sua querida e saudosa prima.

Os dois velhos abençoarão as palavras do commendador; e Emilia, no fundo de seu coração, sentio que um presentimento vinha lhe segredar a confirmação d'essa felicidade.

A familia do velho Andrade esperava ainda ansiosa por novas noticias.

Escoarão-se mais alguns dias.

Ernesto não tinha succumbido, e tanto assim que tivera forças para escrever por si proprio a seu extremoso paé.

Essa carta vinha assegurar ao respeitavel Paulista o valor do patriotismo e bravura de um voluntario, que soube defender os direitos sagrados de seu paiz; mas deixava Andrade na duvida de

regresso do filho, porque á esse respeito nada elle lhe havia dito.

Emilia mortificara-se com isso e mesmo por não ter tambem uma cartinha de seu estremecido amante. A viva fé que tinha na Virgem Santa não a abandonava um só instante. Seu coração como que lhe adivinhava que em poucos dias teria de apertar ao peito o seu primo querido.

III

Demós agora conta a nossos leitores do fim que tivera o bandido Ezequiel da Motta visto ter se passado tão longo tempo sem que sua punição do crime perpetrado lhe tenha sido patenteada.

Elle havia respondido ao jury da cidade d*** e tivera a pena de vinte annos de galés e seus dois capangas João Casquinha e Chico Mentira com dez annos tambem. Elles tinham partido para a capital da provincia a cumprirem essa pena.

A sociedade tinha sido desaggravada e a lei ostentava o seu imperio.

Ezequiel antes de seguir ao seu destino tinha feito venda de seus escravos e de sua morada de casas, reduzindo tudo a dinheiro, dissera tinha a idéa de tentar sua fuga para perpetrar novos crimes.

Mas no decurso do tempo que passamos em silencio este romance, não consta que o malvado tivesse occasião para isso: acha-se preso na capital nos trabalhos de galé.

IV

Passou-se mais um mez. Era o fim de Fevereiro. Uma tarde mui chuvosa e triste enchia de saudades a familia do velho Paulista.

Uma lembrança dolorosa feria o pensamento de Emilia.

Ella, apesar de sua fé na Virgem Santa, tivera momentos de desanimo. Mil cuidados lhe acudião á mente trazendo-lhe os soffrimentos de seu querido amante.

Mas superava tudo, rogando sempre á mesma Virgem Santa que lhe desse valor para esperar com resignação pela volta de seu amado primo.

Andrade, que igualmente tinha esperança de ver a seu caro filho, dizia para D. Luiza:

—O coração me presagia hoje algum acontecimento... quem sabe se..

—Se... atalhou a boa esposa anciosa.

—Se Ernesto nos dará o abraço do regresso...

—Ah! meu Deos! se assim fosse!... tanta felicidade seria para nos fazer chorar...

Emilia entrou na sala, aonde estavam os dois velhos.

—Meu tio, murmurou ella apressada; ouvi agora mesmo uma voz n'alma que me fallou do primo Ernesto...

—Oh! oh! fez o Paulista como attonito.

—Falla, Emilia, falla... acudio D. Luiza com sorpresa.

—O primo Ernesto o teremos hoje!

— Mas...

— Sim, explica-nos isso, minha sobrinha, voltou Andrade cravando seus olhos no rosto de Emilia.

Esta proseguiu, com semblante tomado de commoção :

— Uma voz me fallou n'alma, que o primo virá hoje... eu a ouvi distinctamente...

— Se fosse um aviso do céu !... exclamou D. Luiza pondo as mãos como quem implorava.

— Quem sabe? disse Andrade tomado de esperança.

— Não sei porque, meu tio, estou com o coração a pular como se uma grande felicidade viesse já tomal-o...

— Vamos a ver as tuas apprehensões... oh ! oh ! se ellas sáhessem como pensas... eu morreria de prazer !

— Não, não hade morrer, senhor João, Deos nos hade dar felicidade com a vinda de nosso amado filho...

A noite estendeu seu manto escuro pela terra e a chuva continuava a cahir.

Na chacara de Andrade havia uma pessoa que não tirava os olhos do caminho da cidade.

Essa pessoa era Emilia, que se impacientava pelo instante suspirado de apertar nos braços o ente estremecido do seu amor. Ella tinha robusta fé no seu presentimento. Parecia-lho a cada momento ver a Ernesto de Andrade,

De repente a joven ouviu um tropel de animal ao longo do caminho da cidade.

Extremeceu-se toda e o coração quiz saltar fóra do peito.

Escutou de novo para ver se não era uma illusão do pensamento.

Certificou-se com effeito que um cavalleiro se avizinava.

Em poucos segundos elle se achava no terreiro da chacara.

Emilia, que apoiava-se na janella da sala, pulou com o maior arrebatamento para o terreiro.

Quando o cavalleiro parava o seu animal já a donzella estava junto d'elle.

—Será possível! minha Virgem Santa! murmurou ella com voz suffocada de commoção. Elle!... elle!...

—Prima de minha alma! respondeu uma voz limpa e cheia de ternura.

—Elle!... elle!... repetia Emilia, que já apertava em seus braços, julgando sonhar, o estremecido amante.

—Sim... sim... é o teu primo que volta da guerra são e salvo!

—Meu tio! minha tia! depressa, depressa, venhão encontrar o primo!

E a voz de Emilia foi ouvida pelos velhos esposos.

Elles acudirão.

Quando chegarão á porta, já Ernesto e Emiliaahi estavam.

Repetidos abraços, lagrimas de prazer, extasis, que não podemos descrever, são os instantes que passarão João de Andrade, D. Luiza, Emilia e Ernesto, que se confundirão no escuro da noite.

D'ahi a pouco, o heróe da guerra descansava no lar sagrado da familia como se julgasse uma illusão do pensamento tudo quanto via.

Contar ao leitor o jubilo que tivera a familia de João de Andrade, e os regozijos intimos do coração da amante, e os doces enlevos de Ernesto ao contemplar a belleza de sua prima, que então radiava pelo prazer d'alma, é trabalho superior ás nossas forças, e por isso limitaremos só a dizer que a noite se passara para a familia rapidamente — não olvidando o intrepido voluntario os episodios por que passara na longa campanha, e que agora rendia graças ao omnipotente por tel-o conduzido felizmente ao lar sagrado da familia.

O distincto joven tinha-se curado de seu ferimento, e nada mais sentia.

Estivera em Assumpção alguns dias e dava a noticia que o tyranno Lopez em breve seria expulsado do territorio paraguay, e já muito demoralizado para com os seus proprios soldados, esperava a cada momento uma noticia de sua fuga para a Bolivia.

No dia seguinte a chacara do velho Paulista estava cheia de povo.

Erão as pessoas gradas da cidade que vinhão cumprimentar ao bravo soldado voluntario, que com o posto de tenente e com a sua blusa de pa-

no, mostrava sobre o peito o habito da Imperial Ordem da Roza.

Ernesto tinha o semblante sympathico e intelligente crestado pelo ardente sol do Paraguay.

No entanto mostrava-se mais nutrido do que quando para ahi partira.

João de Andrade improvisara n'um instante um modesto jantar para esses amigos que o felicitavão pelo regresso de seu caro filho.

O tenente coronel R., já suspenso pelo governo de seu posto, tambem não faltara e nem o vigario da freguezia da cidade, vendo-se tambem ahi o commendador Paulino de Barros, que a cada momento interrogava ao bravo voluntario sobre as memoraveis batalhas de Villeta e Lombas Valentinas.

Todos buscavão ao joven tenente, e elle a todos correspondia com urbanidade, fazendo-se cada vez mais eredor da estima de seus concidadãos.

Tudo era prazer na chacara de Andrade.

Emilia tinha um céo de rosas no pensamento, e bem dizia a Virgem Santa.

Embebida toda no seu estremecido amante contemplava-o com a maior ternura.

D. Luiza dava graças a Deos por tanto beneficio.

O Paulista honrado não sabia o que havia de fazer para obsequiar a seus bons amigos.

Nesse mesmo dia, no fervor do jantar e quando todos dirigião um brinde ao valente voluntario, que voltava cheio de gloria para o lar da familia, Andrade tomou a palavra e agradeceu jubitoso

esse brinde feito a seu caro filho, e então emprasara a todos para um novo jantar, que teria lugar d'ahi a quinze dias por occasião do consorcio de Ernesto com Emilia, que ambicionava unil-os logo antes que viesse algum contratempo interromper esse gosto de sua alma.

Todos applaudirão a idéa.

E' que o velho Andrade pensava que ao par de tanta felicidade podia sobrevir alguma contrariedade, de que ninguem está isento neste nosso mundo de illusões.

Na tarde desse dia, os dois amantes se achavão a sós e se contemplavão no mais doce enlevo d'alma.

Ernesto apertava extasiado as mãos de Emilia e murmurava :

—Amo-te, meu anjo, amo-te mais que nunca...

—Oh ! quanto é suave ouvir isso de tua boca, meu estremecido amigo... teu coração é meu... meu só....

E um beijo cheio de doçura roçou nos carmines e humidos labios de Emilia.

Ernesto estava arrebatado para o mundo do amor. Delirava de prazer...

Effectuou-se o casamento dos dois amantes dentro dos 15 dias desejados pelo velho Andrade.

Nova festa se deu na chacara do Paulista.

Nada ahi faltou.

Ernesto estava transportado de amor, e de mais

com uma fortuna solida para tornar-se um homem rico e potentado na nossa avida sociedade...

João de Andrade rendia graças ao Todo Poderoso por ter-lhe outorgado tão grandes beneficios.

Os amores de Ernesto e Emilia ião entrar em sua lua de mel.

A ventura sorria para elles dando-lhes um céu de delicias.

 FIM 

(Nota.) Não era nosso proposito darmos este desfecho ao romance. Tinhamos outro quadro em mente; mas a amargura porque estamos passando, esse golpe terrivel que nos ferio o intimo do coração—a morte prematura de uma esposa extremosa e adorada—nos desviou do esboço que haviamos formado, e por consequente, pedimos desculpa ao benevolo leitor pela precipitação com que demos o final do romance, não nos acudindo á mente desvairada e toda luctuosa as scenas que o remanso do espirito nos tinha apresentado de um modo todo differente.

O AETOR.

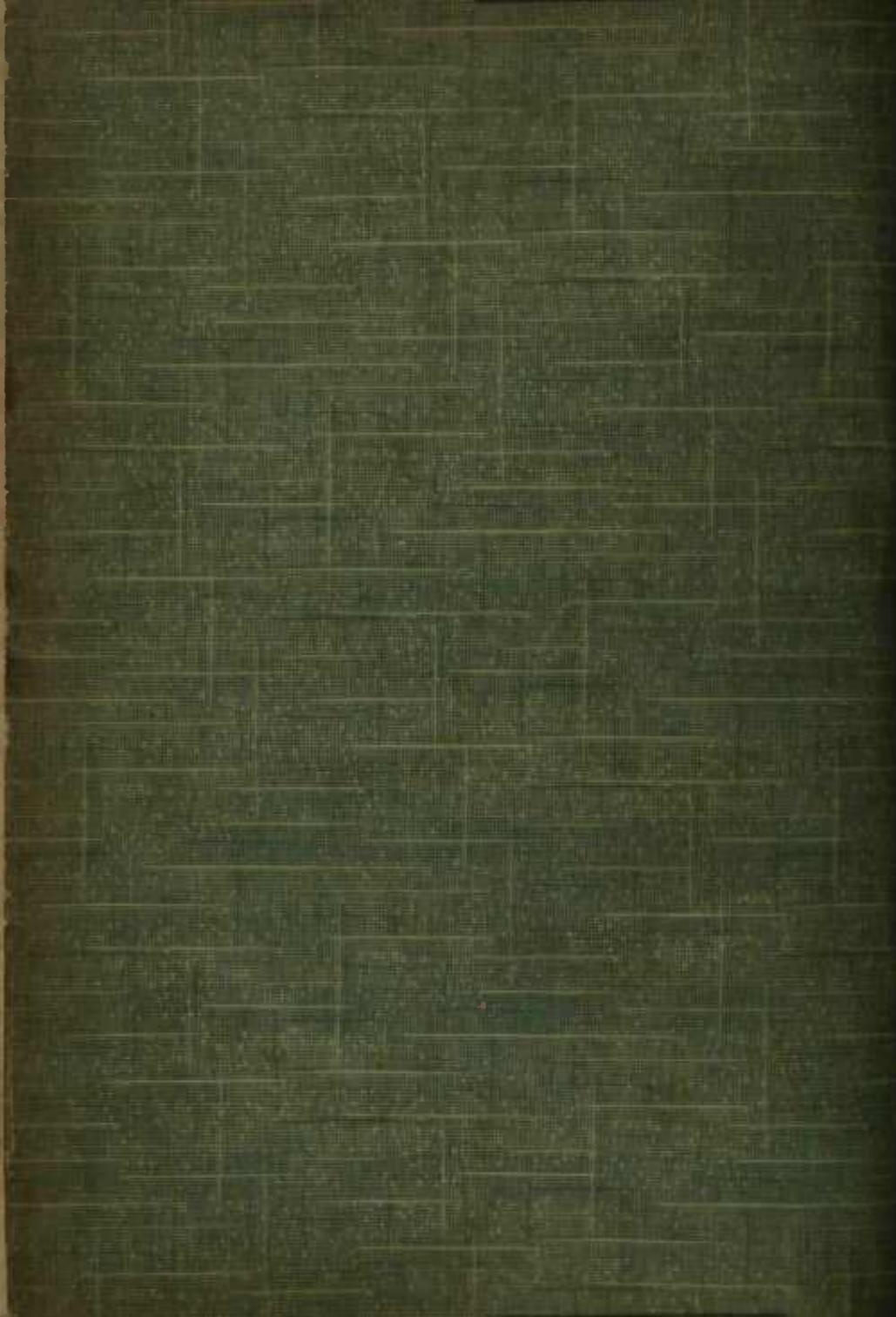
Erratas.

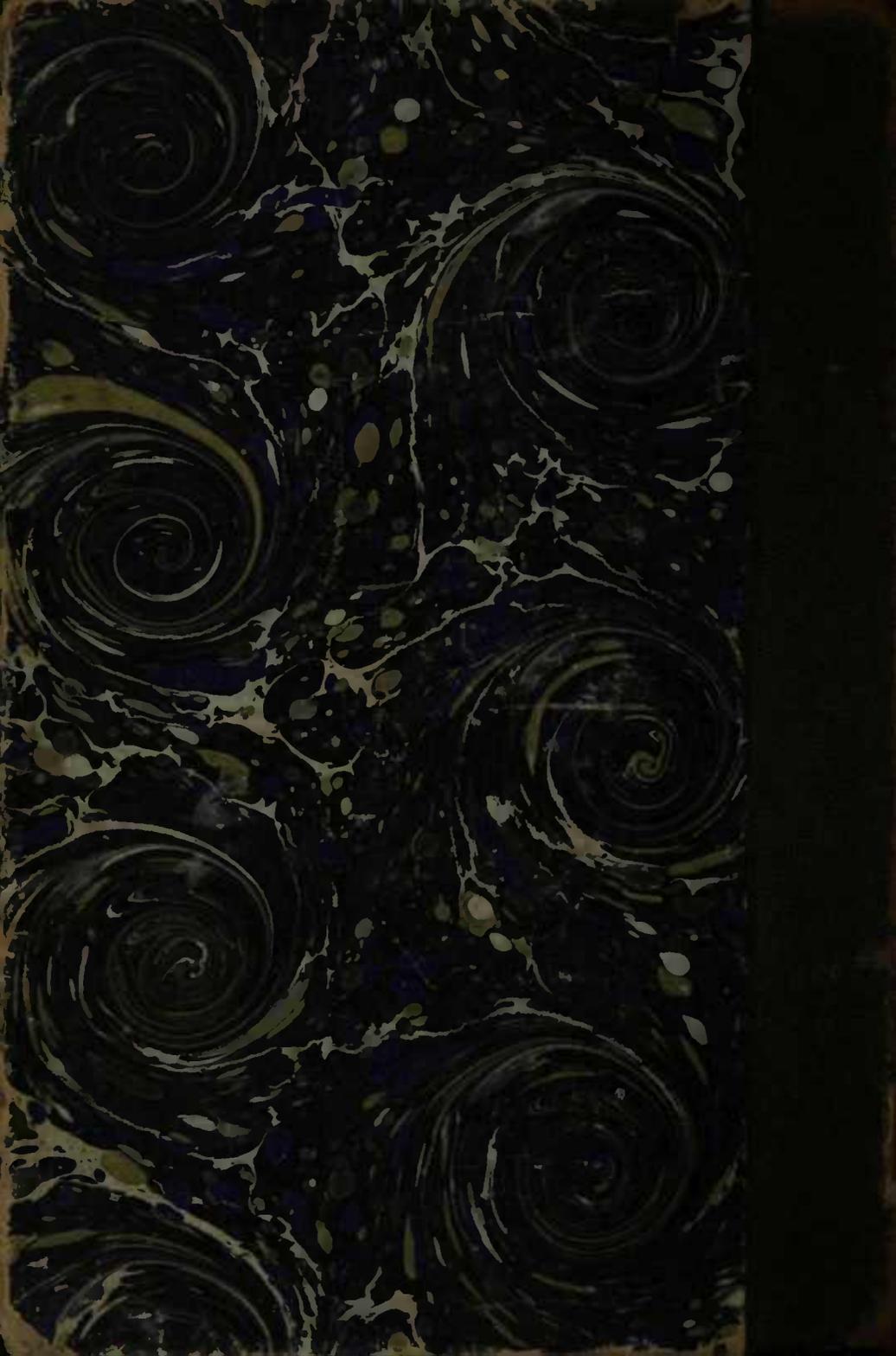
		erro	emmen da
Pag. 70	— linha 14	— importou	— suportou
« 79	« 21	— entreteamento	— entretenimento
« 80	« 6	— accomettesse	— accomettessem
« 177	« 4	— digno	— digna
« 189	« 16	— não ouvio	— não se ouvio
« 188	« 9	— hade	— hasde
« 203	« 24	— era	— não era

Outras que se encontrar a intelligencia do leitor emmendará.

INDICE.

Supplica á Santissima Virgem	17
A carta de Ernesto	19
A condecoração	24
Sombrias pretensões	32
Confidencias intimas	42
Continuação das confidencias	51
O desconhecido	61
Não ha felicidade perfeita	74
O projecto de rapto	81
Planeja-se um rapto. Receios	91
Conversa-se na guerra	101
O romance do amor	110
Pensa-se n'um crime	119
Pesquisas sem resultado	128
Noticias de Ernesto	135
Continuação das confidencias	142
Um quadro de dôr	150
Herezia do povo. Um roubo	158
Tenta-se o plano de rapto	167
Um máo sonho	174
Um attentado sinistro	181
Crimes patenteados. O desconhecido	191
EPILOGO	202





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).